



# Arquitetura Neocolonial

*Debates historiográficos no Brasil (1970-2020)*

JOÃO PAULO CAMPOS PEIXOTO  
FAU-USP, São Paulo 2022



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

JOÃO PAULO CAMPOS PEIXOTO

**Arquitetura neocolonial:**  
Debates historiográficos no Brasil (1970-2020)

São Paulo  
2022



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

**Arquitetura neocolonial:**  
Debates historiográficos no Brasil (1970-2020)

**João Paulo Campos Peixoto**

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lucia Bressan Pinheiro

São Paulo  
2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO, CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Arte da capa: João Paulo Campos Peixoto

Imagem da capa: Largo do Boticário, Rio de Janeiro. Fonte: Fotografia de Adriano Ferreira, disponível em: <[tinyurl.com/ydkx8dbj](http://tinyurl.com/ydkx8dbj)> acesso em 02/03/2022 às 14h35. Reprodução autorizada pelo autor.

Catalogação na Publicação  
Serviço Técnico de Biblioteca  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Peixoto, João Paulo Campos

Arquitetura neocolonial: Debates historiográficos no Brasil (1970-2020) / João Paulo Campos Peixoto; orientadora Maria Lucia Bressan Pinheiro. - São Paulo, 2022.  
162 p.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo.

1. Arquitetura Neocolonial. 2. Arquitetura Historiografia. 3. História da Arquitetura. I. Pinheiro, Maria Lucia Bressan, orient. II. Título.

À minha mãe, Andreia.

## **AGRADECIMENTOS**

Esta dissertação existe, em grande medida, graças a uma ampla rede de apoio que se consolidou ao meu redor, seja de caráter acadêmico, emocional ou ambos.

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Maria Lucia Bressan Pinheiro, cuja orientação e colaboração são inestimáveis. Agradeço também pela parceria e pela amizade que desenvolvemos, mesmo que virtualmente, entre os percalços da pandemia.

Agradeço à minha mãe, Andreia, por todo o apoio que transcende qualquer barreira e limitação, e à minha família como um todo.

Aos professores Joana Mello de Carvalho e Silva e Fernando Atique, pelos comentários na Banca de Qualificação e pelo amplo compartilhamento de conhecimento e referências.

Aos professores e amigos Adriano Tomitão Canas, Cláudia dos Reis e Cunha, Maria Beatriz Camargo Cappello, Luís Eduardo Borda, Lu de Laurentiz e Marília Maria Brasileiro Teixeira Vale, da Universidade Federal de Uberlândia, por terem me aberto as portas da pesquisa acadêmica, por meio de orientações diversas: iniciação científica, monitoria e projetos de extensão.

Ao Serviço de Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) pelo compartilhamento de documentos e digitalizações, em meio à pandemia.

À profa. Aracy Amaral, que permitiu que consultasse seu acervo pessoal no IEB, forneceu-me novos documentos e concedeu-me entrevista acerca de sua atuação junto ao tema desta pesquisa.

À Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e seus professores, por todo o conhecimento transmitido nas disciplinas cursadas.

Às amigas Anne Capelo e Jéssica Melo Rivetti, cujo contato em meio ao turbilhão de questões práticas e emocionais da pós-graduação torna tudo mais leve.

Aos amigos e amigas de Uberlândia e região, em geral, e à Izabel, em específico, por todo o apoio e incentivo.

A todos os profissionais, das mais diversas áreas, que cumpriram seus trabalhos em meio à pandemia de Covid-19 e, assim, permitiram que esta dissertação pudesse ser escrita em casa.

À CAPES, cujo apoio financeiro permitiu que este trabalho fosse realizado.

Enfim, ao meu companheiro de vida, Yuri Sato.

## **RESUMO**

A arquitetura neocolonial foi objeto de leituras e abordagens plurais e contrastantes ao longo da história e da historiografia de arquitetura no Brasil. Amplamente compreendida, inicialmente, como um contraponto à Arquitetura Moderna, as visões consagradas acerca do neocolonial foram diretamente influenciadas pela clivagem tradição-modernidade. Fixada por décadas na historiografia da arquitetura como uma iniciativa de caráter eclético-historicista, a leitura acerca do neocolonial começa a se transformar a partir, sobretudo, de trabalhos publicados nos anos 2000 e 2010, que passam a reconhecer essa manifestação arquitetônica como um ideário, que se vincula a uma série de contribuições ao cenário cultural brasileiro no início do século XX. Esta pesquisa visa analisar os debates e a compreensão estabelecida em torno da temática “arquitetura neocolonial” na historiografia de arquitetura, produzida a partir dos anos de 1970, década que marca o surgimento dos primeiros programas de pós-graduação em arquitetura e urbanismo no Brasil e, por conseguinte, o início da consolidação da pesquisa em história da arquitetura neste país. Para tanto, investigamos, a princípio, os programas de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo brasileiros em linha com sua produção científica neste recorte temático, sob um olhar panorâmico. Em seguida, nos aprofundamos em leituras específicas que compreendem, primeiro, o neocolonial como uma arquitetura de viés eclético-historicista e, na sequência, aquelas leituras que compreendem essa mesma manifestação arquitetônica como um ideário. Diante de toda essa abordagem, identificamos que há, de fato, uma transformação no paradigma historiográfico da arquitetura brasileira que incide sobre o neocolonial, legitimando, inclusive, a sua posição como objeto de pesquisa no campo. Assim, esperamos que este trabalho amplifique as novas abordagens e leituras interpretativas sobre essa arquitetura, para além daquelas visões que já são amplamente estabelecidas e consagradas.

**Palavras-chave:** Arquitetura neocolonial; historiografia; história da arquitetura brasileira.

## **ABSTRACT**

Neocolonial architecture has been the object of plural and contrasting readings and approaches throughout the history and historiography of architecture in Brazil. Widely understood, initially, as a counterpoint to Modern Architecture, the established views on the neocolonial were largely influenced by the tradition-modernity cleavage. Established for decades in the historiography of architecture as an eclectic-historicist initiative, the understanding about the neocolonial architecture begins to change due to a series of works published in the 2000s and 2010s, which begin to recognize this architectural manifestation as an “ideology”, in addition to its contributions to the Brazilian cultural scene at the beginning of the 20th century. This research aims to analyze the debates and the understanding established around the theme “neocolonial architecture” in the historiography produced from the 1970s, a decade that marks the emergence of the first graduate programs in architecture and urbanism in Brazil and, therefore, the rising consolidation of the research on “history of architecture” in this country. In order to do so, we investigated, at first, the Brazilian postgraduate programs in Architecture and Urbanism in line with their scientific production in this thematic cut, under a panoramic view. Then, we delve into specific readings that understand, first, the neocolonial as an architecture with an eclectic-historicist bias and, subsequently, those readings that understand this same architectural manifestation as an ideology. In view of all this approach, we identified that there is, in fact, a transformation in the historiographical paradigm of Brazilian architecture which reflects over the neocolonial architecture theme, even legitimizing its position as an object of research in the field. Thus, we hope that this work amplifies new approaches and interpretive readings on neocolonial architecture, beyond those views that are already widely established and consecrated.

**Keywords:** Neocolonial architecture; historiography; Brazilian architectural history.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Projeto <i>Pax</i> (não construído), autoria de Archimedes Memória, vencedor do concurso realizado pelo ministro Gustavo Capanema em 1935.....	26
<b>Figura 2:</b> Proposta de Lucio Costa e equipe para o edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1936.....	26
<b>Figura 3:</b> Vista do atual Palácio Capanema, antigo edifício do Ministério de Educação e Saúde Pública, 2015.....	26
<b>Figura 4:</b> Porta Norte da Exposição do Centenário da Independência no Rio de Janeiro, 1922.....	32
<b>Figura 5:</b> Pavilhão das Indústrias, 1922.....	32
<b>Figura 6:</b> Indicação geográfica das pesquisas (dissertações e teses) desenvolvidas entre 1970 e 2020 no Brasil.....	40
<b>Figura 7:</b> Publicações envolvendo a arquitetura neocolonial (artigos, livros e capítulos) por década e indicação geográfica da publicação.....	42
<b>Figura 8:</b> Residência Numa de Oliveira na Avenida Paulista, projeto de Ricardo Severo em 1916, concluído em 1917.....	52
<b>Figura 9:</b> Casa da rua Taguá, projeto de Ricardo Severo em 1917.....	53
<b>Figura 10:</b> Casa do arquiteto em Guarujá, projeto de Ricardo Severo em 1922.....	53
<b>Figura 11:</b> Solar Monjope, Rio de Janeiro.....	54
<b>Figura 12:</b> Solar Monjope, Rio de Janeiro.....	54
<b>Figuras 13:</b> Exemplo de fachada em estilo missões. Aquarela de José Maria da Silva Neves, para residência Oscar da Cunha Vasconcelos.....	57
<b>Figura 14:</b> Residência Raul Pedrosa à rua Rumânia, projeto de Lucio Costa e Fernando Valentim, por volta de 1926.....	64
<b>Figura 15:</b> Residência da Sra. Adelaide Daudt de Oliveira à rua Rumânia, projeto de Lucio Costa e Fernando Valentim, 1928.....	64
<b>Figura 16:</b> Projeto neocolonial de Lucio Costa para a residência Ernesto Fontes, 1930.....	65
<b>Figura 17:</b> Capa do livro <i>Arquitetura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos</i> .....	79
<b>Figura 18:</b> Capa do livro <i>Arquitetura Neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade</i> .....	95

<b>Figura 19:</b> Capa do livro <i>Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos de 1920 no Brasil</i> .....	98
<b>Figura 20:</b> Capa do livro <i>Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira</i> .....	101
<b>Figura 21:</b> Capa do livro <i>Arquitetando a “Boa Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945</i> .....	104

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Cronologia dos programas de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e a presença de teses e dissertações que tratam direta ou indiretamente da arquitetura neocolonial.....	37
<b>Tabela 2:</b> Trabalhos que abordam manifestações locais ou regionais da arquitetura neocolonial fora do eixo RJ-SP, de forma direta ou indireta.....	41
<b>Tabela 3:</b> Relação entre o tipo de publicação e a quantidade de trabalhos publicados envolvendo a arquitetura neocolonial, por década.....	43

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1: O NEOCOLONIAL E SUA INSERÇÃO NA HISTORIOGRAFIA DA ARQUITETURA BRASILEIRA</b> .....	20
1.1. A historiografia (modernista) de arquitetura no Brasil e o neocolonial.....	24
1.2. A presença do neocolonial nas pesquisas de história da arquitetura brasileira.....	35
<b>CAPÍTULO 2. UMA LEITURA CONSAGRADA: O NEOCOLONIAL COMO ARQUITETURA ECLÉTICO-HISTORICISTA</b> .....	48
2.1. O livro <i>Arquitetura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos</i> (1994): um marco inicial para o estudo da arquitetura neocolonial.....	71
<b>CAPÍTULO 3. ARQUITETURA NEOCOLONIAL COMO IDEÁRIO: UMA MUDANÇA NO PARADIGMA HISTORIOGRÁFICO</b> .....	80
3.1. A legitimação do neocolonial como objeto de pesquisa no debate historiográfico brasileiro.....	93
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	109
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	114
<b>APÊNDICES</b> .....	136
Apêndice 1: Entrevista com Aracy Amaral.....	136
Apêndice 2: Relatório de teses e dissertações que abordam a arquitetura neocolonial de forma direta ou indireta no recorte temporal 1970-2020.....	147
Apêndice 3: Relatório de livros, artigos, capítulos de livro e outros (relatórios, monografias, resumos...) que abordam a arquitetura neocolonial de forma direta ou indireta, publicados no recorte temporal 1970-2020.....	152

“A história nunca é definitiva, reescreve-se continuamente a partir de cada presente, de cada circunstância cultural, a partir das convicções de cada historiador. Saber desentranhar as motivações, as intenções, as ideologias que, em cada caso, presidem uma obra historiográfica, é o primeiro passo imprescindível para o conhecimento”  
(WAISMAN, 2013:XV)

## INTRODUÇÃO

Seja como “o glorioso estilo neocolonial”, como colocou inicialmente Mario de Andrade (1921), ou como “pseudo-estilo”, segundo chegou a ser abertamente criticado por Lucio Costa (1995:165), o neocolonial foi objeto de leituras e abordagens plurais e contrastantes ao longo da história e da historiografia de arquitetura no Brasil. Entendido, inicialmente, como um contraponto à Arquitetura Moderna, as visões consagradas acerca do neocolonial foram amplamente influenciadas por essa clivagem tradição-modernidade. Fixada por décadas na historiografia da arquitetura como uma iniciativa de caráter eclético-historicista, a leitura acerca do neocolonial começa a se transformar a partir, sobretudo, de trabalhos publicados nos anos 2000 e 2010, que passam a reconhecer essa manifestação arquitetônica como um ideário, que se vincula ainda a uma série de contribuições ao cenário cultural brasileiro no início do século XX. Entre momentos de destaque e significativos hiatos, desde que essa manifestação arquitetônica despontou no cenário brasileiro em 1914, até a contemporaneidade, as interpretações e leituras acerca do neocolonial e de sua importância têm se transformado amplamente.

O neocolonial surge no Brasil em um contexto cultural complexo e transicional. Tem-se como marco inaugural do movimento a conferência proferida em 20 de julho de 1914 por Ricardo Severo, na Sociedade Cultural Artística de São Paulo, *A Arte Tradicional no Brasil*<sup>1</sup>. A data coincide com o deflagrar da *I Grande Guerra* na Europa, o que pode ser apontado como um empecilho inicial à sua difusão e seu rebatimento<sup>2</sup>. O neocolonial viria a alcançar seu apogeu

---

<sup>1</sup> A conferência de Ricardo Severo em 1914 firmou-se como o grande marco inaugural do neocolonial no Brasil para a historiografia, tornando-se uma informação amplamente difundida, presente na maioria dos trabalhos publicados sobre o tema. Vale mencionar que o pesquisador Fernando Atique (2011) se atenta ao fato de que essa informação é pouco debatida no campo. Traz, como contrapartida, o exemplo da sede da *Casa das Américas* (1907), projetada em Washington D.C., que poderia ser apontada como uma realização neocolonial (em um viés pan-americanista) anterior à conferência de Severo. O autor chama atenção, também, ao fato das proposições de Severo não terem sido avaliadas sob um caráter “estrangeiro” ou “exógeno”, ainda que a referência maior para sua arquitetura tradicional no Brasil fosse nomeadamente a cidade do Porto, em Portugal. Cf. ATIQUE, F. *Urduídas Continentais no debate acerca do Mission Style. Notas sobre o Pan-Americanismo na Arquitetura Neocolonial*. Revista Eletrônica da ANPHLAC, v. n.10, p. 174-212, 2011.

<sup>2</sup> “A publicação de sua conferência de 1914 e de outra palestra, proferida na Escola Politécnica de São Paulo em 1917, constituem as primeiras tentativas de sistematização do conhecimento sobre a arquitetura tradicional brasileira. Todavia, a manifestação pioneira de Severo não encontrou rebatimento imediato em forma de obras realizadas, porquanto a deflagração da Primeira Guerra (1914-1918) repercutiu negativamente no ritmo da construção civil no país. Victor Dubugras, nesse sentido, já em

nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro somente nos anos 1920, o que o aproxima cronologicamente de duas vertentes notáveis no cenário cultural e arquitetônico brasileiro: o ecletismo, corrente amplamente em voga naquele momento, e a arquitetura de viés racionalista (que viria a se fixar na historiografia como Movimento Moderno). Em um momento em que a identidade nacional ainda não era consolidada, o neocolonial se insere em um verdadeiro embate ideológico, cuja principal questão se centrava em qual seria a arquitetura representativa da nação (MASCARO, 2008:41; PINHEIRO, 2011:287). Arquitetos e nomes importantes vinculados à defesa do modernismo no Brasil, como Lúcio Costa e Mário de Andrade, teriam se envolvido com o neocolonial em princípio – o que reitera o complexo caráter transicional do período (WISNIK, 2007; SANT’ANA, 2008; MASCARO, 2008; PINHEIRO, 2011). Entende-se, portanto que:

O debate cultural daqueles anos [1920] reveste-se, assim, de maior complexidade, contribuindo para nuançar certo maniqueísmo que ainda prevalece nos estudos a respeito, principalmente no que tange às manifestações arquitetônicas do início do século XX (PINHEIRO, 2011:287)

A arquitetura neocolonial foi amplamente enquadrada como uma variante eclética historicista, “o último capítulo da voga eclética entre nós” (FABRIS, 1993, p.141), o que acaba restringindo sua compreensão a um referencial formal e diminuindo sua importância enquanto movimento inserido na historiografia da arquitetura. A vinculação comum entre a arquitetura neocolonial e a eclética se estabelece, em parte, pela coexistência de ambas em um mesmo contexto. Contudo, o principal ponto de interseção entre essas vertentes reside na linguagem: o neocolonial opera sob um “ecletismo sintático” (PINHEIRO, 2011:44), ao mesclar características da arquitetura colonial brasileira com programas e técnicas construtivas modernas, utilizando-se de referências, soluções e motivos do passado, combinados (e recombinaos) livremente, resultando em composições diversas. Para além da aproximação com o ecletismo, o neocolonial é, por vezes, diminuído em função dos anacronismos e das incongruências formais em sua produção arquitetônica, que se tornam evidentes à luz da contemporaneidade.

O olhar desfavorável ao neocolonial, contudo, atravança a compreensão de sua importância inserida na história da arquitetura nacional. Essa arquitetura configura uma manifestação

---

1915 projetava as primeiras casas de inspiração tradicional na cidade de Santos [Motta 1957].” (SEGAWA, Hugo. 1998:35)

importante e pioneira de reconhecimento da identidade nacional brasileira, a alcançar uma mobilização simbólica e ampla difusão na sociedade, para além dos meios acadêmicos. O que por si só já configura um grande feito para a arquitetura, que essencialmente exige um grande engajamento de tempo e recursos (PINHEIRO, 2011:61).

A ideia da identidade nacional e a própria modernidade eram conceitos que se mesclavam nas primeiras décadas do século XX, especialmente no que concerne à arquitetura, tomada como um instrumento importante para a consolidação da ideia de nação. Em uma sociedade ainda indecisa quanto ao programa modernizador a ser seguido, a diversidade arquitetônica dava vazão a diferentes variantes ideológicas e projetos de transformação (SARQUIS; NETO, 2003, p. 49). O neocolonial era, então, compreendido também como uma arquitetura da modernidade (KESSEL, 2003:111; SUTIL, 2003:5), o que nos levaria a entender, por exemplo, a presença do projeto “Taperinha da Praia Grande”, de clara inspiração neocolonial, de Georg Przyrembel, em local de destaque na Semana de Arte Moderna de 1922<sup>3</sup> (KESSEL, 2003:121). Tudo isso reitera a complexidade do período em que essa arquitetura desponta no Brasil.

O caráter inovador voltado ao desenvolvimento de uma identidade nacional, vinculado à arquitetura neocolonial, se dá em linha com um olhar fundamental à arquitetura do período colonial, sua redescoberta e sua valorização. No Brasil, Pinheiro (2011:26) aponta que, antes da manifestação neocolonial, imperava socialmente o desejo de apagar esse passado colonial, tido como primitivo e retrógrado, em nome do progresso. Ainda na linha da valorização da arquitetura do passado, outra contribuição importante oriunda da difusão da arquitetura neocolonial, consiste no estímulo ao surgimento da ideia preservacionista no Brasil.

Diante de tal perspectiva, no tocante aos trabalhos de história da arquitetura brasileira que tem como temática o neocolonial enquanto enfoque central ou não, levantados por esta pesquisa, pode-se dividir as abordagens realizadas entre dois pontos de vista contrastantes entre si. O primeiro, atrelado principalmente às inaugurais abordagens a respeito do tema, como os manuais de história da arquitetura brasileira, compreende o neocolonial como apenas um estilo, uma variante do ecletismo historicista – mais um “neo” dentre os revivalismos estilísticos do

---

<sup>3</sup> Apesar do exemplo, é válido mencionar que a arquitetura exposta na Semana de Arte Moderna e a própria semana em si tiveram pouca repercussão para além do contexto paulista naquele momento. (KESSEL, 2002:96; PINHEIRO, 2011:95,97)

eclétismo. O segundo, que desponta, principalmente, atrelado à publicação de alguns trabalhos-chave ao assunto, sobretudo a partir dos anos 2000, compreende o neocolonial como um movimento que envolve, além de uma linguagem formal e estética, um ideário associado, sobretudo, às discussões da identidade nacional.

Assim, ainda que um extenso grupo de trabalhos a discutir a arquitetura neocolonial tenha sido levantado por esta pesquisa, é preciso debater as análises e contribuições desses escritos à historiografia da arquitetura brasileira. Até os anos 2000, somente quatro trabalhos são identificados, por esta pesquisa, a discutir o neocolonial como enfoque principal: a dissertação de metrado *As fachadas na arquitetura paulistana: o estilo Missões* (1985), de Eduardo de Jesus Rodrigues, o livro *Arquitetura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos* (1994), organizado por Aracy Amaral; o artigo de William Bittar, *O Movimento Neocolonial na arquitetura do Brasil* (1986), posteriormente publicado como capítulo de livro em 1999; e o artigo *Estilo, Discurso, Poder: Arquitetura Neocolonial no Brasil* (1999) de Carlos Kessel. Isso, sem levar em conta, ainda, a repercussão (certamente diminuta) dessas publicações ou o caráter teórico desses textos. Como veremos adiante, isso é consequência, por um lado, da compreensão que tem o neocolonial como mais uma vertente historicista do eclétismo, englobado, portanto, em publicações cujo tema era a arquitetura eclética<sup>4</sup>. Por outro lado, reflete a influência hegemônica estabelecida por Lucio Costa que, de um modo ou outro, tem seu esquema interpretativo tomado como base para o trabalho historiográfico em arquitetura, cunhando, como aponta Carlos Martins (1987), um mecanismo teleológico da escrita da história da arquitetura (SUTIL, 2003:2; GUERRA, 2010:2, ATIQUE, 2007:9).

“Os escritos do arquiteto [Lucio Costa] têm uma função claramente operativa, visando sempre e, sobretudo, de um lado, divulgar os princípios do movimento moderno no país, e de outro, fundar uma vertente local do movimento. (...) Consequentemente o modernismo apresenta-se nos manifestos do autor como ponto culminante de toda a história da arquitetura, seja no plano internacional, seja nacional, e, vice-versa, esta história é recontada como um processo evolutivo cujo fim último é o surgimento do modernismo” (PUPPI, 1998:182)

---

<sup>4</sup> Até 1965, com a publicação de “Quatro séculos de arquitetura no Brasil” de Paulo Santos, a arquitetura eclética também não tinha amplo espaço nesta historiografia, sendo atribuído, segundo Marcelo Puppi, a Paulo Santos a sua primeira inserção. (PUPPI, 1998, p. 62)



A partir dos anos 2000, os trabalhos acerca do neocolonial apresentam um crescimento significativo. Segundo nossas investigações, tal crescimento é motivado, dentre outros fatores a serem discutidos nesta dissertação, pela publicação de trabalhos centrais para a desconstrução da visão que se “cristalizara” na historiografia acerca do neocolonial: a tese de doutorado de Carlos Kessel, *Entre o pastiche e a modernidade: arquitetura neocolonial no Brasil* (2002), posteriormente publicada na forma de livro, em 2008, pela editora Jauá; a dissertação de mestrado de Joana Mello de Carvalho e Silva, *Nacionalismo e arquitetura em Ricardo Severo: Porto 1869 – São Paulo 1940* (2005), posteriormente adaptada como livro, em 2007, publicado pela editora Annablume, em São Paulo, e pela editora Dafne, no Porto; o já citado trabalho de livre docência de Maria Lucia Bressan Pinheiro, de 2005, *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*, posteriormente publicado na forma de livro em, 2011, pela Editora da Universidade de São Paulo; e a tese de doutorado de Fernando Atique, *Arquitetando a “Boa Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945* (2007) publicada como livro, em 2010, por Pontes Editores, em São Paulo. Apesar da influência desses trabalhos e do aumento significativo no número de publicações sobre o tema, ainda é uma minoria que centra o enfoque do trabalho na arquitetura neocolonial somente. É preciso compreender a natureza dos trabalhos, seus objetivos e os diálogos que traçam entre as pesquisas, para construirmos, de forma mais aprofundada, uma noção geral do grupo de pesquisas que discute a arquitetura neocolonial no Brasil.

É importante frisar que as aproximações entre o neocolonial e o ecletismo, para além da necessidade de identificá-las separadamente, não constituem um problema a este trabalho. A partir do olhar contemporâneo, é fácil reconhecer que o neocolonial, de fato, usou-se de um *modus operandi* eclético<sup>5</sup>, e que também se aproxima de uma arquitetura de viés historicista e/ou revivalista, sobre a qual também emergem novos estudos, análises e pontos de vista. O problema que aqui se enfrenta, na verdade, é a tendência analítica de encarar essas manifestações arquitetônicas como menos legítimas, por questões relacionadas somente à sua linguagem. Utilizar-se de um *modus operandi* eclético não deslegitima a contribuição da arquitetura neocolonial às pautas com que se envolveu, a citar: a discussão sobre identidade

---

<sup>5</sup> Expressão utilizada por Pinheiro (2011) no trabalho *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*, a citar exemplo da página 288, ao fim do segundo parágrafo.

nacional e a busca de uma arquitetura tipicamente brasileira, a valorização da arquitetura colonial do Brasil e, mais indiretamente, o incentivo ao debate preservacionista neste país. Em síntese,

“[...] tal procedimento [o ecletismo sintático] estava inteiramente de acordo com a cultura arquitetônica da época; o que se afigura incoerente, além de anacrônico, é desqualificar a produção do período a partir de critérios incorporados posteriormente ao discurso teórico sobre arquitetura” (PINHEIRO, 2011:288).

O que se almeja nesta dissertação é debater esses pontos de vista contrastantes, identificando transformações, avanços e aprofundamentos na historiografia da arquitetura, a partir dos anos de 1970, nas discussões ao redor do neocolonial, trazendo à luz as importantes contribuições das fontes bibliográficas e documentais que aprofundam essa discussão. Buscamos entender as diferentes vertentes de compreensão da arquitetura neocolonial na historiografia, seja como “estilo” ou como “movimento”, retomando textos e pesquisas importantes sobre a história da arquitetura no Brasil. Esse recorte temporal voltado à década de 1970 é definido principalmente em decorrência do surgimento dos primeiros programas de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo no Brasil (mestrado: EESC-USP, 1971; FAU-USP, 1972), o que, por conseguinte, leva à consolidação e à institucionalização do trabalho de pesquisa em história da arquitetura e do urbanismo no país. É válido mencionar também, sob mais ampla perspectiva, que os anos de 1970 marcam uma série de transformações no campo da arquitetura e de sua historiografia, a serem mais amplamente debatidos no Capítulo 1<sup>6</sup>.

Todo esse panorama marca as investigações de nosso trabalho e reflete também nas pesquisas de história da arquitetura desenvolvidas no Brasil – com enfoque no neocolonial, neste caso –, que compõem nossas fontes e são o alvo de nossa discussão. Essa pesquisa surge justamente porque se identificam novas perspectivas no pensar acerca da história da arquitetura brasileira em geral, que vêm a incidir sobre compreensões acerca da arquitetura neocolonial em específico. Em acordo com o que pontua Marina Waisman (2013:4): “A história (...) é constantemente reescrita, e a historiografia permite a dupla leitura da matéria tratada e da ideologia do momento histórico em que foi estudada”. A pesquisa de mestrado, que se estende por dois anos, compreendeu, assim, uma primeira varredura panorâmica nos programas de pós-

---

<sup>6</sup> Cf. p. 20.

graduação, em busca de pesquisas que envolviam de forma direta ou indireta a temática da arquitetura neocolonial publicadas entre 1970 e 2020, através dos bancos de teses e dissertações dos programas de pós-graduação, da *Plataforma de Teses e Dissertações da CAPES* e de acervos e bancos de dados disponibilizados *online*, como *SciELO*, *Google Scholar* e *Science Direct*. Esse levantamento de dados será mais bem destrinchado no Capítulo 1<sup>7</sup>. A primeira varredura foi realizada em sincronia com a sistematização dos documentos e a construção de um banco de dados no Excel, conforme apresentado nos Apêndices 2 e 3<sup>8</sup>. Posteriormente, foi realizada a leitura e o fichamento dos trabalhos identificados, bem como da bibliografia complementar à pesquisa, de forma a construir uma revisão bibliográfica circunscrita, de modo, também, a situar e contextualizar o trabalho diante das perspectivas da história geral e da história da arquitetura. A pesquisa previu, ainda, uma leitura dos estatutos sociais das fontes identificadas, buscando reconhecer a repercussão destes trabalhos, quem eram seus autores e orientadores, com quem dialogavam etc., dentro do que era possível rastrear mediante o contexto pandêmico. Como este trabalho se constitui de uma leitura bibliográfico-documental, a construção da revisão bibliográfica e da sistematização das fontes ocupou, grosso modo, a integridade de duração da pesquisa e é, inclusive, parte significativa de seus resultados.

Essa forma de conceber a leitura e a investigação acerca das pesquisas aproxima nossos esforços de premissas da *história cultural* e da *história intelectual*, na perspectiva de que as ideias não se desenvolvem de forma isolada daqueles que a articularam, discutiram e escreveram. Assim, estabelece um diálogo com as análises de Roger Chartier (2002; 2011) ao discutir o uso das fontes textuais: o autor reitera a necessidade de se analisar e criticar o documento em si, mas também refletir sobre o seu “estatuto social”, a dimensão “fora-do-texto” (CHARTIER, 2011:20; 235), extrapolando a leitura do conteúdo do texto em si, que é evidentemente imprescindível, e compreendendo também a materialidade dessas fontes, sua produção, sua publicação, sua recepção e sua crítica.

Idealmente, esperamos que este trabalho colabore para a formação de novas visões para problemas historiográficos que, apesar de anteriores, não fizeram parte do horizonte de preocupações da pesquisa em história da arquitetura até então, sobretudo acerca das discussões teóricas em torno da produção arquitetônica ao início do século XX no Brasil (1910-1930), que

---

<sup>7</sup> Ver: Tópico 1.2. *A presença do neocolonial nas pesquisas de História da Arquitetura Brasileira*, p. 35.

<sup>8</sup> Ver: Apêndices, p. 147; 152.

teria se cristalizado nos estudos como um “hiato estrangeirizante entre produções artísticas tidas como ‘autenticamente’ nacionais” (PUPPI, 1995:560). Nesse suposto “hiato” residiram, por décadas, a arquitetura neocolonial e a eclética, além de outros fatos históricos importantes atrelados a essa vertente arquitetônica, como a Exposição do Centenário da Independência no Rio de Janeiro, em 1922<sup>9</sup>. Ainda que a ideia de hiato já venha sendo desconstruída, trabalhos relativos à arquitetura neocolonial ainda carecem de uma devida inserção no campo da historiografia de arquitetura brasileira: um estudo sobre os debates historiográficos a respeito do neocolonial ainda não havia sido desenvolvido até então. Parece oportuno que seja feito agora, ao início da década de 2020, cem anos após o apogeu da arquitetura neocolonial nos anos de 1920 no Brasil. Assim, espera-se que esta pesquisa amplifique as novas abordagens e leituras interpretativas sobre a arquitetura neocolonial, para além das visões que já são amplamente estabelecidas e consagradas.

De modo a alcançar esses objetivos, elaboramos um primeiro capítulo que visa estabelecer um quadro inicial de referências a construir uma leitura do estado da arte das pesquisas de história e historiografia da arquitetura que discutem o neocolonial, em linha com os programas de pós-graduação em que foram desenvolvidas. Em *O neocolonial e a sua inserção na historiografia da arquitetura brasileira* é apresentado o levantamento que pauta toda a pesquisa: a identificação dos trabalhos que envolvem a arquitetura neocolonial, defendidos e publicados em programas de pós-graduação entre 1970 e 2020, bem como a análise desse *corpus documental* a partir de recortes temporais e geográficos, visando compreender os avanços e particularidades das produções teórico-acadêmicas no assunto. A partir desse grupo circunscrito de trabalhos, coloca-se uma abordagem do campo referente à historiografia de arquitetura no Brasil (de caráter modernista) em linha com nosso objeto de estudo, e uma reflexão sobre a presença do neocolonial nestes debates.

No segundo capítulo, *Uma leitura consagrada: O neocolonial como arquitetura eclético-historicista*, concentra-se uma leitura histórica acerca das compreensões consolidadas

---

<sup>9</sup> Aos contemporâneos da Exposição Internacional do Centenário da Independência em 1922 no Rio de Janeiro, a mesma teria lugar de destaque na história do país. Contudo, a sedimentação de “cânones historiográficos” fez com que essa Exposição caísse no esquecimento. Em detrimento dessa, a Semana de Arte Moderna, no mesmo ano em São Paulo e de muito menor alcance à época, foi associada à ideia de modernidade de fato. (SANT’ANA, 2008, p.11) A arquitetura expressa na Exposição no Rio era, sobretudo, neocolonial.

envolvendo a arquitetura neocolonial que, em geral, a compreendem como parte de uma arquitetura eclético-historicista. Para tanto, investigamos as raízes da terminologia “neocolonial” e o seu uso. Buscamos compreender, ainda que brevemente, as noções que dividem os conceitos de “estilo” e “movimento” para construir uma abordagem mais concreta a respeito do assunto, bem como outros conceitos recorrentes ao estudo do neocolonial, como a ideia de “*revival*”. A partir dessas discussões, nos voltamos, enfim, à análise de como o tema começa a aparecer e ascender na historiografia. É neste capítulo que se apresenta a análise da construção historiográfica que fixa a compreensão no que se refere ao neocolonial a longo prazo. Estudamos, enfim, a publicação antológica *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*, organizada por Aracy Amaral (1994), documento que consideramos um marco de virada nos estudos sobre o neocolonial, sobretudo por seu caráter de mapeamento, e, ao mesmo tempo, um importante fator para sua compreensão como uma arquitetura historicista.

O terceiro capítulo, *Arquitectura neocolonial como ideário: Uma mudança no paradigma historiográfico*, concentra as discussões que atualizam as noções acerca da arquitetura neocolonial. Nos voltamos à análise dos trabalhos que compreendem a arquitetura neocolonial em sua integridade: através de suas falhas, mas também de seus avanços e contribuições, cuja importância se destaca, vinculada a desdobramentos significativos ao campo da arquitetura de forma geral, sobretudo no que concerne ao desenvolvimento de uma identidade nacional brasileira, a repercutir inclusive em mecanismos e particularidades da Arquitetura Moderna Brasileira, e também no campo referente à preservação do patrimônio cultural neste país. Exploramos, ainda, neste capítulo, a legitimação do neocolonial como um objeto de pesquisa no debate historiográfico brasileiro – desenvolvimento que percorre um caminho que, apesar de tortuoso, é ascendente. Para tanto, investigamos os trabalhos que, segundo nossa investigação, colaboram para essa revisão de paradigma, as relações que estabelecem com esse referencial teórico anterior e o aprofundamento que as novas leituras e colaborações acarretam para a historiografia de arquitetura no Brasil.

As *considerações finais* propõem, como síntese, um amplo balanço do que foi discutido, compreendendo a importância e as limitações dos debates historiográficos acerca da arquitetura neocolonial. Buscamos ressaltar a importância de uma investigação como a que se propõe neste trabalho, contemplando as múltiplas versões historiográficas a respeito de um mesmo fato

histórico. Algo que propicia uma expansão do olhar à historiografia de arquitetura no Brasil, permitindo um aprofundamento significativo das discussões e colaborando, enfim, na conformação de um horizonte historiográfico mais coeso e completo para a arquitetura brasileira.

## **CAPÍTULO 1: O NEOCOLONIAL E SUA INSERÇÃO NA HISTORIOGRAFIA DA ARQUITETURA BRASILEIRA**

Estudar a arquitetura neocolonial a partir dos debates historiográficos relativos à arquitetura brasileira envolve a compreensão das particularidades de um campo disciplinar que se estabeleceu neste país, grosso modo, calcado no referencial hegemônico da Arquitetura Moderna, cujas construções narrativas estariam amplamente voltadas à afirmação da superioridade da arquitetura do Movimento Moderno. Essa hegemonia modernista, apesar de supostamente superada, ainda deixa marcas em estudos históricos e historiográficos que se desenvolvem até o presente. Não por acaso, a “trama narrativa” da Arquitetura Moderna Brasileira, inaugurada a partir da publicação do livro *Brazil Builds* (1943), estabeleceu-se como um discurso dominante que se mescla com a própria ideia da historiografia de arquitetura no país (MARTINS, 1987; FREIRE, 2015) e certamente se fez presente nas instituições onde se produz o conhecimento acerca da história da arquitetura. Também por isso, a discussão envolvendo o Moderno perpassa amplamente nossa discussão principal, envolvendo o neocolonial e a historiografia.

As relações entre os arquitetos e a prática da história, em uma perspectiva global, são atravessadas por uma série de transformações, entre aproximações e afastamentos, que refletem diretamente na produção historiográfica de seus respectivos contextos e recortes temporais. No cenário posterior à Segunda Guerra Mundial, segundo elucida Cohen (2011:46), as fronteiras que separavam o arquiteto-projetista e o arquiteto-historiador ainda não eram delimitadas: organicamente, os arquitetos concebiam a história e a crítica ao mesmo tempo em que atuavam na produção arquitetônica. Essa dupla atuação, sobretudo pela proximidade com a prática arquitetônica, não deixava de influenciar nas narrativas historiográficas concebidas, tendo em vista que essa geração específica era oriunda da fundação do Movimento Moderno e de seus embates constitutivos. No Brasil, para além da escrita da história, esses intelectuais-arquitetos se vincularam também à iniciativa estatal e à institucionalização da preservação do patrimônio nacional.

Sob essa postura historiográfica operativa<sup>10</sup>, vinculada a esses historiadores oriundos do Movimento Moderno, uma série de edifícios, arquitetos e narrativas não despontaram no horizonte de preocupações dos estudos historiográficos. Cohen (2011:46) reitera que a história da arquitetura é fundada em processos de inclusão e exclusão a estabelecer sua ordem de atribuições, o que tende “a uma espécie de falsificação narrativa e a uma fixação fetichista em figuras e prédios”. Ainda, segundo o autor, os primeiros textos a desviarem dessa tendência aspiram uma reabilitação de arquitetos que não foram enquadrados nas narrativas triunfalistas desses historiadores da modernidade. Essa inserção, contudo, era articulada ainda sob um viés operativo, com uma tendência moralizante como seu fim.

Essas transformações na historiografia de arquitetura elucidadas por Jean-Louis Cohen se destacam, sobretudo, a partir dos anos de 1970 – data que, não por acaso, define também o recorte temporal de nossas investigações. Em acordo com Cohen (2011), Lira (2011:13) também destaca as transformações no campo historiográfico relativo à década de 1970, notadamente: a aproximação entre os arquitetos e a intelectualidade, marcando a atuação ambivalente do arquiteto como historiador e intelectual; e a clivagem entre o projeto de autonomia disciplinar da arquitetura ante o postulado de determinação histórica do trabalho projetual. Além disso,

“(…) desde aos anos 1970, a criação de uma nova geração de revistas não profissionais, mas de acento teórico, crítico ou ensaístico, como *Archithese* (1971), *Contropiano* (1971), *Oppositions* (1973), *Architecture Mouvement Coninuite* (1974), *Architecture bis* (1974) entre outras, a renovação de plataformas editoriais de periódicos estabelecidos, como *L'architecture d'Aujourd'hui*, *Casabella* ou *Zodiac*, a sofistificação do ensino de história em cursos de graduação e a criação de programas de doutorado em arquitetura, com a formação de equipes e padrões mais estáveis de pesquisa em toda parte, a multiplicação de estudos monográficos rigorosos, com fontes e bibliografias mais amarradas, parecem ter estimulado uma onda mundial de especialização em história da arquitetura” (LIRA, 2011:14)

---

<sup>10</sup> Para uma compreensão mais ampla acerca da historiografia operativa, ver: (LIRA, 2009).



Frente a essas transformações na historiografia de arquitetura em amplo contexto, no Brasil, a década de 1970 marca o surgimento dos primeiros programas de pós-graduação em arquitetura e urbanismo (mestrado, inicialmente), em 1971 na Escola de Engenharia de São Carlos (EESC-USP), e em 1972 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), a partir do qual o campo vem a alcançar uma maior maturidade, sobretudo em 1980 e 1990 (SILVA; CASTRO, 2016). O primeiro programa de doutorado no país data de 1980, na FAU-USP. É preciso ter em vista esse panorama para articular a identificação e a compreensão do surgimento e do avanço, ainda que lento e gradual, das pesquisas em torno do neocolonial na historiografia de arquitetura. Isso porque no campo historiográfico,

“Dentre as múltiplas inversões propostas, surge também a do centro e da periferia, tanto de maneira concreta quanto metafórica. É de fato nos anos 1970 que florescem as análises situando nos subúrbios das grandes cidades, no encontro das políticas de reforma social e de invenção arquitetônica, o verdadeiro núcleo da modernidade europeia. *Ao mesmo tempo, movimentos e experiências considerados marginais ou contraproducentes na saga do ‘Movimento Moderno’, tal como ela havia sido retraçada até ali, assumem um papel central. É o caso da figura de Hannes Meyer, excluído da história oficial da Bauhaus, da de Heinrich Tessenow e, de modo geral, da de todos os arquitetos operando à margem da modernidade quanto na fronteira do tradicionalismo*”. (COHEN, 2011:48, grifo nosso)

Ainda que essas inversões e transformações pontuadas por Jean-Louis Cohen (2011) e José Lira (2011) sejam lidas sob um prisma geral, sobretudo europeu, e que não necessariamente representam a realidade do campo no Brasil, é válido destacar que existem interfaces: essas transformações repercutem também no país, ainda que posteriormente. A arquitetura neocolonial enquanto temática, por exemplo, apresenta uma série de cruzamentos com as mudanças de enfoque historiográfico pontuadas pelos autores. Primeiramente porque pode ser entendida como uma arquitetura “da modernidade”, que aspirava refletir sobre a identidade nacional dos países latino-americanos (POTES; PAZ; ARBOLEDA, 2000; KESSEL, 2008), marginal em relação à arquitetura dos Modernos. Por configurar-se como uma arquitetura essencialmente latino-americana e autóctone, também pode ser compreendida em linha com discussões no

prisma das relações centro-periferia na arquitetura. Mas para além disso, a arquitetura neocolonial assumiu, para a historiografia da arquitetura brasileira, uma posição de antagonista diante da arquitetura do Movimento Moderno por meio da clivagem tradição-modernidade, que pautava os debates culturais no país na virada do século XIX para o XX (PINHEIRO, 2011). Tudo isso, anterior às referidas inversões no campo de estudo, colocava essa manifestação arquitetônica à margem das discussões historiográficas, sendo relegada, junto às arquiteturas ecléticas do século XIX, a um amplo esquecimento. Paradoxalmente, o avanço nos estudos destaca que uma série de particularidades atribuídas à Arquitetura Moderna concebida no Brasil seria oriunda justamente de relações e cruzamentos de seus arquitetos e intelectuais com o neocolonial (SANTOS, 1981; PINHEIRO, 2011; MASCARO, 2008).

Toda essa mencionada transformação na historiografia de arquitetura teria ocorrido, na Europa, principalmente a partir da década de 1970. No Brasil, contudo, só viria a ser sentida de forma mais significativa, ao menos com relação ao estudo da arquitetura neocolonial, a partir dos anos de 1980. Com exceção de Paulo Santos – cuja primeira edição do livro *Quatro séculos de arquitetura* data de 1965 –, que discute o neocolonial de forma genuinamente antecipada, outros trabalhos com esforços marcadamente historiográficos acerca do neocolonial só vêm a despontar de forma mais expressiva a partir dos anos de 1990 e 2000.

A hipótese que permeia as relações entre as transformações na historiografia de arquitetura e a emergência da arquitetura neocolonial como pauta de pesquisas e debates historiográficos configura parte do enfoque deste primeiro capítulo. Ao propor um trabalho de viés bibliográfico e documental a respeito das compreensões e conceitos que gravitam ao redor da arquitetura neocolonial, a pesquisa reconhece a necessidade de uma abordagem mais ampla acerca do campo historiográfico da arquitetura, com enfoque nas discussões próprias do Brasil e, por conseguinte, de suas disputas conceituais – além de uma compreensão do contexto específico em que esses trabalhos são desenvolvidos e publicados. A partir disso, emerge-se à pesquisa a necessidade de uma breve investigação sobre como funcionava a produção historiográfica no país, em linha com o surgimento e a consolidação dos programas de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo nos anos de 1970. Parece oportuno abrir a discussão com um balanço do estado da arte no tocante a pesquisas e publicações envolvendo o neocolonial, junto de uma problematização do

campo de estudo, de modo que essas noções respaldem o posterior desenvolvimento das discussões nesta dissertação.

Com isso em mente, este capítulo inicial visa contemplar algumas perguntas importantes à reflexão, cujas respostas permearão amplamente o debate que se segue. A citar: quando é que o tema do neocolonial se torna interessante e relevante para a historiografia de arquitetura? Como esse tema é absorvido pelos trabalhos publicados e pelas pesquisas vinculadas aos programas de pós-graduação no país? Essas leituras se difundem e são realizadas por todo o território nacional? Para tanto, é necessário um aprofundamento nas particularidades desse território complexo que é a historiografia de arquitetura no Brasil e um mapeamento específico das pesquisas que tratam da temática neocolonial na arquitetura.

### **1.1. A HISTORIOGRAFIA (MODERNISTA) DE ARQUITETURA NO BRASIL E O NEOCOLONIAL**

Em linha com as discussões oriundas das transformações no campo da historiografia de arquitetura e buscando compreender como se dão essas relações em contexto brasileiro, torna-se importante uma abordagem, ainda que breve, da trajetória desse campo de estudo no Brasil. Reconhecendo, evidentemente, que abordar essa historiografia de forma ampla configura um esforço significativo, buscamos refletir sobre passagens importantes à nossa discussão específica e ao nosso objeto de estudo, isto é, a produção historiográfica brasileira (modernista) em linha com a arquitetura neocolonial.

No Brasil, assim como coloca Cohen (2011), para o contexto geral pós-guerra, a historiografia de arquitetura começa a se consolidar como um campo disciplinar de forma bastante vinculada a uma concepção operativa e amplamente vinculada aos preceitos da arquitetura do Movimento Moderno. Isso se dá, sobretudo, pela atuação dos intelectuais que tomam para si a escrita da história da arquitetura neste país, os mesmos envolvidos na consolidação e na difusão do discurso hegemônico da Arquitetura Moderna Brasileira. Para além da escrita da história arquitetônica nacional, esses mesmos intelectuais foram os responsáveis pela institucionalização do campo da preservação do patrimônio no país, com a criação, em 1937, do então chamado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional (Decreto-lei n. 25 de 1937)<sup>11</sup>, também ancorado, inicialmente, nos preceitos do Movimento Moderno em detrimento das manifestações que eram tidas como contraproducentes à sua concepção arquitetônica: o ecletismo, junto do qual se aglutinava o neocolonial. A representação desses intelectuais se concentraria principalmente na figura de Lucio Costa, por sua profícua atuação e reconhecimento, mas contava também com outros nomes importantes como Mario de Andrade. Toda essa historiografia abordada neste tópico, relativa ao século XX, pode ser tomada como uma historiografia modernista – isto é, que confirmava a superioridade da Arquitetura Moderna ante as demais manifestações arquitetônicas em voga no mesmo período. Aliás, os próprios autores ao discutirem a historiografia de arquitetura brasileira nesse contexto, em geral, partiam do pressuposto de que nos anos de 1930 o modernismo, bem como o grupo modernista, já estava consolidado – algo sobre o qual cabe a discussão.

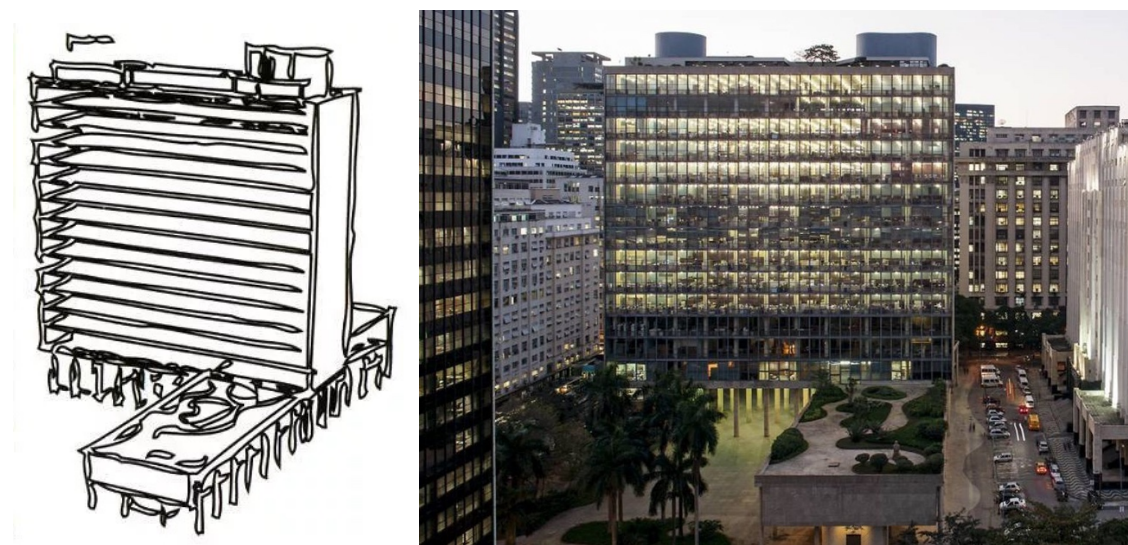
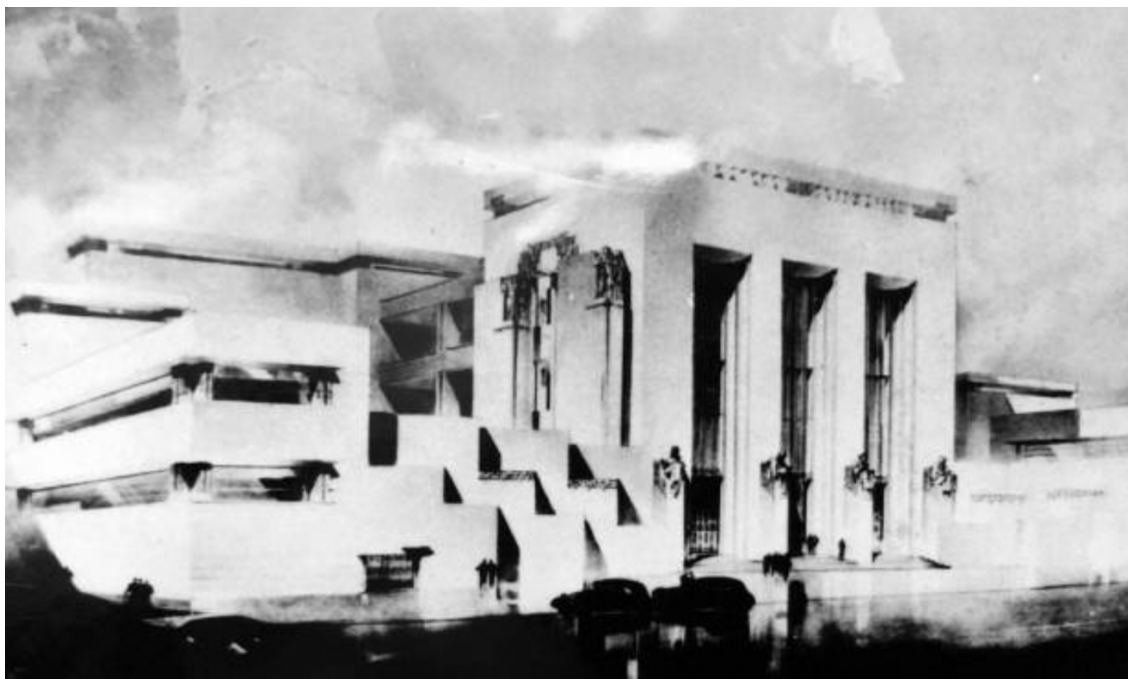
A presença dos “modernistas na repartição”, usando a expressão de Lauro Cavalcanti (1993), vinculada ao governo de Getúlio Vargas, é um ponto basilar para a compreensão dessa linha historiográfica modernista. A aproximação dos intelectuais modernistas com o Estado denota a crença do modernismo no caráter de renovação e transformação atribuído a este, além da possibilidade concreta de aplicar os seus preceitos teóricos de reinterpretação e reinvenção do país na prática (CAVALCANTI, 1993). É através dessa aproximação, marcada simbolicamente pela escolha do projeto e dos arquitetos para a construção da sede do Ministério da Educação e Saúde Pública<sup>12</sup> (1936-45) no Rio de Janeiro (Figuras 1, 2 e 3), e da composição do corpo intelectual do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1937, que se dá o êxito do modernismo como política cultural no Brasil. Com essa articulação, esses intelectuais modernistas passam a “deter as rédeas da edificação do futuro e da reconstrução do passado ou, em outras palavras, escrever simultaneamente o mapa astral e a árvore genealógica do país” (CAVALCANTI, 1995:182). Essa árvore genealógica teria em suas raízes a arquitetura

---

<sup>11</sup> Sobre a consolidação do campo do patrimônio no Brasil, ver: CHUVA, Marcia. *Os arquitetos da Memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

<sup>12</sup> O projeto para o edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública foi aberto à concurso público, cuja proposta vencedora fora do arquiteto Archimedes Memória, concebida em estilo eclético. Arbitrariamente preterida pelo ministro Gustavo Capanema que, com aval do presidente, solicitou novo projeto (Moderno) à equipe composta por Lucio Costa, Affonso Reidy, Ernani Vasconsellos, Carlos Leão, Jorge Moreira e Oscar Niemeyer. (XAVIER, 1987)

colonial brasileira, mas aqueles galhos que destoassem da trajetória proposta, de veia eclética ou neocolonial, seriam podados.



**Figuras 1, 2 e 3:** Respectivamente: Projeto *Pax* (não construído), autoria de Archimedes Memória, vencedor do concurso realizado pelo ministro Gustavo Capanema em 1935; Proposta de Lucio Costa e equipe para o edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1936 (Fonte: Verbete “Projeto para o Ministério da Educação e Saúde Pública”<sup>13</sup>, s.p.); Vista do atual Palácio Capanema, antigo edifício do Ministério de Educação e Saúde Pública, 2015 (Fonte: Reprodução fotográfica de Leonardo Finotti<sup>14</sup>)

<sup>13</sup> Disponível em:

<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbetes=594#prettyPhoto> acesso em 21/03/2022 às 17h20min.

<sup>14</sup> Disponível em: <http://arqguia.com/obra/palacio-gustavo-capanema-mec/?lang=ptbr> acesso em 21/03/2022 às 17h32min.

Essa discussão é articulada também por Marcelo Puppi (1998) no livro *Por uma história não moderna da arquitetura brasileira*. Puppi trata de debates relativos à historiografia de arquitetura no Brasil e suas estruturas narrativas, de forma a elucidar, sobretudo, o apagamento do ecletismo dessa “linha evolutiva” em que se pautava a história da arquitetura nacional. Puppi (1998) aponta que os intelectuais modernistas, nomeadamente Lucio Costa, ao esquematizarem essa historiografia a partir de um viés evolutivo, que emergia na arquitetura colonial e atingia seu ápice na arquitetura moderna, teriam considerado o ecletismo (e o Neocolonial, por conseguinte) como um estrangeirismo desqualificado. Aponta também que leituras historiográficas posteriores, a citar o exemplo de *Arquitetura Contemporânea no Brasil* de Yves Bruand (1981), reverberariam a narrativa de Costa em suas apresentações e articulações (PUPPI, 1998:101).

No Brasil, os campos da historiografia da arquitetura e da cidade, enquanto disciplinas, só vieram a se firmar de fato entre os anos de 1980 e 1990, quando houve a consolidação dos programas de pós-graduação ao redor do país, para além daqueles pioneiros vinculados à Universidade de São Paulo nos anos de 1970 (SILVA; CASTRO, 2016:4). Antes dessa consolidação efetiva, porém, já existiam publicações e produções textuais que se estabeleciam fora da linha historiográfica, partindo de outros interesses além da história da arquitetura em si. Escritos que visavam outros propósitos, muitas vezes voltados a um público mais amplo, a uma audiência não especializada. É o caso de livros de amplo reconhecimento, como *Brazil builds: architecture new and old, 1652-1942* (1943) escrito por Phillip Goodwin, que constitui livro-documento importante para a compreensão da história da arquitetura moderna brasileira, tido como o marco inaugural dessa “trama historiográfica” da arquitetura brasileira (MARTINS, 1987; FREIRE, 2015), produzido inicialmente como catálogo da exposição de mesmo nome no MoMA, em Nova Iorque. É válido mencionar que este livro, por sua vez, também tem suas construções narrativas derivadas daquelas de Lucio Costa – cujo enfoque se volta ao Brasil colonial e ao Brasil moderno, em detrimento da abordagem de obras do século XIX.

Na perspectiva da escrita da história da arquitetura brasileira, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) assume um papel importante que se estabelece a partir de publicações e documentações que são oriundas de sua atuação. Tais publicações consistiam, inicialmente, de pareceres técnicos, inventários, artigos e monografias,

produzidos no próprio trabalho da instituição ou em cursos voltados à capacitação de seu corpo de funcionários e técnicos. A publicação da *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, vinculada à instituição e veiculada desde seu surgimento em 1937<sup>15</sup>, também é um ponto focal importante. Desse meio, surgiram trabalhos como *O Desenvolvimento da civilização material no Brasil*, monografia desenvolvida por Afonso Arinos de Melo Franco em novembro de 1941, editada pelo Sphan na série *Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (1944). Esse livro marca um esforço inédito na interpretação da história nacional em vias da preservação do patrimônio (RIBEIRO, 2013:55). Contudo, com esforços mais voltados ao inventário da arquitetura e sua preservação, as publicações feitas por intermédio do Sphan não eram essencialmente textos com a metodologia própria a trabalhos de história *stricto sensu*.

Antes da referida consolidação dos primeiros programas de pós-graduação no Brasil, a produção que era de fato historiográfica, exígua naquele momento, era oriunda, como aponta Guerra (2010:2), “da falta de consistência teórica e metodológica” da pesquisa realizada nas universidades brasileiras, além do caráter endógeno nas áreas de produção, tanto das obras quanto da divulgação, que compartilhavam dos princípios da “boa arquitetura” de Lucio Costa. Dentro desse cenário incipiente, a influência da Arquitetura Moderna se firma no país como vertente hegemônica para além do campo do projeto, incidindo também na historiografia. Aquelas manifestações arquitetônicas que não se enquadravam na linha evolutiva compreendida pela Arquitetura Moderna Brasileira e seus intelectuais, passariam a ter, por décadas, pouco destaque também no debate historiográfico e nas pesquisas.

Em se tratando da produção bibliográfica, o livro de Yves Bruand, *Arquitetura Contemporânea no Brasil* (1981), constituiu-se como um dos primeiros e mais populares livros produzidos a tratar de forma tão ampla da trajetória da arquitetura brasileira, inserido em um cenário no qual a bibliografia sobre o assunto era escassa. Configura, assim, uma importante contribuição à historiografia da arquitetura no Brasil. A publicação assumiu um certo caráter didático ao ensino de história da arquitetura (PUPPI, 1998), cuja relevância, ainda que mais difusa, se mantém ainda hoje. O livro é resultado

---

<sup>15</sup> É válido mencionar que a *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* perdurou, seu volume mais recente foi publicado em 2019 – até o momento de redação desta dissertação.

da pesquisa de doutorado de Bruand na *École des Chartes, L'architecture contemporaine au Brésil* (Paris, 1971).

A arquitetura neocolonial está brevemente presente no trabalho de Bruand (1981), quando o autor trata das três primeiras décadas do século XX. Essa arquitetura é compreendida como uma “etapa necessária” para se chegar na “verdadeira arquitetura” (isto é, moderna) que seria influenciada pela ideia do neocolonial, principalmente no que concerne à redescoberta de uma cultura nacional. Essa construção articulada por Bruand, envolvendo a “evolução” da arquitetura brasileira através de “etapas” até o Moderno, reitera a dependência das narrativas para com as ideias de Lucio Costa (PUPPI, 1998:101; GUERRA, 2010:2). Marcelo Puppi (1998:102) aponta, contudo, que a adesão de Bruand a Costa não se daria de forma incondicional, mas em especial àquela ideia que “advoga um funcionalismo artístico puro e simples e, principalmente, como ficará claro adiante, o que condena em bloco o ‘decorativismo’ eclético”. Ademais, no que toca ao neocolonial e às noções esboçadas acerca de sua influência à Arquitetura Moderna, torna-se patente a referência em outro trabalho anterior que é fundamental à nossa reflexão: o livro *Quatro Séculos de Arquitetura no Brasil* de Paulo Santos (1965).

Ao apontar Paulo Santos (1965) como um dos referenciais de Bruand acerca do neocolonial, é importante debater as particularidades da publicação de *Quatro séculos de arquitetura no Brasil*, publicado pela primeira vez em 1965 e reeditado em 1977 e 1981. Paulo Santos traz uma visão que destoa, em parte, daquela que viria a se tornar hegemônica. O livro “representa um marco na historiografia brasileira, reconhecimento atestado pelos estudiosos da história da arte Germain Bazin e Clarival do Prado Valadares” (SANCHES, 2010:21) e, de forma significativamente antecipada, aproxima o neocolonial da Arquitetura Moderna em um momento em que pouco se discutia sobre a primeira: “em que pese os aparentes antagonismos, o Movimento Neocolonial e o Moderno tiveram pontos de contato à procura da substância brasileira, da cultura brasileira, da realidade brasileira” (SANTOS, 1981:95). Note que Paulo Santos trata a arquitetura neocolonial como *movimento*. É válido mencionar também que a abordagem aproximada entre o neocolonial e o moderno (tradição e modernidade) para além de seus antagonismos, tem-se revelado, na contemporaneidade, como uma alternativa importante e válida para uma compreensão mais aprofundada de ambas as vertentes (PINHEIRO, 2011; 2020).



Santos (1981) não só dá profundidade ao assunto da arquitetura neocolonial, discutindo sobre suas raízes, seus atores e arquitetos, sua presença na Exposição do Centenário da Independência do Brasil em 1922, no Rio de Janeiro, mas trata também da influência dos estilos hispânicos e da ampla presença do *mission style* no Brasil. Tão adiantada data de publicação (1965), permite que se especule se essa não seria a primeira vez em que há, sob uma perspectiva historiográfica, uma leitura do “saldo positivo do Neocolonial”<sup>16</sup>, nas próprias palavras de Paulo Santos.

“Nem pelo que tinha de negativo deixou o Neocolonial de ter sua significação – e não apenas como expressão da sensibilidade romântica da época, mas como fator positivo, já que teria paradoxalmente influído no próprio movimento dito Moderno e para a criação de condições propícias ao estudo de questões de raça, costumes, economia e vida social e artística do nosso povo.” (SANTOS, 1981:95)

Contudo, como é patente na citação apresentada, e como é discutido também por Puppi (1998:96), Paulo Santos não abandona a ideia do princípio evolutivo das formas, derivado do pensamento de Costa, ainda que de uma forma diferenciada. Nesse sentido, o neocolonial ainda funcionaria como uma “etapa necessária” à Arquitetura Moderna tal qual foi concebida, esse que seria supostamente um de seus grandes louros. Esse pensamento não inviabiliza a ampla contribuição de Santos ao reconhecimento e à história da arquitetura neocolonial, fato que, em acordo com Puppi (1998:97), apesar de certo exagero em sua análise<sup>17</sup>, é parte significativa da fortuna de sua contribuição historiográfica. É notável que as contribuições de Santos acerca do “movimento neocolonial” configuram bases para discussões que emergem em sua sequência.

Diante dessa análise contextual incipiente, é patente que sob a égide da influência moderna na historiografia de arquitetura no Brasil e através do mecanismo teleológico de escrita da história da arquitetura brasileira cunhado por Lucio Costa (MARTINS, 1987),

---

<sup>16</sup> Cf. SANTOS, 1981, pp.95.

<sup>17</sup> Ainda que concordemos acerca da fortuna da contribuição historiográfica de Paulo Santos, acreditamos que seja desmedida a afirmação de Puppi (1998:97) quando coloca que “de Paulo Santos em diante, ninguém historiou a arquitetura moderna brasileira sem destacar amplamente a influência (em “espírito”) recebida do neocolonial”.

uma série de edifícios, projetos, arquitetos e eventos históricos acabaram se tornando marginais a essa narrativa histórica, independente do destaque que tiveram à sua época. O neocolonial é uma dessas manifestações arquitetônicas que por décadas não foi objeto de ampla atenção historiográfica, ainda que tenha sido amplamente adotado pela sociedade civil. Para além da arquitetura neocolonial, outros eventos que circundam essa manifestação arquitetônica também foram relegados a esse lugar marginal nas discussões. Um exemplo importante e até recentemente pouco discutido são as relações de referência cultural estabelecidas entre Estados Unidos e Brasil no que concerne à concepção de espaços arquitetônicos e urbanos (ATIQUE, 2007). Nessas discussões, a arquitetura neocolonial, *mission style* principalmente, emerge como um reflexo dessas relações e é compreendida a partir de um viés pan-americanista.

Atique (2007:9) aponta que a historiografia da arquitetura e da cidade brasileira apresenta um predomínio de narrativas que têm, na presença europeia, a constituição de seu aspecto formal, o que contempla, de fato, a inegável ação do continente europeu sobre o Brasil. Tratando-se das referências estadunidenses, conquanto existam estudos consolidados nas ciências humanas que comprovem aproximações culturais, econômicas e políticas entre esses contextos, tais estudos ainda são escassos no que toca ao desenvolvimento de espaços urbanos ou arquitetônicos. A ausência de uma abordagem Estados Unidos-Brasil gera, segundo o autor, uma “imagem nebulosa da presença norte-americana” no país e tem consequências históricas. À medida que o trabalho se aprofunda nos estudos que gravitam em torno do neocolonial, o autor reitera o caráter marginal assumido por alguns temas em decorrência do mecanismo teleológico da historiografia de arquitetura brasileira calcado em Lucio Costa. Essa é uma das justificativas apontadas por Atique para a escassa discussão em torno das referências norte-americanas naquele contexto, porque “os autores vinculados a esta forma de interpretar a história da arquitetura muito pouco revelaram dos germanismos e, principalmente, dos americanismos presentes no país desde os finais do século XIX” (ATIQUE, 2007:9). Soma-se a isso o “o desconforto de pensar o papel dos Estados Unidos em pleno período da Guerra Fria” (ATIQUE, 2007:10).

Nessa linha de discussão, vale mencionar também a repercussão historiográfica diminuta da Exposição do Centenário da Independência de 1922 no Rio de Janeiro (SANT’ANA, 2008), que vem a receber maior atenção das pesquisas em história e historiografia da

arquitetura brasileira nas investigações de Pinheiro (2005) e Sant'Ana (2008). A Exposição que, aos seus contemporâneos se imaginava ter lugar de destaque na história do país, fato atestado por sua ampla repercussão nos jornais da época, acabou tendo um reconhecimento histórico menor. Em detrimento dessa, a Semana de Arte Moderna, por sua vez, realizada no mesmo ano de 1922 em São Paulo, de muito menor alcance à época, foi associada à ideia de modernidade de fato (SANT'ANA, 2008:11; PINHEIRO, 2011:95). A arquitetura expressa na Exposição carioca era, sobretudo, neocolonial (Figuras 4 e 5).



**Figuras 4 e 5:** Porta Norte da Exposição do Centenário da Independência no Rio de Janeiro; e Pavilhão das Indústrias, 1922. Fonte: SANT'ANA, 2008:73; 77

Todas essas transformações, reconhecimentos e reflexões, ainda que recentes, denotam como esse modo de concepção historiográfica modernista tem sido superado. Nessa perspectiva, as transformações na historiografia de arquitetura brasileira vão em linha com o cenário global posterior aos anos de 1960 e 1970, conforme a elucidação de Cohen (2011), somado às particularidades do contexto nacional, levando ao que Rocha-Peixoto (2013) chama de “modo historiográfico-culturalista”<sup>18</sup> de se pensar a relação entre a arquitetura e a história. Esse modo partiria, inicialmente, de uma crítica ao movimento moderno na arquitetura, somado a um reflexo da presença do regime militar nas universidades brasileiras, e se altera significativamente com a virada linguística da história<sup>19</sup>: não compreende dogmas, mas um legítimo pluralismo científico, a partir do qual as noções de história e teoria não se distinguem (ROCHA-PEIXOTO, 2013:69).

As pesquisadoras Ana Claudia Veiga de Castro e Joana Mello de Carvalho e Silva (2016) apontam que, no Brasil, as transformações relativas à influência desse modo historiográfico-culturalista na forma de conceber a história e a historiografia da arquitetura possibilitaram uma ampla revisão da historiografia modernista. Com isso, ampliaram-se a “investigação de períodos, instituições e personagens que haviam sido pouco explorados, dentro e fora do sistema moderno, além de uma intenção renovada de estabelecer diálogos entre o país e a América Latina” (CASTRO; SILVA, 2016:6)<sup>20</sup>.

Seria, portanto, junto a essa perspectiva historiográfico-culturalista que a arquitetura neocolonial começaria a obter algum espaço de maior destaque nos debates da historiografia da arquitetura brasileira. Sua primeira inserção significativa como tema central de uma publicação data de 1994<sup>21</sup>: o primeiro trabalho de destaque sob uma abordagem historiográfica a atribuir ao neocolonial o enfoque central é o livro

---

<sup>18</sup> Cf. ROCHA-PEIXOTO, 2013, p.69

<sup>19</sup> De forma bastante sucinta, a chamada *virada linguística* influenciou na queda das sínteses hegelianas na história, a partir da qual “a história passa a ser vista enquanto narrativa idêntica a qualquer outra, como a narrativa ficcional, embora baseada em fatos e documentos. Enquanto tal, ela é uma operação literária que depende das intenções do autor” (ROCHA-PEIXOTO, 2013:77)

<sup>20</sup> Nessa passagem, diversos autores são referenciados. Ver: CASTRO; SILVA, 2016, p.6

<sup>21</sup> Foram identificados em nossa busca trabalhos anteriores à publicação de Amaral (1994) envolvendo o neocolonial em abordagem específica, como os trabalhos de conclusão de curso de Gonçalves (1977) e Nascimento Costa (1978), este último orientado por Aracy Amaral, e o livro *Inventário Arquitetônico* de Bittar e Veríssimo (1983). Os trabalhos de conclusão de curso não se enquadrariam nessa perspectiva da análise, em decorrência de sua natureza e de seu alcance restrito. O livro de Bittar e Veríssimo, por sua vez, não tem a mesma força narrativa de reflexão historiográfica, constituindo-se, como o próprio título coloca, de um “inventário arquitetônico”.

*Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos* (1994)<sup>22</sup>, coletânea de textos organizada por Aracy Amaral, oriunda do Seminário *El neocolonial en America Latina*, coordenado pela professora com apoio da Fundação Memorial da América Latina. Refletindo aspectos dessa mudança nos modos de concepção historiográfica, o livro investiga um objeto até então pouco explorado sob um prisma de discussão latino-americana transnacional. Esta publicação é debatida em profundidade no capítulo 2<sup>23</sup>.

A antologia organizada por Aracy Amaral marca um ponto importante na historiografia da arquitetura neocolonial no Brasil (e na América Latina), inaugurando um campo de discussão que se expande com o passar dos anos junto ao avanço das pesquisas. Por se tratar de um volume antológico a contemplar contextos diversos, o alcance do livro foi significativamente maior frente a outros trabalhos que aspiraram discutir o tema anteriormente. Além disso, a colaboração de figuras importantes aos debates de história da arquitetura por todo o continente americano, como Carlos Lemos, Marina Waisman, Ramon Gutierrez e a própria Aracy Amaral, conferia legitimidade ao que era discutido. O livro configura uma referência carimbada, em que pese a generalização, a praticamente todos os trabalhos que discutem a arquitetura neocolonial publicados na sequência.

Tomamos, assim, o livro *Arquitectura Neocolonial...* (1994) como um marco, justamente porque é principalmente a partir de sua publicação que o cenário acerca do neocolonial começa a se transformar de forma mais significativa, ainda que lenta e gradualmente. A pesquisadora Luciana Mascaro (2008), em sua tese de doutorado, faz uma ampla leitura da presença do neocolonial na historiografia de arquitetura desde os primeiros debates nos anos de 1930, e enfatiza como é somente a partir dos anos 1980 e, principalmente, 1990 que essa arquitetura passa a ser lida sob outros enfoques – cuja influência acreditamos ser oriunda, dentre uma série de outros fatores, da publicação organizada por Amaral (1994). É justamente sobre o mapeamento e a identificação das pesquisas em história e historiografia da arquitetura envolvendo o neocolonial que o trabalho se debruça a seguir.

---

<sup>22</sup> Há no livro a menção de tratar-se de uma abordagem inédita à temática do Neocolonial como assunto central de discussão e publicação. (AMARAL, 1994, quarta capa). É válido mencionar que a pesquisa identifica outros trabalhos anteriores que discutiram o assunto no Brasil, contudo, de abordagem significativamente mais limitada e de alcance muito reduzido à própria época de publicação.

<sup>23</sup> Cf. p. 48

## 1.2. A PRESENÇA DO NEOCOLONIAL NAS PESQUISAS DE HISTÓRIA DA ARQUITETURA BRASILEIRA

O mapeamento da presença do neocolonial nas pesquisas de história da arquitetura produzidas no Brasil nos programas de pós-graduação a partir dos anos de 1970 foi uma sugestão da banca no contexto do exame de qualificação, cuja recomendação envolvia uma leitura mais abrangente do caráter das pesquisas a tratar da arquitetura neocolonial no contexto nacional. É oportuno, de antemão, apontar de que forma esse mapeamento foi realizado e como foram identificados os referidos trabalhos. Isso porque a pesquisa aqui empreendida partiu da ideia de compreender os debates acerca da arquitetura neocolonial no Brasil em toda a sua extensão, de forma que, idealmente, fossem compreendidos trabalhos advindos de todas as unidades federativas que compõem o Estado Nacional.

A pesquisa dos trabalhos partiu das informações disponibilizadas no portal online da Plataforma Sucupira, vinculada à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>24</sup>, onde foram mapeados todos os programas de pós-graduação acadêmicos<sup>25</sup> em arquitetura e urbanismo vinculados às universidades brasileiras, 33 ao total. Com a identificação dos programas, passamos a investigar, de forma específica, os bancos de teses e dissertações de cada um desses programas, em busca de trabalhos que envolvessem a arquitetura neocolonial. Essa pesquisa inicial, propositalmente ampla, foi realizada a partir da busca por palavras-chave sistematizadas, como “arquitetura neocolonial”, “neocolonial”, “estilo neocolonial”, “arquitetura tradicional brasileira”, e nomes de figuras importantes ao debate como “Ricardo Severo” e “José Mariano Filho”<sup>26</sup>, filtrando os trabalhos concluídos no recorte temporal entre 1970 e 2020. A busca nos repositórios institucionais de cada programa foi comparada com os resultados obtidos através da pesquisa na Plataforma de Teses e Dissertações da CAPES, objetivando construir um mapeamento geral de todos os trabalhos ali reunidos, desenvolvidos em todo o Brasil, que tratassem da arquitetura neocolonial em âmbito nacional.

---

<sup>24</sup> <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/index.jsf>

<sup>25</sup> Mestrado e doutorado acadêmicos, os programas de pós-graduação profissional não foram incluídos.

<sup>26</sup> Compreendendo as alterações na grafia, como por exemplo José Marianno Filho.

Por meio dessa busca foram identificadas 32 pesquisas: 23 dissertações e 9 teses. Para além dessas, foram catalogadas 3 dissertações e 3 teses, envolvendo o neocolonial desenvolvidas fora de programas de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo: 2 dissertações em Artes Visuais, realizadas na UFRJ; 1 dissertações na área de História, realizada na PUC-Rio; 3 teses em História, uma realizada na Unicamp e duas na UFPR. O total geral das pesquisas de pós-graduação identificadas envolvendo o neocolonial de 1970 até 2020, por conseguinte, resume-se a 37 trabalhos. A relação dos programas de pós-graduação por ano de fundação, bem como o número de teses e dissertações envolvendo o neocolonial em cada programa, pode ser visualizada na **Tabela 1**.

Os trabalhos mais antigos identificados dentro de nosso recorte temporal, vinculados ao contexto acadêmico, contudo, não são dissertações ou teses, mas monografias. Por serem os primeiros, julgamos válido mencioná-los, ainda que o nosso enfoque seja voltado à pós-graduação. São os trabalhos finais de graduação de Ana Maria do Carmo Rossi Gonçalves (1977), *A obra de Ricardo Severo*, e de José Horácio de Almeida Nascimento Costa (1978), *Sobre o Neocolonial*, ambos desenvolvidos na FAU-USP. O trabalho de Nascimento Costa (1978), aliás, é orientado pela professora Aracy Amaral, 16 anos antes da publicação da importante antologia *Arquitetura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos* (1994), o que poderia indicar uma possível primeira aproximação de Amaral com a arquitetura neocolonial de forma específica. A prolongada escassez de estudos no tema fez com que estes trabalhos aparecessem figurados como referências em uma série de outros que vieram na sequência.

<b>Me</b>	<b>Do</b>	<b>Programa</b>	<b>Teses e dissertações</b>
1971	2002	EESC-USP, São Carlos, SP*	3 total: 2 dissertações, 1 tese
1972	1980	FAU-USP, São Paulo, SP	10 total: 4 dissertações, 6 teses
1983	1999	UFBA, Salvador, BA	3 total: 2 dissertações, 1 tese
1985	2003	UFRJ, Rio de Janeiro (arq), RJ	3 total: 2 dissertações, 1 tese
1990	2000	UFRGS, Porto Alegre, RS	2 total: 2 dissertações
1994	2001	UFRJ, Rio de Janeiro (urb), RJ	-
1995	2003	UNB, Brasília, DF	-
1995	2009	UFMG, Belo Horizonte, MG	1 total: 1 dissertação
1997	2012	PUC Campinas, SP	1 total: 1 dissertação
1999	2007	UFRN, Natal, RN	-
2000	2006	Mackenzie, São Paulo, SP	4 total: 4 dissertações
2001	2010	UFSC, Florianópolis, SC	-
2002	2012	UFF, Niterói, RJ	1 total: 1 dissertação
2003	2013	UFAL, Maceió, AL	-
2005	2020	USJT, São Paulo, SP	-
2007	2021	UFES, Vitória, ES	-
2008	2014	UFPB, João Pessoa, PB	-
2008	-	UFPel, Pelotas, RS	-
2010	-	UFJF, Juiz de Fora, MG	-
2010	2019	UFV, Viçosa, MG	-
2010	2019	UFPA, Belém, PA	1 total: 1 dissertação
2012	-	PUC Rio, Rio de Janeiro, RJ	1 total: 1 dissertação
2012	2012	Unicamp, Campinas, SP	2 total: 2 dissertações
2012	2018	UEM, Maringá, PR	-
2013	-	Unesp, Bauru, SP	-
2013	-	UFG, Goiânia, GO	-
2013	-	UFU, Uberlândia, MG	-
2015	-	UFC, Fortaleza, CE	-
2016	-	Uniceub, Brasília, DF	-
2016	-	IMED, Porto Alegre, RS	-
2017	-	UVV, Vila Velha, ES	-
2018	-	UFSM, Santa Maria, RS	-
2019	-	Univag, Várzea Grande, MT	-

\*A partir de 2010 o programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da USP São Carlos passa a ser parte do então criado Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP), devinculando-se da Escola de Engenharia.

**Tabela 1:** Cronologia dos programas de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e a presença de teses e dissertações que tratam, direta ou indiretamente, da arquitetura neocolonial. Fonte: Informações acerca dos programas de pós-graduação extraídas da Plataforma Sucupira, organizadas pelo autor (2021); relação de teses e dissertações (autor, 2021).



A primeira dissertação de mestrado identificada também é vinculada à FAU-USP. Datada de 1985, é produzida por Eduardo de Jesus Rodrigues, com orientação da professora Élide Monzeglio, *As fachadas na arquitetura paulistana: o estilo missões*. Esse trabalho tem no neocolonial (*mission style*, neste caso) o enfoque de seus estudos, mas conduz a análise sob uma abordagem mais voltada a uma leitura das fachadas e suas composições – em linha com as análises produzidas a respeito da arquitetura eclética e academicista – e com uma visão, vale salientar, totalmente baseada no viés modernista. A professora Monzeglio, orientadora, atuava sobretudo na área de comunicação visual e linguagens (do espaço, da cor, da comunicação)<sup>27</sup>. Após esta dissertação, há um hiato significativo nas pesquisas de pós-graduação que envolvem o neocolonial até 2002, quando Carlos Kessel defende, na UFRJ, sua tese *Entre o pastiche e a modernidade: Arquitetura Neocolonial no Brasil*. A despeito disso, o tema do neocolonial não desaparece completamente do horizonte historiográfico: o assunto emerge, ainda que de forma lateral, em pesquisas importantes, cujo enfoque central residia em outras discussões e manifestações arquitetônicas. É o caso das teses de doutorado de Maria Ângela Pereira Bortolucci (1991), *Moradias urbanas construídas em São Paulo no período cafeeiro* e de Maria Lucia Bressan Pinheiro (1997), *Modernizada ou moderna? A arquitetura em São Paulo, 1938-45*, ambas defendidas na FAU-USP. Além da dissertação *Modernidade arquitetônica no Recife: arte, técnica e arquitetura de 1920 a 1950*, de Guilah Naslavsky (1998), produzida na FAU-USP, cuja discussão se volta à modernidade arquitetônica na capital pernambucana, mas ainda compreende o neocolonial em suas discussões.

É válido mencionar que até os anos 2000, apesar da baixa nas pesquisas *stricto sensu*, o assunto ainda era discutido em livros, artigos, inventários arquitetônicos, e textos de natureza similar – raramente como enfoque central, mas presente em trabalhos que discutiam o ecletismo, como em Fabris (1987, 1993), outros que discutiam a arquitetura racionalista, como Czajkowski (1993), e leituras mais amplas sobre a arquitetura brasileira, como Segawa (1998). Além desses, até os anos 2000, os únicos trabalhos inseridos em nosso recorte que discutiam a arquitetura neocolonial, para além das colaborações na antologia organizada por Amaral (1994), são um artigo de Carlos Kessel

---

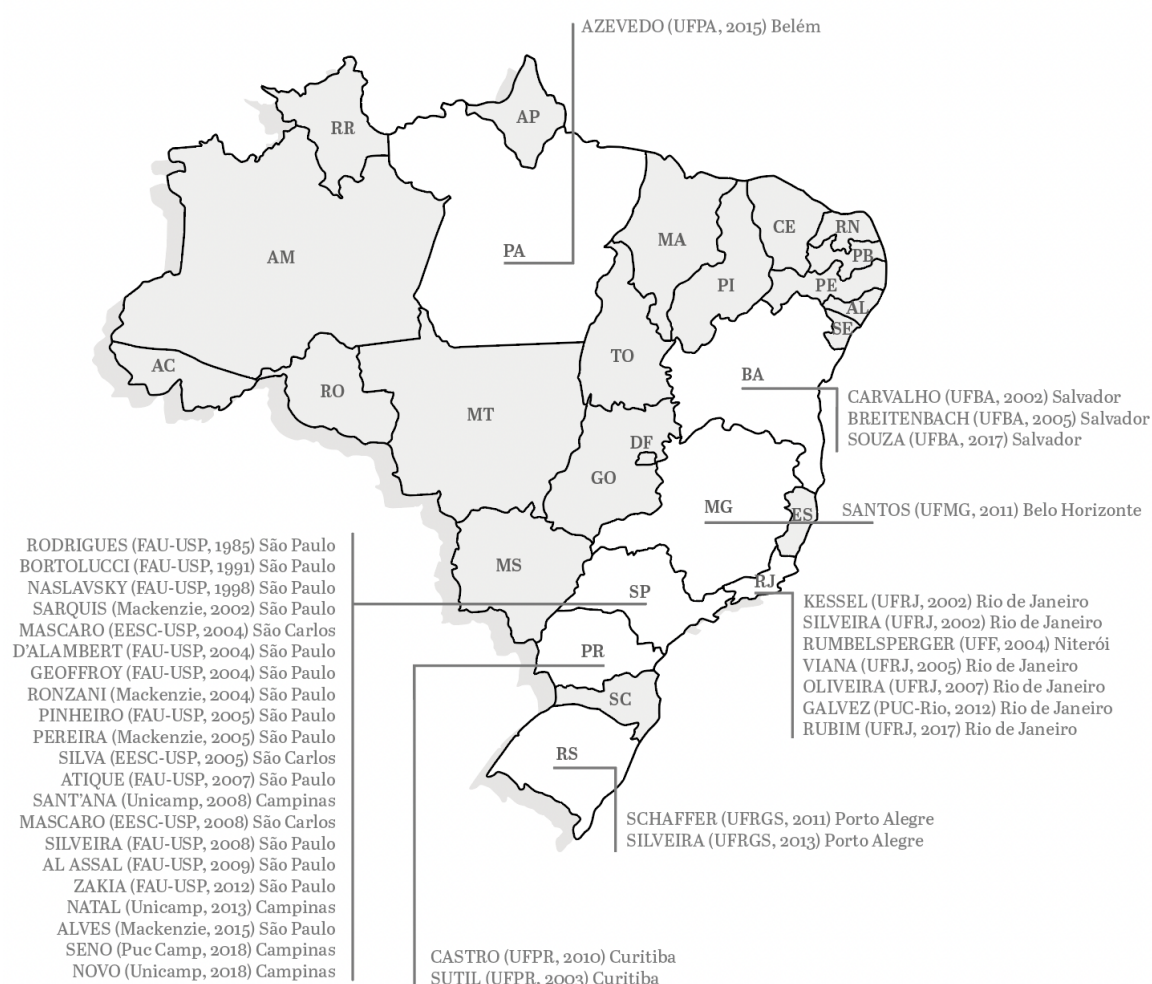
<sup>27</sup> Leituras estabelecidas a partir do currículo lattes da pesquisadora:  
<http://lattes.cnpq.br/3189816194758934>, acesso em 13/09/2021 às 14h.

(1999), vinculados à tese que viria a defender em 2002, e os trabalhos de William Bittar (1983, 1996, 1999).

Como já se poderia supor através da leitura da cronologia de surgimento dos programas de pós-graduação em arquitetura e urbanismo, a maioria significativa dos primeiros trabalhos identificados é vinculada à FAU-USP, seguida pela UFRJ, mas em um grau significativamente menor. O cenário geral da investigação, apesar do avanço das datas, não apresenta uma mudança significativa quanto às instituições onde os trabalhos são desenvolvidos. Apesar de nossos esforços, só foram identificados trabalhos em termos de pós-graduação (dissertações e teses) em sete estados do Brasil. Das 37 pesquisas mapeadas, 21 são realizadas em instituições do estado de São Paulo, 7 no Rio de Janeiro, 3 na Bahia, 2 no Rio Grande do Sul, 2 no Paraná, 1 em Minas Gerais, e 1 no Pará. A leitura desses dados nos permite traçar uma série de reflexões. A mais evidente aponta para uma concentração das pesquisas, em geral, na região centro-sul do país, sobretudo nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, ainda que os autores venham de outras regiões, como norte e nordeste. Esse dado faz com que levantemos a hipótese de que os pesquisadores optam por instituições vinculadas aos grandes centros ou por instituições historicamente consolidadas. Usualmente, os programas com maior número de pesquisas são também os mais antigos, algo que pode ter relação também com o número de vagas e bolsas ofertados por esses programas. Outra hipótese pode estar relacionada à disponibilidade de orientadores com interesse no desenvolvimento de pesquisas sobre esse assunto específico, tendo em vista que as primeiras publicações e investigações que despontam a respeito do neocolonial são desenvolvidas por pesquisadores e professores vinculados, principalmente, à USP (São Paulo e São Carlos) e à UFRJ. Uma terceira hipótese, mais especulativa, seria a proximidade com os sítios onde a arquitetura neocolonial se consolidou ao contexto de seu surgimento, bem como a atuação e os projetos de figuras-chave ao estudo do tema, como Ricardo Severo (São Paulo) e José Marianno Filho (Rio de Janeiro). A **Figura 6** apresenta a indicação geográfica de onde se desenvolvem as pesquisas de pós-graduação por estado do Brasil.

A concentração das pesquisas na região centro-sul do país se reflete nos estudos empreendidos acerca das manifestações locais ou regionais da arquitetura neocolonial. Ainda é restrito o número de trabalhos que trata desse tipo de arquitetura (mesmo que indiretamente), produzida fora do eixo dos estados RJ-SP, 9 trabalhos de pós-graduação

(6 dissertações, 3 teses) e outras 9 publicações (artigos e capítulos de livro). Existem trabalhos que são exceções, como o de Sarquis (2002), cuja pesquisa desenvolvida na Universidade Mackenzie (SP) tem como objeto de estudo a arquitetura neocolonial em Belém (PA); e o trabalho de Naslavsky (1998), desenvolvido na FAU-USP em São Paulo, cuja discussão se concentra na arquitetura do Recife. As demais pesquisas identificadas a tratar de manifestações locais e regionais da arquitetura neocolonial fora do eixo RJ-SP são desenvolvidas em seus respectivos territórios. Essa relação de artigos destaca que a arquitetura neocolonial está sendo pesquisada localmente ao longo do Brasil, mas ainda de forma incipiente. Atenta-se ao fato que boa parte dessas pesquisas já são posteriores aos anos de 2010. O referido grupo de trabalhos pode ser visualizado integralmente na **Tabela 2**.



**Figura 6:** Indicação geográfica das pesquisas (dissertações e teses) desenvolvidas entre 1970 e 2020 no Brasil. Fonte: Autor (2021).

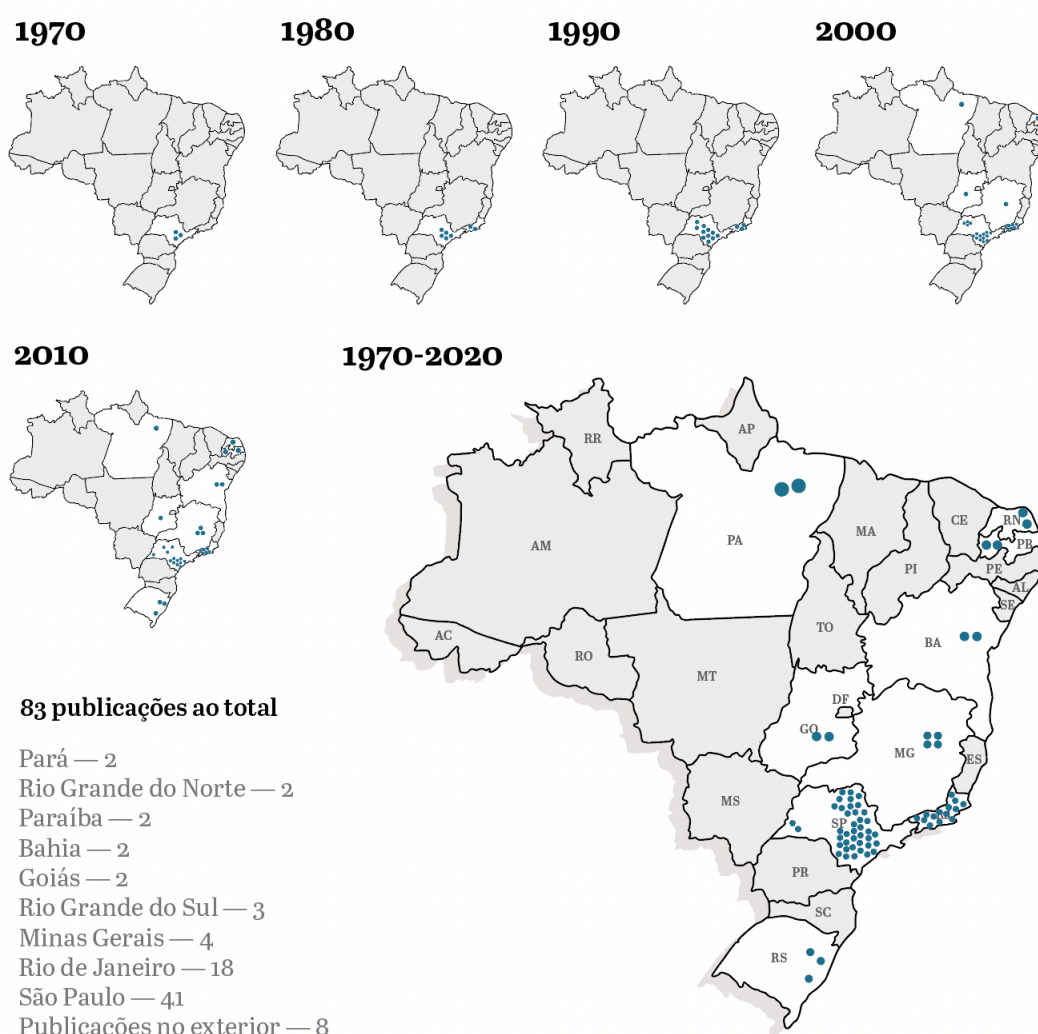
<b>Autor e data</b>	<b>Título</b>	<b>Recorte geográfico</b>	<b>Tipo da publicação</b>
AZEVEDO, 2013.	As residências neocoloniais no bairro de Nazaré: Estudo de suas representações e características a partir da etnografia de rua.	Belém, PA (cidade)	Artigo (evento)
AZEVEDO, 2015.	Preservação da "Arquitetura Patriótica Brasileira": estudo arquitetônico das residências neocoloniais em Belém do Pará	Belém, PA (cidade)	Dissertação
BREITEMBACH, 2005.	A presença da arquitetura neocolonial na cidade de Salvador.	Salvador, BA (cidade)	Dissertação
CASTRO, 2010.	Arquitetura das escolas públicas do Paraná (1853-1955).	Paraná (estado)	Tese
CAVALCANTI FILHO; QUEIROZ; LUCENA, 2013.	Memória da arquitetura neocolonial luso-brasileira na cidade de João Pessoa.	João Pessoa, PB (cidade)	Artigo (evento)
CAVALCANTI FILHO; QUEIROZ; LUCENA, 2016.	A presença do neocolonial: a versão luso-brasileira e a variante hispano-americana.	João Pessoa, PB (cidade)	Capítulo de livro
LUCENA; CAVALCANTI-FILHO, 2013.	O Neocolonial Hispano-americano como documento de uma arquitetura residencial pessoense no início do século XX.	João Pessoa, PB (cidade)	Artigo (evento)
LUCENA; CAVALCANTI-FILHO, 2014.	A Arquitetura Neocolonial como protagonista da paisagem urbana de João Pessoa no século XX	João Pessoa, PB (cidade)	Capítulo de livro
LUCENA; CAVALCANTI-FILHO, 2014a.	A diversidade morfológica da arquitetura neocolonial hispano-americana na cidade de João Pessoa no século XX.	João Pessoa, PB (cidade)	Artigo (evento)
LUCENA; CAVALCANTI-FILHO, 2018.	A diversidade morfológica da arquitetura neocolonial hispano-americana na cidade de João Pessoa entre 1940 e 1960.	João Pessoa, PB (cidade)	Capítulo de livro
NASLAVASKY, 1998.	Modernidade arquitetônica no Recife: arte, técnica e arquitetura de 1920 a 1950.	Recife, PE (cidade)	Dissertação
QUEIROZ; CAVALCANTI-FILHO, 2013.	A Arquitetura neocolonial luso-brasileira na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil.	João Pessoa, PB (cidade)	Artigo (evento)
SANTOS, 2011.	A casa brasileira do século XIX e seus desdobramentos na produção residencial de Belo Horizonte.	Belo Horizonte, MG (cidade)	Dissertação
SARQUIS, 2002.	Tradição e diversidade na arquitetura Neocolonial em Belém do Pará.	Belém, PA. (cidade)	Artigo (periódico)
SARQUIS, 2002.	A arquitetura como expressão da modernidade em Belém entre 1930 e 1964	Belém, PA. (cidade)	Dissertação
SCHAFFER, 2011.	Porto Alegre, arquitetura e estilo 1880-1930.	Porto Alegre, RS (cidade)	Dissertação
SOUZA, 2017.	O concreto armado nas edificações de Salvador no período entre guerras (1919-1938)	Salvador, BA (cidade)	Tese
SUTIL, 2003.	Beirais e platibandas: A arquitetura de Curitiba na primeira metade do século 20.	Curitiba, PR (cidade)	Tese

**Tabela 2:** Trabalhos que abordam manifestações locais ou regionais da arquitetura neocolonial fora do eixo RJ-SP, de forma direta ou indireta (Autor, 2021).

Quando a investigação se expande para além das dissertações e das teses produzidas, esse cenário apresenta alguma dinamização. Nosso trabalho contempla também as publicações de livros, artigos e capítulos de livros publicados no mesmo recorte temporal, a partir de 1970. Essa busca, contudo, foi realizada de forma um pouco mais difusa. Com o mapeamento das pesquisas de pós-graduação, houve uma busca no Currículo Lattes dos autores identificados, mapeando trabalhos correlacionados, derivados ou não das pesquisas desenvolvidas. A investigação também aconteceu por meio do campo de “referências bibliográficas” e “notas” desses trabalhos, além do mapeamento de seus orientadores e de trabalhos desenvolvidos e orientados também por esses. A busca dessas publicações se faz interessante porque, através do próprio mapeamento, torna-se possível traçar diálogos, aproximações e distanciamentos entre os autores e suas ideias. Ao mesmo

tempo, a pesquisa contemplou uma pesquisa em bibliotecas físicas<sup>28</sup> e virtuais, além de plataformas científicas *online* como *SciELO*, *Google Scholar* e *Science Direct*, também por meio da consulta por palavras-chave.

Por intermédio dessa pesquisa, foram mapeadas 84 publicações envolvendo o neocolonial de forma direta ou indireta. Esse mapeamento, catalogado por data e localização geográfica, aponta para uma difusão pouco maior dos trabalhos pelo território nacional. Quanto à divisão por datas, torna-se visível a ascensão gradual do tema no horizonte das preocupações historiográficas. Esses dados podem ser observados na **Figura 7**.



**Figura 7:** Publicações envolvendo a arquitetura neocolonial (artigos, livros e capítulos) por década e indicação geográfica da publicação. Fonte: Autor (2021).

<sup>28</sup> Em decorrência da pandemia de Covid-19, a pesquisa em bibliotecas físicas se tornou, em grande medida, inviável. Muitas bibliotecas, porém, auxiliaram com o fornecimento de dados, arquivos e digitalizações.

Ao total, unindo todos os trabalhos catalogados (pesquisas de pós-graduação e publicações em geral), foram identificados 127 títulos publicados entre 1970 e 2020, reunidos nos Apêndices 2 e 3<sup>29</sup>. O número é expressivo, mas ainda limitado, considerando que se trata de toda a produção científica catalogada em 5 décadas – mesmo contando que, certamente, existam trabalhos que não tenham sido contemplados em nossas buscas por limitações diversas. Desses 127, apenas 74 títulos concentram seu enfoque diretamente no neocolonial ou em figuras vinculadas à sua construção, consolidação e difusão. Dado que evidencia que ainda há muito a ser pesquisado e discutido a respeito desse tema, sobretudo no que diz respeito às manifestações locais e regionais da arquitetura neocolonial ao longo do extenso território brasileiro.

Uma parte da ideia de compreender um recorte temporal tão amplo (1970-2020) residia justamente na possibilidade de compreender transformações, tanto no campo historiográfico brasileiro, quanto na historiografia referente à arquitetura neocolonial em específico. Assim, uma análise geral desse grupo de trabalhos nos permite extrair informações interessantes, reflexos de transformações nesse campo de estudo, mas também na própria natureza do trabalho de pesquisa.

Uma primeira característica que se destaca é a transformação na natureza dos trabalhos publicados conforme o passar dos anos, bem como o significativo aumento do número de publicações no tema, visualizados na **Tabela 3**.

Tipo de publicação	Quantidade/década					geral
	1970's	1980's	1990's	2000's	2010's	
Artigos	0	0	4	24	25	53
Dissertações	0	1	1	14	9	25
Livros	1	5	3	6	2	17
Teses	0	0	1	8	3	12
Capítulos de livro	0	0	5	0	7	12
Outros (monografias, relatórios, resumos)	2	0	8	2	4	8
<b>Total</b>	<b>127 publicações</b>					

**Tabela 3:** Relação entre o tipo de publicação e a quantidade de trabalhos publicados envolvendo a arquitetura neocolonial, por década. Fonte: Autor, 2021.

<sup>29</sup> Ver: Apêndices 2 e 3, p. 147 e 152

Analisando de forma proporcional, a categoria livro apresenta certa redução, enquanto os artigos, não mapeados nos anos de 1970 e 1980, crescem significativamente. As dissertações e as teses também têm um aumento notável. Essas transformações não se devem somente ao aumento do interesse pela arquitetura neocolonial, mas às particularidades do próprio campo da pesquisa no Brasil. O crescimento no número de publicação de artigos reflete a consolidação dos programas e das pesquisas de pós-graduação em geral, bem como o amplo surgimento e consolidação de revistas científicas neste país. Ao discutir as transformações no campo historiográfico referente à arquitetura, Jean-Louis Cohen (2011, p.50) aponta para um “crescimento quantitativo extraordinário” das exposições, dos trabalhos eruditos, dos artigos e das publicações, o que confirmava que “a prática da história da arquitetura deixou de ser marginalizada para ser encorajada no âmbito acadêmico”. Essa tendência também se reflete, evidentemente, na amplificação do número de dissertações e teses. É importante atentar-se ao fato de que Cohen discute principalmente o contexto europeu, portanto, as transformações apontadas por ele (em geral vinculada aos anos de 1970 e décadas posteriores) são anteriores às mudanças empreendidas no Brasil.

Ainda nessa perspectiva, outro fator importante a se mencionar é a expansão da internet e da dimensão digital, bem como sua influência no cenário da pesquisa. Expansão essa que envolve o amplo surgimento de revistas científicas de circulação estritamente virtual, bem como a divulgação digital de teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação brasileiros. A consolidação do Banco de Teses e Dissertações da CAPES (2001), e o posterior lançamento da portaria n.13 do Ministério da Educação, de 15 de fevereiro de 2006, que “institui a divulgação digital das teses e dissertações produzidas pelos programas de doutorado e mestrado reconhecidos” (MINISTÉRIO, 2006, p.1), faz com que as teses e as dissertações, antes consideradas literatura cinzenta de difícil divulgação (SÁ, 2013), passem a ter um acesso amplo e facilitado. A digitalização de dissertações e teses, por sua vez, reflete na redução das publicações em formato de livro, anteriormente considerado um importante motor de divulgação científica. A Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), por exemplo, não mais aceita a submissão de trabalhos oriundos de dissertações de mestrado, uma vez que esses trabalhos são de livre acesso *online*.

Outra análise possível, agora envolvendo o conteúdo das publicações e pesquisas identificadas, aponta para uma alteração no escopo das pesquisas. Inicialmente, sobretudo nos primeiros títulos identificados, boa parte das leituras se voltavam às características arquitetônicas, estilísticas e ornamentais, como o desenho de fachadas em trabalhos como o de Rodrigues (1985). Havia ainda uma tendência por leituras abrangentes, publicadas como amplos manuais de história da arquitetura, a exemplificar, o próprio livro de Bruand (1981), ou inventários arquitetônicos, como Bittar e Veríssimo (1983). Conforme o transcorrer das décadas e o avanço das pesquisas, esse escopo de trabalho apresenta, em geral, uma mudança significativa. A dimensão das “humanidades” e das “mentalidades”, em aproximação com os demais campos das ciências humanas, passa a ganhar cada vez mais destaque nos trabalhos – o que reflete em leituras contextualizadas a respeito do neocolonial, envolvendo, como em Atique (2016), leituras que colocam em perspectiva impactos culturais, políticos e urbanos junto à arquitetura. Tal tendência está em linha com o que as pesquisadoras Joana Mello de Carvalho e Silva e Ana de Castro (2016:11) apontam como “um dos caminhos de pesquisa mais profícuos nos últimos tempos”, a “dimensão humana da cidade e da arquitetura” que vai além das dimensões técnicas e disciplinares. Nessa perspectiva, a história da arquitetura passa a englobar discussões e referenciais teóricos de outros campos,

“sobretudo os da História, mas ainda da Sociologia, Antropologia, Psicologia, Economia, entre outros, [que] passaram a alimentar investigações que revisavam temas e agentes de narrativas consagradas e formulavam novos objetos de pesquisa, contribuindo para um aprofundamento historiográfico significativo” (CASTRO; SILVA, 2016:12)

Essas transformações identificadas refletem amplamente no detalhe, possivelmente mais simbólico à nossa análise: o avanço nas publicações envolvendo a arquitetura neocolonial. Saindo de um lugar de pouco interesse e até de menosprezo nas discussões historiográficas, o neocolonial teve uma trajetória ascendente, ainda que tortuosa, nos estudos de história e historiografia da arquitetura brasileira. De 3 trabalhos publicados envolvendo o tema nos anos de 1970, 5 nos anos 1980 e 11 nos anos 1990, passou a 26 publicações nos anos 2000 e 38 nos anos de 2010. Identificamos algumas razões específicas que podem justificar essa escalada. A primeira delas, mais geral, seria



justamente em decorrência das mencionadas transformações no campo historiográfico, que se distanciou gradativamente de uma historiografia modernista e operativa e passou a contemplar objetos que antes não faziam parte de seus horizontes de preocupações. Em linha com o que pontua Cohen:

“A nova história que assim emerge não se reduz a um tipo de contra-afirmação ideológica. Ela se alimenta, com efeito, de um conjunto de fatos construídos a partir da análise fina de edifícios e da exploração de arquivos. Numa outra inversão, ela tende a debruçar-se mais sobre os “vencidos” que sobre os “vencedores” da história oficial. Neste sentido, a figura freudiana da contratransferência torna-se esclarecedora. Simétrica da relação de transferência entre o analisado e o analista, a contratransferência leva em conta a relação entre o analista – aqui, o historiador – e o analisado – aqui, o arquiteto ou os arquitetos considerados. Tudo ocorre como se, de agora em diante, fosse necessário reabilitar aos olhos da história os arquitetos injustamente “condenados” e logo, *ipso facto*, dignos de afeição, a instrução do processo exigindo dos historiadores sacrifícios consideráveis para constituir seu dossiê.” (COHEN, 2011:48)

Outra razão para esse avanço seria a publicação de trabalhos-chave que colaborariam ativamente para uma mudança no paradigma historiográfico, a serem discutidos em maior profundidade no Capítulo 3<sup>30</sup>. Trabalhos como a antologia organizada por Aracy Amaral (1994) e outros que surgem na sequência, como Kessel (2002), Pinheiro (2005), Silva (2005) e Atique (2007), ao abordarem em suas investigações o neocolonial como enfoque central, através de prismas analíticos distintos e complementares, trazem luz a uma manifestação arquitetônica importante que, anteriormente, era encarada pelos historiadores de arquitetura com certo menosprezo. Através de seus esforços, a antinomia tradição-modernidade (refletida na relação neocolonial-moderno) é superada, propiciando resultados significativos e uma leitura mais completa (e complexa) do cenário cultural referente ao início do século XX no Brasil, quando se inserem a arquitetura neocolonial, a arquitetura moderna e a arquitetura eclética. Essas publicações atuam, segundo nossa análise, como um motor importante para a transformação do horizonte historiográfico da arquitetura, a partir do qual emergem-se uma série de novas

---

<sup>30</sup> Cf. p.80

pesquisas, trabalhos e pesquisadores interessados nessas discussões, compreendendo de forma mais aprofundada não somente o neocolonial ou o ecletismo, mas também a Arquitetura Moderna.

A identificação de um grupo tão plural de trabalhos nos permitiu compreender na pesquisa uma série de perspectivas distintas acerca do tema estudado. É interessante mencionar que o amplo recorte temporal, bem como a ascensão relativamente recente do neocolonial no horizonte da historiografia, nos permite englobar, sob a mesma análise, visões contrastantes e identificar como se alteram, com o passar do tempo e o avanço das pesquisas, as leituras e interpretações acerca do neocolonial. Apesar das transformações na historiografia e a mudança no paradigma historiográfico da arquitetura brasileira, alguns trabalhos ainda apresentam leituras que têm no neocolonial uma manifestação menor, enquanto outros reconhecem suas contribuições significativas ao cenário cultural brasileiro. Essa dualidade chama atenção, enfatizando que, apesar dos avanços, ainda não há um consenso sobre o assunto.

A discussão que se empreende a seguir visa historicizar essas duas perspectivas contrastantes, o neocolonial como arquitetura eclético-historicista e a ideia do neocolonial como um ideário de arquitetura, investigando as origens dessas discussões; bem como leituras, atribuições, disputas conceituais e mecanismos teleológicos de um projeto historiográfico para a arquitetura brasileira. No presente capítulo, portanto, inauguramos o caminho do debate empreendido nesta dissertação: as discussões que se seguem atuam de forma a aprofundar a compreensão acerca das pesquisas de história e historiografia da arquitetura apresentadas de forma ampla neste capítulo. A leitura se afunila em direção a uma compreensão em detalhe das particularidades da historiografia de arquitetura envolvendo o neocolonial.

## **CAPÍTULO 2. UMA LEITURA CONSAGRADA: O NEOCOLONIAL COMO ARQUITETURA ECLÉTICO-HISTORICISTA**

Tendo em vista a ampla leitura realizada no Capítulo 1 acerca do neocolonial inserido na historiografia de arquitetura no Brasil, de viés modernista, intenta-se aprofundar a discussão historiográfica em linha com as formas com que essa vertente arquitetônica foi lida pelos intelectuais e pelas pesquisas que contemplam a história da arquitetura no Brasil. É flagrante a dualidade nas abordagens identificadas envolvendo a arquitetura neocolonial, que se dividem entre duas perspectivas contrastantes entre si. A abordagem que buscaremos discutir em profundidade neste capítulo 2, a leitura consagrada acerca do neocolonial, é aquela que o compreende como uma arquitetura de viés eclético-historicista.

Compreender essa leitura do neocolonial por meio das lentes do ecletismo envolve uma historicização do neocolonial enquanto movimento e estilo de arquitetura – conceituação diferencial que também será importante – em linha com o cenário cultural referente ao início do século XX no país, e com o envolvimento e a atuação de figuras-chave nesse mesmo cenário, como Ricardo Severo, José Marianno Filho, Lucio Costa e Mário de Andrade. Envolve também, em menor medida, uma breve compreensão acerca de particularidades do ecletismo e da abordagem historicista na perspectiva do “estilo” na arquitetura, como forma de amparar o argumento que justifica a aproximação e o afastamento entre ambas as vertentes.

\*\*\*

Desde que despontou como uma alternativa moderna (ainda que de viés tradicionalista) na arquitetura brasileira, sobretudo a partir dos anos de 1920, o neocolonial dividiu opiniões entre defensores e críticos. Isso reitera o cenário cultural complexo daqueles anos (PINHEIRO, 2011), em que se inseria o debate sobre qual seria a arquitetura representativa da identidade brasileira – suscitado também pela iminente aproximação do centenário da independência do Brasil, em 1922. Ancorado temporalmente em proximidade à arquitetura eclética e à arquitetura do Movimento Moderno, o neocolonial poderia até ser compreendido como uma espécie de posição intermediária entre essas vertentes: usava de uma linguagem arquitetônica que referenciava o passado, com a

pretensão de promover uma espécie de “renascimento brasileiro” (SEVERO, 1917), ao mesmo tempo em que propunha soluções arquitetônicas e projetuais de caráter inovador, amparadas pela tecnologia disponível na época. Essa ambivalência, que se relaciona simultaneamente com a tradição e a modernidade, colocou, muitas vezes, o neocolonial em uma posição de “antagonista” (ao menos segundo a leitura historiográfica) às vertentes arquitetônicas em voga naquele mesmo contexto, sobretudo ao modernismo. A análise em profundidade, porém, nos direciona mais para interfaces e aproximações entre essas vertentes que, de fato, a um antagonismo. Isso porque a ideia de “tradição” a que se vinculava o neocolonial, segundo pontua Pinheiro (2011:19), se aproximava mais da conceituação de Theodor Adorno: uma tradição que não é imobilista ou paralisante, mas que aspira a transformação, ainda que lenta e gradual.

É possível que essa referida ambivalência, bem como o seu viés moderno, justifique o envolvimento prévio com o neocolonial por parte de uma série de arquitetos e intelectuais que viriam a se consolidar como modernistas na historiografia da arquitetura brasileira. No Brasil, é o caso de nomes importantes como Lucio Costa e Mario de Andrade, por exemplo<sup>31</sup>. Aprofundar-se nas discussões em torno do neocolonial e o contexto de seu surgimento no país configura uma missão interessante porque reitera a complexidade da leitura deste período nacional, o que confirma e reforça que as barreiras conceituais que dividiam o neocolonial do ecletismo e do Moderno não eram tão estanques como a historiografia pode fazer parecer. Além disso, essa primeira aproximação dos arquitetos e intelectuais modernistas com o neocolonial pode constituir uma pista importante para a posterior compreensão, amplamente consolidada, do neocolonial como uma arquitetura de caráter eclético – isso porque, após a cisão com o neocolonial, estes arquitetos e intelectuais não só recusariam sua própria produção prévia, como se tornariam críticos contrários à mesma arquitetura que praticaram e/ou enaltecera anteriormente. Também a partir disso, ousamos reconhecer que uma leitura aprofundada do neocolonial propicia, inclusive, uma compreensão mais ampla acerca do Movimento Moderno brasileiro (e vice versa) – compreensão essa que se destaca sobretudo na pesquisa de Maria Lucia Bressan Pinheiro (2011), mas também em outros trabalhos, como Wisnik (2007) –, além de espelhar um preconceito significativo ante às manifestações arquitetônicas do ecletismo.

---

<sup>31</sup> Para além do Brasil, existem outros arquitetos modernos latino-americanos notáveis que também se vincularam inicialmente ao neocolonial, é o caso do mexicano Luís Barragán e do venezuelano Carlos Raúl Villanueva, por exemplo.

Antes de adentrar na compreensão que enquadra o neocolonial como uma arquitetura eclético-historicista, ou um *revival*, é importante compreender brevemente o ideário neocolonial no Brasil. Essa leitura propicia meios para compreender em quais aspectos a arquitetura neocolonial se aproxima, de fato, do ecletismo (e do historicismo) e em quais se distancia – construindo argumentos acerca de por que essa leitura pode ser, em parte, equivocada. É imprescindível remontar a Ricardo Severo e sua *Campanha de Arte Tradicional*, sobretudo por seu reconhecimento como a figura a lançar tal ideário tradicionalista no país, a base para o que vem a ser a arquitetura neocolonial (SILVA, 2005; 2007; 2019). Na mesma medida, tornam-se fundamentais as compreensões e a atuação de José Marianno Carneiro da Cunha Filho, figura importante para a consolidação do neocolonial, além de grande responsável pela difusão e pelo debate acerca dessa arquitetura, sobretudo no Rio de Janeiro. Ambos estiveram vinculados ao neocolonial no momento em que o mesmo surgia e se difundia no Brasil ao início do século XX.

A conferência proferida por Ricardo Severo em 1914, *A Arte Tradicional no Brasil*, que marca o surgimento do Neocolonial para a historiografia<sup>32</sup>, faz parte de sua *Campanha de Arte Tradicional* (SILVA, 2007; 2019). A Campanha envolvia a atuação de seu profícuo articulador em diversos meios, tomando forma não somente por suas conferências acerca da arte tradicional<sup>33</sup>, mas também por meio de projetos de arquitetura, artigos e entrevistas publicadas em jornais de ampla circulação da época, como *O Estado de S. Paulo*, *A Revista do Brasil* e *A Cigarra* (SILVA, 2019:599; PINHEIRO, 2011a:3). Ao se voltar ao que foi colocado na conferência, tem-se a apresentação de ideias que perpassam toda a atuação posterior de Severo no Brasil e a Arquitetura Neocolonial, às quais cabe chamar atenção. Nosso intuito não é discutir o conteúdo da conferência em sua totalidade, mas identificar bases à compreensão conceitual do que vem a ser a arquitetura neocolonial<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> Cf. Nota de rodapé número 1. pp. 10.

<sup>33</sup> Realizadas em 1914, na Sociedade da Cultura Artística de São Paulo, e em 1917, no Grêmio Politécnico de São Paulo. O fato de a conferência ter sido proferida em 1914 e, novamente, em 1917 reitera o sucesso e o bom recebimento de sua primeira realização (PINHEIRO, 2011:39).

<sup>34</sup> Para discussões e leituras acerca do conteúdo proferido por Ricardo Severo na conferência, ver: PINHEIRO, M. L. B. *Ricardo Severo e o Neocolonial: Tradição e Modernidade no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. INTELLECTUS (UERJ. ONLINE), v. X, p. 5, 2011; e SILVA, Joana Mello de Carvalho e. *A construção do nacional: Ricardo Severo e a Campanha de Arte Tradicional no Brasil (1910-1930)*. *Varia hist.*, Belo Horizonte, v. 35, n. 68, p. 597-629, Aug. 2019.

Ao longo de *A Arte Tradicional no Brasil*<sup>35</sup>, Severo enaltece a tradição e o “culto ao passado”, direciona essa atenção, neste país, a uma arquitetura tradicional que se volta à origem portuguesa, como uma forma de conciliar as relações prévias entre Brasil e Portugal. Essa conciliação se daria em detrimento de uma arte (e arquitetura) de influência estrangeira, uma “desorientação artística provocada pela diversidade de elementos imigratórios” (SEVERO, 1917:415). Por essa razão, o neocolonial vinculado ao ideário de Ricardo Severo é, por vezes, tratado por *neocolonial luso-brasileiro*, frente a manifestações que envolvem o chamado *mission style*, atrelado a motivos arquitetônicos hispano-estadunidenses – sobre o qual discutiremos adiante.

Nessa linha, Silva (2019:599) aponta que o nó que atava toda essa *Campanha da Arte Tradicional*, seja na atuação prévia de Severo em Portugal, seja em sua atuação no Brasil, era o apreço patriótico por sua terra natal. No Brasil, Severo voltaria sua atuação principal ao campo da arquitetura, principalmente porque “a matéria lhe proporcionava tratar da nacionalidade portuguesa, destacando a sua importância na constituição da nação brasileira”. A arquitetura possibilitava a articulação de um movimento que marcasse as relações entre os países, valorizando o legado português na antiga colônia, superando, assim, qualquer sentimento antilusitano.

Nessa perspectiva se apresenta a tônica do “movimento neocolonial” nas próprias palavras de Severo:

“Arquitetura tradicional, não quer dizer, portanto, reprodução literal de coisas tradicionais, de fósseis arqueológicos, de casas de taipa ou pau-a-pique, de igrejinhas de adobe, de velhas ruelas entre tugúrios de 3 braças craveiras, com porta e gelosia, ou de sorumbáticos sobrados dos centros urbanos d’antanho, sem higiene e sem aparência estética. Arte tradicional é a estilização das formas artísticas anteriores que integram em determinado tempo o meio local, o caráter moral dum povo, o cunho de sua civilização; é o produto duma evolução rítmica de ciclos sucessivos de arte e estilos; é uma expressão coletiva, estranha à vontade individual, do pleno domínio do sentimento, determinada em povos de tradição definida, nos quais o sentimento estético é estável como o sentimento da nacionalidade pátria” (SEVERO, 1917:423)

---

<sup>35</sup> O documento de onde se extrai o discurso de Severo é a transcrição da conferência publicada na *Revista do Brasil*, ano II, vol. 4, jan-abr. 1917. Esse documento está atrelado à conferência de 1917, realizada no Grêmio Politécnico de São Paulo. É importante frisar essa informação porque a segunda conferência, ainda que tenha o mesmo teor e o mesmo título, já se dá de forma mais abrangente, erudita e didática (PINHEIRO, 2011:40).

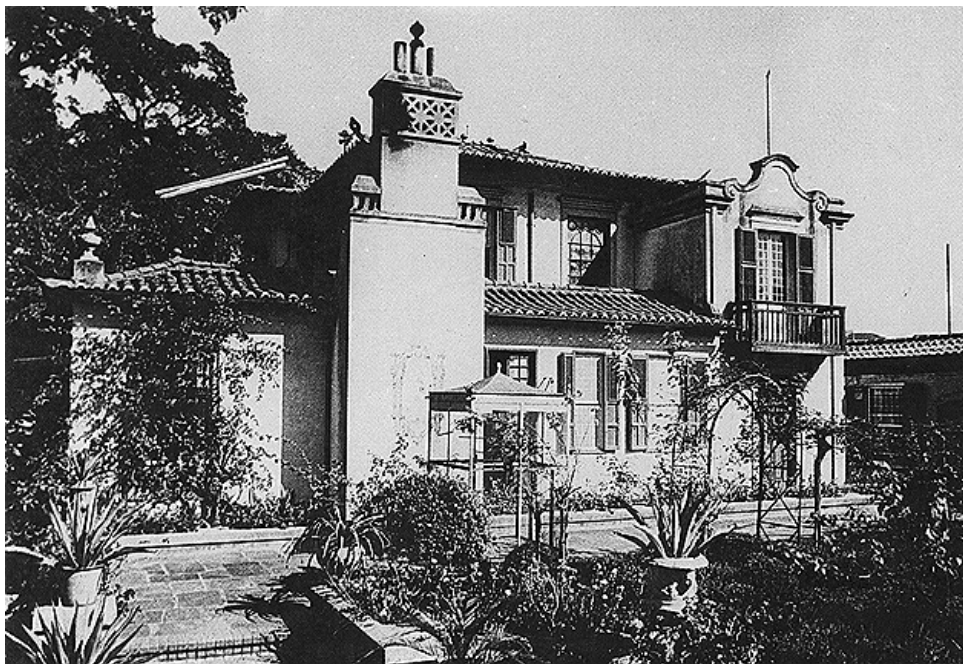
Tais preceitos apresentados na Conferência (tanto de 1914 quanto de 1917), reverberaram e se traduziram na arquitetura produzida por Severo no Brasil, sobretudo naqueles projetos dos anos de 1910, como a Residência Numa de Oliveira (1916-17) (Figura 8), e as residências projetadas para si próprio: uma casa na rua Taguá (1917) (Figura 9), na Liberdade, e outra, de veraneio, no Guarujá (1922) (Figura 10). Evidentemente, a referência principal era a arquitetura civil portuguesa do século XVII e XVIII. O aparato estilístico consistia em elementos típicos da “casa portuguesa”: beirais largos, telhas capa-e-canal, azulejos portugueses, rótulas, muxarabis... Sem que fosse realizada uma cópia, como ressalta na última citação apresentada, mas um uso “moderno” da tradição, através da liberdade propiciada pelas novas técnicas da época (BRUAND, 1981:53; PINHEIRO, 2011:67).



**Figura 8:** Residência Numa de Oliveira na Avenida Paulista, projeto de Ricardo Severo em 1916, concluído em 1917. Fonte: *São Paulo City*, página da web<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> Disponível em: <[https://i0.wp.com/spcity.com.br/wp-content/uploads/2015/09/numa\\_de\\_oliveira.jpg?w=2048&ssl=1](https://i0.wp.com/spcity.com.br/wp-content/uploads/2015/09/numa_de_oliveira.jpg?w=2048&ssl=1)> acesso em 22/03/2022, às 09h13min.



**Figura 9:** Casa da rua Taguá, projeto de Ricardo Severo em 1917. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira<sup>37</sup>.



**Figura 10:** Casa do arquiteto em Guarujá, projeto de Ricardo Severo em 1922. Fonte: BRUAND, 1981:53.

<sup>37</sup> Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra4740/casa-da-rua-tagua-sao-paulo>. Acesso em: 23 de março de 2022. Verbete da Enciclopédia.



Se, na busca por uma caracterização desse neocolonial incipiente, a atuação de Ricardo Severo é marcada, sobretudo, pela conferência *A Arte Tradicional no Brasil*, o que concerne a José Marianno Filho tem seu destaque na realização da obra conhecida como *Solar Monjope*<sup>38</sup> (1928) (Figuras 11 e 12): o projeto funciona como uma “casa-manifesto” (ATIQUE, 2016) a simbolizar e divulgar um triunfo do neocolonial, e caracterizava a visão de Marianno Filho acerca da arquitetura por ele adotada e defendida. Segundo Atique (2016), o Solar, a materializar os motivos da arquitetura tradicional no Brasil, foi um fato urbano importante, não só no que concerne a arquitetura neocolonial em si, mas relevante no cenário cultural-político-ambiental carioca.



**Figuras 11 e 12:** Solar Monjope, Rio de Janeiro. Fonte: MARIANNO FILHO, 1927:195; 292.

De atuação bastante ativa ao discutir e difundir a *Arquitetura Tradicional Brasileira*, como preferia tratar a arquitetura que se fixou na historiografia como neocolonial (MARIANNO FILHO, 1927; 1931; ATIQUE, 2016), não é difícil de encontrar a conceituação elucubrada por Marianno Filho acerca do tema. Textos publicados em periódicos como *O Jornal do Rio de Janeiro*, onde era articulista e crítico de arte e arquitetura (ATIQUE, 2016:219), como *As características do estilo arquitetônico nacional* (*O Jornal*, Rio de Janeiro, 8 jul. 1931. S.p.) ou, principalmente, *Os dez mandamentos do estylo Neo-colonial* (*Revista de Architectura*, Rio de Janeiro, 1923, v.IV, p. 161), já apresentam a ideia que se tinha da então “arquitetura tradicional

<sup>38</sup> Fernando Atique (2016) apresenta o “circuito social” da obra, ver: ATIQUE, Fernando. *De “Casa Manifesto” a “Espaço de desafetos”: os impactos culturais, políticos e urbanos verificados na trajetória do Solar do Monjope (Rio, anos 20 – Anos 70)*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 29, n. 57, p. 214-234, janeiro-abril, 2016.

brasileira”. Em linhas gerais: de inspiração colonial, adaptada às demandas do século XX e às condições climáticas e sociais locais, enquanto conservava os aspectos que a configuram como uma arquitetura tipicamente brasileira frente a arquitetura dos imigrantes. Conceitos esses que aparecem também em entrevistas, como aquela concedida à Angyone Costa, publicada no livro *A Inquietação das Abelhas* (1927).

Através da carta enviada a Gastão Bahiana, então presidente do Instituto Brasileiro de Arquitetos, acerca do *Prêmio Heitor de Mello*, publicada pela *Revista Architectura no Brasil* em 1921, tem-se, de forma concisa, uma relação do que Marianno Filho considerava imprescindível ao “estilo tradicional”, reproduzida a seguir conforme originalmente escrita:

Ilmo. Snr. Prof. Gastão Bahiana.

No intuito de incrementar os necessários estudos preliminares para a criação de um typo de architectura nacional inspirada directamente no estylo tradicional atravez das construções architectonicas sacras e civis praticadas no Brasil durante o período colonial, sob a direção artística dos missionários Jesuitas, resolvi instituir três prêmios, um de um conto e quinhentos, um de um conto de réis, e outro de quinhentos mil réis, para os projectos classificados respectivamente em 1º, 2º e 3º lugares pelo Instituto Brasileiro de Architectos em concurso publico numa das salas da Escola Nacional de Bellas Artes, por ocasião do Salão Annual do ano corrente.

Tratando-se essencialmente da reconstituição de um estylo architectonico com a representação de todos os característicos tradicionaes, desejo que os concurrentes ao referido certamen estejam estrictamente de accordo com as seguintes indicações:

Projecto de habitação domestica para arrabalde, constando de rez do chão e um pavimento superior, em terreno de 20 metros de frente por 50 de fundo.

Orçamento: cem contos de réis.

- a) - Todos os motivos architectonicos, quer decorativos, quer constructivos, deverão ser inspirados exclusivamente em modelos preexistentes no Brasil, atravez da architectura característica da epocha colonial.
- b) - Todos esses motivos terão igualmente um tratamento architectonico tradicional (columnas galbadas, arco abatido das arcadas, açoutamento dostelhados, largura dos vãos, etc);
- c) - Uso exclusivo da ordem toscana nas composições.
- d) - Mão de obra (apparelho) igualmente de accordo com as praxes, tradicionais (enxilharia de granito, estuque, chãos, etc).
- e) - Adaptação perfeita ás condições da vida moderna de accordo com as exigências das posturas municipaes.

f) - Os projetos aprovados ficarão pertencendo á Sociedade Brasileira de Bellas Artes, que os venderá em leilão publico, nesta cidade trinta dias depois do encerramento do respectivo Salão, applicando como melhor lhe parecer a soma que tiverem alcançado, em favor do patrimônio da mesma Sociedade.

Deixando ao alvitre de V. S. a organização e abertura da concorrência, e bem assim o julgamento dos respectivos projectos executados de accordo com as indicações acima mencionadas, confio plenamente no êxito desse modesto certamen, do qual poderá resultar o favor publico por um assumpto de grande relevância para a arte brasileira.

Queira V. S. aceitar os protestos de alta consideração

Do Amdr. Attº e Obgº

José Marianno Filho. (MARIANNO FILHO, 1921:38; sic)

Através do referencial em Severo e Marianno Filho, é possível compreender que essa nova arquitetura que se propunha não era de veras próxima do ecletismo em suas motivações. Ao contrário, se motivava amplamente por uma recusa à produção eclética, à arquitetura “do imigrante”. Contudo, o neocolonial conforme o entendemos hoje não é essencialmente essa produção ligada estritamente à referência em Severo e Marianno Filho. Com o passar do tempo, há um “esvaziamento” ideológico que se dá através de sua popularização ao longo do extenso território do Brasil – processo normal, que aconteceu inclusive com a Arquitetura Moderna –, e do surgimento de outras vertentes arquitetônicas que se somaram à denominação “neocolonial”, dentre as quais se destaca o *mission style*.

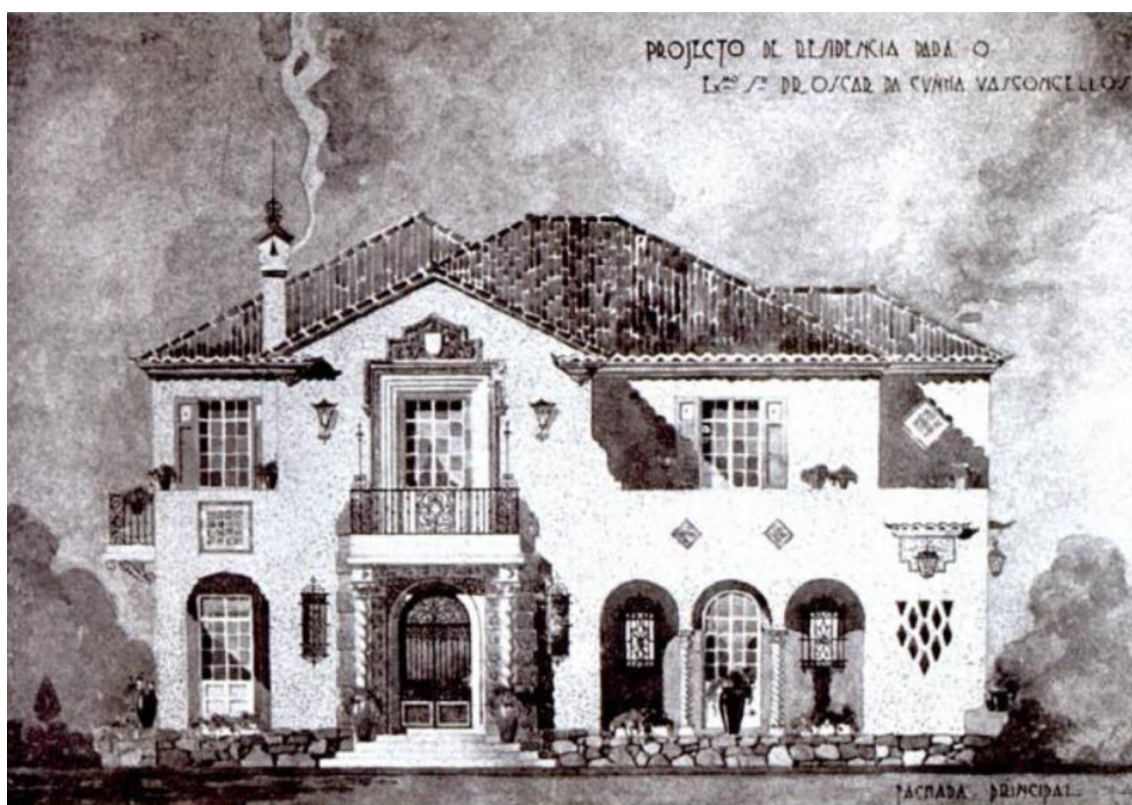
O *mission style*, por sua vez, acrescenta um complicador à leitura a respeito do neocolonial porque, primeiramente, sobretudo a partir dos anos de 1920, desponta no Brasil coexistindo (e se popularizando) nesse mesmo cenário cultural; e, segundo, porque seu aparato semântico-estilístico de arquitetura se mescla com a arquitetura neocolonial, a produzir, como aponta Atique (2011:176), uma nova arquitetura que mescla características do neocolonial de matriz luso-brasileira com um caráter pan-americano mais explícito. Todas essas manifestações do neocolonial, em geral, se difundiram amplamente ao longo do Brasil, mormente na arquitetura civil<sup>39</sup>.

Ainda que o neocolonial enquanto um fenômeno pan-americanista não constitua essencialmente o enfoque desta pesquisa, é importante compreender como essas

---

<sup>39</sup> Trabalhos que exploram a produção arquitetônica local neocolonial em diversas regiões do país reiteram essa leitura, é o caso dos trabalhos apontados na tabela 2. Cf. pp. 41.

articulações se dão, principalmente quando existem reflexos de tal fenômeno no Brasil<sup>40</sup>. O *mission style* (Figura 13), como previamente apontado, é um estilo que se populariza em território brasileiro e se mescla com o neocolonial autóctone. Segundo Carlos Kessel (2008:18), o estilo representaria “o último dos frutos da árvore eclética que o neocolonial tinha se proposto a derrubar”, aponta que sua mescla ao neocolonial (lusu-brasileiro) era um fator de irritação aos seus propugnadores. A ampla difusão do estilo missões e sua compreensão como análogo ao neocolonial, ainda assim, implicou na incorporação, em grande medida, do estilo na definição mais abrangente de neocolonial no Brasil.



**Figuras 13:** Exemplo de fachada em estilo missões. Aquarela de José Maria da Silva Neves, para residência Oscar da Cunha Vasconcelos (ATIQUE, 2010:237)

<sup>40</sup> Este trabalho reconhece a importância de se compreender o neocolonial sob um prisma pan-americano, e o faz em algumas passagens, ainda que concentre o enfoque nas discussões brasileiras. Isso se dá porque referenciais importantes à discussão, como trabalhos de Fernando Atique e o livro organizado por Aracy Amaral (1994), trazem a leitura pan-americano à pauta. Sobre leituras do neocolonial e do *mission style* nessa linha, recomenda-se duas publicações de Fernando Atique. Ver: ATIQUÉ, F. *Urdiduras Continentais no debate acerca do Mission Style. Notas sobre o Pan-Americanismo na Arquitetura Neocolonial*. Revista Eletrônica da ANPHLAC, v. n.10, p. 174-212, 2011; e ATIQUÉ, F. *Arquitetando a "Boa Vizinhança": arquitetura, cidade e cultura nas relações Brasil-Estados Unidos, 1876-1945*. 1. ed. Campinas: Pontes / FAPESP, 2010. v. 1. 325p.

Susana Torre (1994), no texto *En busca de una identidad regional: evolución de los estilos misioneros y neocolonial hispano en California entre 1880 e 1930*, faz uma análise histórica dessa arquitetura. O “estilo missões” teria surgido inicialmente no antigo território mexicano anexado pelos Estados Unidos na guerra mexicano-estadunidense de 1846-1848. Como consequência da guerra, os espaços recém-anexados aos Estados Unidos passaram a ser transformados e as construções em um estilo que aspira simbolizar o passado hispânico da região ganharam destaque. Sobre esse fenômeno, vale citar:

*“Lo que ocurre es que el estilo misionero es una apropiación por los vencedores de las formas urbanísticas y arquitectónicas de los vencidos, pero vaciadas de los significados sociales que les dieron origen. Han dejado de ser la expresión material de un modo de vivir, para ser meros símbolos de una identidad regional inventada. Y como símbolos repercuten en los modos de vivir en otras partes de Hispanoamérica”* (TORRE, 1994:48)

O estilo vem a se propagar de forma ampla principalmente a partir dos anos de 1880, mas sobretudo na virada para o século XX, até os anos de 1930. A escassa documentação histórica sobre as missões espanholas no México, somada ao distanciamento cultural entre os novos povos e essas tradições, propicia uma apropriação livre de formas como símbolos regionais na Califórnia. O estilo passa a ser adotado para edifícios de caracteres diversos – casas, hotéis, escolas – o que faz com que se transforme em um emblema da região californiana no começo do século XX (TORRE, 1994:48,49). É interessante correlacionar com o que aponta Manrique (1994:41) ao abordar a Arquitetura neocolonial no México, reconhecendo o *estilo missões* como um “*curioso juego de espejos*”, em que os Estados Unidos copiavam visualmente uma arquitetura de origem mexicana, e o México era influenciado por essa arquitetura que era uma cópia da sua própria. O autor trata do México, em específico, mas é sabido que toda a América Latina recebe a influência do *mission style*.

No Brasil, Fernando Atique (2011:193) aponta que é necessário trazer a atenção à forma com que uma produção tida como “erudita” se difunde, “consolidando e amplificando a adesão a opções estético-formais”. Isso porque, no que toca ao *mission style*, vale mencionar que grande parte das edificações identificadas por Atique foram executadas por mestres de obras e construtores, sem a participação de engenheiro ou arquiteto diplomado, o que colabora para uma leitura dessa arquitetura como “menor” à

historiografia hegemônica. Esses construtores se baseavam em edificações vistas em produtos culturais (revistas de construção e filmes, por exemplo) e até em outros prédios, ampliando a difusão do estilo no Brasil. José Marianno Filho já compreendia o contato com o referencial estadunidense como um fator palpável para o suposto desvirtuamento da proposta nacionalista da arquitetura neocolonial. Além do cinema, reconhecido como grande marco referencial, a produção editorial dos EUA também constituía uma ampla referência já nos anos 1920, principalmente por meio das revistas, mas também dos álbuns de fotografias e das propagandas, que difundiam no Brasil formas arquitetônicas diversas, como o chamado “bangalô californiano” (ATIQUE, 2011:186).

Sobre essa influência estadunidense na arquitetura neocolonial, Aracy Amaral (1994a) aponta como essa arquitetura demonstrava um deslocamento do eixo de influência a que estavam submetidos os arquitetos latino-americanos de forma geral: antes atrelado ao contexto europeu, passava, então, a se pautar em um modelo advindo dos Estados Unidos. Fato reiterado, posteriormente, através da pesquisa de Atique (2011:186), que identifica um amplo “repertório neocolonial” de matriz hispânica em publicações estadunidenses de revistas e livros, presente nos acervos de bibliotecas e arquivos de três das principais instituições de ensino de arquitetura no Brasil – a Escola Politécnica de São Paulo, hoje parte da USP; a Escola Nacional de Belas Artes, hoje parte da UFRJ, e o Mackenzie College, atual Universidade Presbiteriana Mackenzie. Toda essa identificação aponta, em grande medida, de onde vinha a influência para a difusão do *mission style* no Brasil e a própria mescla de referenciais luso-brasileiros e hispano-estadunidenses no neocolonial realizado no país.

Toda essa articulação de conceitos ao redor da denominação “neocolonial” auxilia na compreensão das leituras realizadas acerca dessa mesma arquitetura na historiografia. Toda a transformação que perpassa a definição da arquitetura neocolonial no Brasil, desde Ricardo Severo até sua popularização ao longo do território nacional e a mescla com referenciais *mission style*, leva-nos a concordar que há, de fato, uma proximidade com o caráter eclético em sua linguagem. Conforme pontuado por Pinheiro (2011:44), o neocolonial opera, de fato, através de um “ecletismo sintático”, isto é, o seu modo de conceber a arquitetura se assemelha à forma como concebe o ecletismo – por exemplo, através do amalgamento, em um único edifício, de elementos ornamentais oriundos de tipologias diversas da arquitetura colonial, articulados em linha com os avanços técnicos

do período. Não há demérito nisso, aliás, sobretudo quando analisamos as particularidades e os percursos dessas arquiteturas sob um viés historiográfico pertinente, em linha com a cultura arquitetônica de sua época. É preciso reconhecer, contudo, que apesar da linguagem análoga, as motivações da arquitetura eclética e da neocoloniais divergem entre si.

Conforme explana Luciano Patetta (1987:13), o ecletismo representava uma cultura arquitetônica própria de uma burguesia que se afeiçoava pelo conforto e pelo progresso, própria do século XIX, cujas contribuições estiveram vinculadas sobretudo a inovações tecnológicas na construção e na melhoria nas condições de vida através do projeto<sup>41</sup>, ainda que reduzisse “a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto”. A linguagem do ecletismo, em geral, utilizava-se de elementos lexicais múltiplos, extraídos de épocas e contextos diversos, organizados em seus projetos de formas também diversas, seguindo princípios ideológicos variados. Um desses princípios seria o da “composição estilística”, conforme define Patetta (1987:14), que se baseava “na adoção imitativa coerente e ‘correta’ de formas que, no passado, haviam pertencido a um estilo arquitetônico único e preciso”, outro seria o “historicismo tipológico”, aquele que guarda maiores similaridades com o modo de operar neocolonial, em que as “escolhas apriorísticas de cunho análogo que deviam orientar o estilo quanto à finalidade a que se destinava cada um dos edifícios, [por exemplo] reencontrando, na Idade Média, os traços místicos e a religiosidade para as novas igrejas”.

Sobre a ideia do neocolonial como uma arquitetura de *revival*, por sua vez, em linha com as discussões do historicismo na arquitetura, vale lembrar o que coloca Argan (1977:8), por analogia, ao discutir a temática do revivalismo na arte: “*Todo revival, más que proponer la investigación y la reflexión sobre el pasado, lanza una moda: lo griego, lo etrusco, lo pompeyano, lo gótico, lo rococó*”; e “*Los revivals no poseen un carácter conservador en la medida en que, aun proponiendo un retorno al pasado, tienden a cambiar las situaciones de hecho; por otra parte, además, se presentan invariablemente como movimientos avanzados y antitradicionalistas*”. Essas afirmações, dadas como exemplo, distanciam o neocolonial de uma arquitetura de *revival* desde as raízes de seu surgimento, uma vez que esse se pretendia um movimento nomeadamente tradicionalista,

---

<sup>41</sup> Para compreensão acerca das contribuições da arquitetura eclética em maior profundidade, ver: PATETTA, 1987. Pp. 10-25.

cujo objetivo, ao menos inicialmente, era em parte o reconhecimento e a valorização da arquitetura colonial brasileira (e sua origem portuguesa). Contudo, amparada por essa mesma leitura de Argan (1977), a crítica poderia, também, aproximar as manifestações “popularizadas” do neocolonial com a ideia revivalista, sobretudo no que concerne à noção de “moda”, esta que foi, de fato, uma característica constantemente atribuída ao neocolonial – mas reiteramos que essa crítica poderia ser direcionada à praticamente toda manifestação arquitetônica que se populariza e é absorvida pela arquitetura civil anônima, inclusive à Arquitetura Moderna.

Sempre é válido pontuar que não há demérito na aproximação entre o neocolonial e o ecletismo (historicismo, revival...), para além do fato de que essas vertentes arquitetônicas foram, por muitos anos, deixadas à margem da historiografia da arquitetura brasileira<sup>42</sup>. Porém, entendemos a aproximação do neocolonial com o ecletismo (o “inimigo comum”) como um recurso da crítica para invalidar reflexões próprias dessa vertente arquitetônica, em grande medida articulada por intelectuais e arquitetos que inicialmente se aproximaram do ideário neocolonial e, posteriormente, tornaram-se arautos do Movimento Moderno. Cabe refletir, sobretudo, acerca da produção crítica de Lucio Costa e Mario de Andrade após a cisão de ambos com o ideário neocolonial. Como figuras de importância inquestionável ao cenário cultural brasileiro, suas opiniões acabam por reverberar e se consolidar como amplas referências na historiografia da arquitetura no país. Pesquisadores como Guilherme Wisnik (2007), Maria Lucia Bressan Pinheiro (2011, 2020) e Ana Slade Oliveira (2007, 2013) exploraram a relação e a ruptura de Lucio Costa e Mario de Andrade com o neocolonial em maior ou menor medida.

A presença de Mário de Andrade como correspondente na revista de cultura *Ilustração Brasileira*, publicada no Rio de Janeiro, marca uma série de publicações importantes, ainda que por breve duração (novembro de 1920 a maio de 1921)<sup>43</sup>, na qual a temática do neocolonial é recorrente. Mário se posiciona, naquele contexto, como um entusiasta dessa nova arquitetura desde a primeira crônica publicada (PINHEIRO, 2011:88), através de opiniões como: “o glorioso estilo neocolonial, que um grupo de arquitetos nacionais e portugueses, com o sr. Ricardo Severo à frente, procura lançar” (ANDRADE, 1921).

---

<sup>42</sup> Ver: I.I. *A historiografia (modernista) de arquitetura no Brasil e o neocolonial*. Cf. pp. 24.

<sup>43</sup> A presença de Mario de Andrade na revista *Ilustração Brasileira* é analisada em profundidade por Pinheiro (2011). Ver: PINHEIRO, 2011, p. 88.



Teria sido, a propósito, nessa passagem citada, em crônica publicada em fevereiro de 1921 na *Ilustração Brasileira*, o primeiro registro da denominação “neocolonial” para tratar da “arquitetura tradicional brasileira”, como era referida amplamente por Severo e Marianno Filho, segundo investigação realizada por Pinheiro (2011:90). Em continuidade à pesquisa de Pinheiro, mediante buscas do presente trabalho nos periódicos de época, reiteramos o mapeamento realizado pela autora – não parece haver, ao menos em registros dessa natureza, menção anterior a essa de Mario de Andrade a uma arquitetura “neocolonial”.

Lucio Costa, por sua vez, antes de se consolidar como arquiteto moderno, adquirira destaque através de seus projetos de natureza eclética e neocolonial. Obteve grande reconhecimento em concursos como aqueles organizados por Marianno Filho à cargo da *Sociedade Brasileira de Belas Artes*. O *Prêmio Heitor de Mello*, em 1923, teria sido, então, o seu maior destaque, alcançando o 2º lugar com o projeto para o *Solar Brasileiro* – o que o consolidaria, segundo Paulo Santos, “no primeiro plano do movimento neocolonial” (SANTOS, 1962:14 apud OLIVEIRA, 2013:77).

A pesquisadora Ana Slade Oliveira (2013), ao analisar a produção “pré-moderna” de Lucio Costa, aponta que os primeiros projetos em uma linguagem neocolonial foram justamente esses voltados aos concursos organizados por Marianno Filho. Segundo a autora,

“Esses projetos são uma boa demonstração da continuidade da arquitetura neocolonial em relação ao ecletismo vigente e de como as diferenças entre a arquitetura comumente praticada e a então chamada nova arquitetura neocolonial passavam apenas pelas questões ideológicas nacionalistas, pois, na prática, os elementos da arquitetura colonial eram aplicados à arquitetura da mesma maneira que se dava com os demais estilos” (OLIVEIRA, 2013: 78)

Seja com enfoque específico na obra de Lucio Costa, ou tratando sobre a arquitetura de forma mais ampla, essa afirmação recai sobre a ideia do ecletismo sintático, da linguagem eclética na forma de operar da arquitetura neocolonial. Ao nosso ver, contudo, cabe questionamento na percepção da “continuidade (...) em relação ao ecletismo vigente”. A própria autora pontua que há uma diferença “ideológica”, mas não seria esse ideário que ampara o projeto neocolonial motivo suficiente para uma cisão na continuidade do

ecletismo? Ainda que os modos de concepção arquitetônica sejam análogos, o olhar ao passado colonial, anteriormente desprezado, não seria *per se* uma transformação? São questões colocadas à reflexão. Pensando em específico no caso de Costa, ao envolver-se com o neocolonial, esboçaria em escritos como “A alma de nossos lares” (*A Noite*, 19 de março de 1924) um referencial que envolvia uma reflexão teórica sobre a arquitetura – que, aliás, remete, segundo a própria autora, diretamente ao discurso de José Marianno Filho –; além de carregar à Arquitetura Moderna reflexões que foram suscitadas pelo ideário neocolonial, sobretudo aquelas envolvidas com a valorização do passado colonial.

Sobre a ruptura de Lucio Costa com o neocolonial, tanto Wisnik (2007) como Oliveira (2013) apontam que a viagem de Costa a Diamantina em 1924 teria sido um primeiro motor dessa separação. Nesse mesmo ano, posterior à viagem, Costa publicaria “Considerações sobre nosso gosto e estilo”, entendido por ambos os autores como uma primeira crítica à arquitetura neocolonial. Em Diamantina, Costa afirmaria ter encontrado a “arquitetura colonial pura”, cuja “beleza sem esforço” lhe pareceu mais verdadeira e atual que a arquitetura praticada pelo neocolonial. Wisnik (2007) cita o texto de Costa (1924):

“De minha viagem a Diamantina e pequena demora em Sabará, Ouro Preto e Mariana tentarei apenas das as impressões gerais que tive e as ideias que elas me sugeriram sem entrar em detalhes técnicos que somente aos arquitetos podem interessar. Confesso-lhe que foram muitas as surpresas. *Encontrei um estilo inteiramente diverso desse colonial de estufa, colonial de laboratório, que nesses últimos anos segui e ao qual, infelizmente, já se está habituado o povo a ponto de classificar o verdadeiro colonial de inovação. Ao lado das construções barrocas, jesuíticas, arquitetura francamente religiosa, há a arquitetura civil, de um aspecto muito característico e de particular interesse.*” (COSTA, 1924 apud WISNIK, 2007, p. 174, grifo nosso)

Pinheiro (2011:184) destaca, porém, que essa leitura não se sustenta quando analisamos os projetos arquitetônicos realizados por Costa, tanto na sequência da viagem a Diamantina quanto contemporaneamente à referida publicação. Projetos como a Residência Raul Pedrosa à rua Rumânia (por volta de 1926) (Figura 14) e as duas residências Daudt de Oliveira (1928) (Figura 15) no Cosme Velho, produzidos naquele contexto, se aproximavam do neocolonial hispânico, o mesmo “colonial de estufa”, conforme a citação, amplamente em voga no Rio de Janeiro, desde a Exposição de 1922.

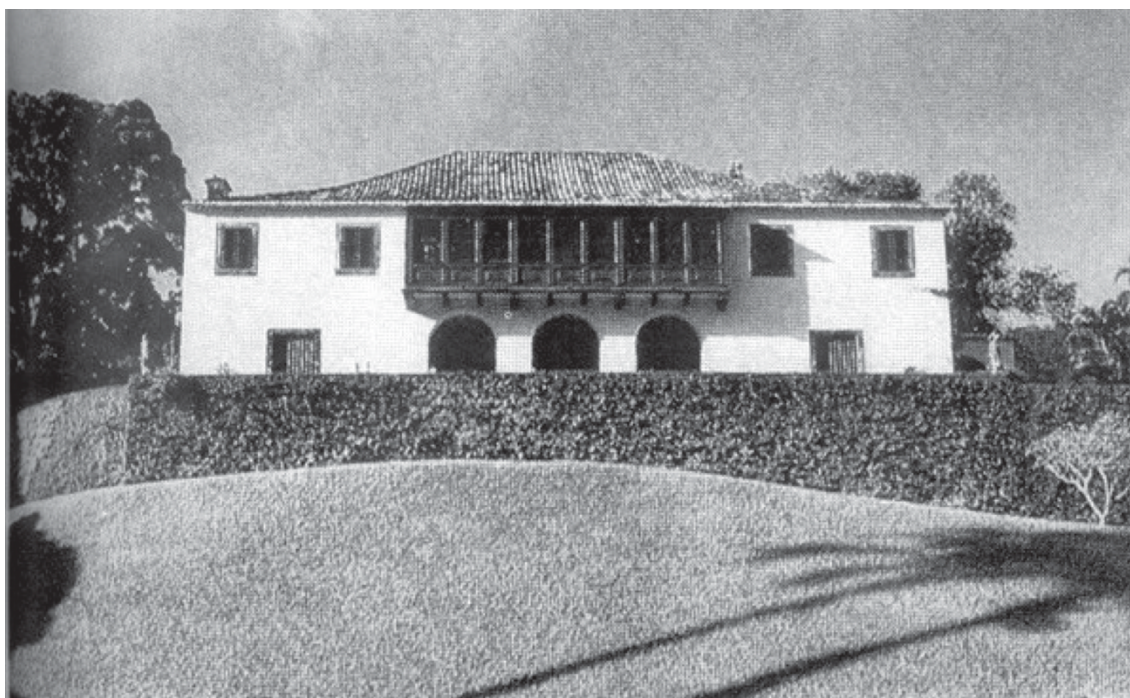


**Figura 14:** Residência Raul Pedrosa à rua Rumânia, projeto de Lucio Costa e Fernando Valentim, por volta de 1926. Fonte: PINHEIRO, 2011:191.



**Figura 15:** Residência da Sra. Adelaide Daudt de Oliveira, um de dois projetos do arquiteto no Cosme Velho, em parceria com Fernando Valentim. 1928. Fonte: PINHEIRO, 2011:188.

A ruptura oficial de Costa com o movimento neocolonial seria posterior. Wisnik (2007:175) pontua um flagrante afastamento teórico já em 1929, ao contexto da publicação do texto “O Aleijadinho e a cultura nacional” (1929). Nesse escrito, Costa opõe a arquitetura de Aleijadinho ao “verdadeiro espírito geral de nossa arquitetura”, que estava concentrado na arquitetura civil do período colonial. A ruptura concreta se daria somente em 1930, marcada pelo episódio da reforma do ensino da *Escola Nacional de Belas-Artes*. Uma ruptura que se dá notadamente em seu discurso, uma vez que ainda existem projetos de sua autoria ligados ao neocolonial em data posterior, como o notável caso da residência Ernesto Fontes<sup>44</sup>, apresentado em 1930 com uma proposta de fachada moderna e outra, que foi de fato construída, de motivo neocolonial (PINHEIRO, 2011:222; COSTA, 1995:55). Essa cisão de Costa com o neocolonial não consistiu somente em uma mudança de paradigma, mas somou-se à uma clara contraposição de ideias, vinculada, inclusive, à recusa de sua produção prévia – essa transformação, aliás, tão abrupta e radical, não deixa de suscitar questionamentos e curiosidade à pesquisa.



**Figura 16:** Projeto neocolonial de Lucio Costa para a residência Ernesto Fontes, 1930. Fonte: COSTA, 1995:57-59.

---

<sup>44</sup> Sobre este projeto, a discussão foi levada ao jornal por Marianno Filho em 1943, à dizer que “Lucio Costa (...) se viu em tão precária situação, que foi bater à porta do sr. E. Fontes, pedindo para lhe fazer o projeto da casa, no estilo nacional, horrendo, falso e mentiroso” (MARIANNO FILHO, 1943 apud PINHEIRO, 2011:222)

A essa altura, Mario de Andrade também já não guardava tantas aproximações com a arquitetura neocolonial, conforme pontua em “Exposição duma casa modernista (considerações)”, publicado originalmente em 05/04/1930 no Diário Nacional:

“O neocolonial, o bangalô, o neoflorentino são ‘falsos’, tanto quanto uma pérola Tecla, um objeto de Flosel ou o não culpável Rafael duma coleção paulistana. Lhes falta aquela orgulhosa força de legitimidade que justifica e valoriza até os defeitos. Já nem me interessa com serem eles, na infinita maioria dos casos, falsificações hediondas. Não é o conceito de falsificação deturpadora de princípios arquiteturais que me preocupa agora, é a noção do *faux*, do que é feito para enganar, da prática extemporânea” (ANDRADE, 1980 apud WISNIK, 2007, p. 176)

Notemos que, com o passar do tempo, a crítica de Mario de Andrade ao neocolonial se torna também mais negativa. É válido atentar-se que, nesse contexto, o autor amalgama essa arquitetura a exemplos de viés eclético: o bangalô e o neoflorentino. A transformação no teor da crítica expressa pelo autor é flagrante, sobretudo quando se compara com seus primeiros escritos acerca da arquitetura neocolonial. O que chama nossa atenção, nesse caso, é justamente a articulação do ecletismo como forma de desvalidar o neocolonial, algo que é amplamente reforçado pela coincidência na denominação das tendências, e que vai de encontro a opiniões expressas pelo mesmo autor em publicações anteriores. Diferente de Costa, porém, Mario de Andrade não tem uma cisão tão expressiva com a arquitetura neocolonial, tendo reconhecido alguma contribuição nacionalista por parte da referida arquitetura, como na conferência “O Movimento Modernista”, de 1942, em ocasião de vinte anos da Semana de Arte Moderna de 1922.

Dada a inquestionável importância das figuras tomadas aqui como exemplo, Lucio Costa e Mario de Andrade, no cenário cultural brasileiro em geral e na história da arquitetura brasileira em específico, suas críticas e a posterior “militância” contrária ao neocolonial consolidaram-se na historiografia da arquitetura neste país, cujos reflexos ainda hoje podem ser observados frente a arquitetura neocolonial e ao ecletismo. Estamos de acordo, por analogia, com o que pontua Drexler (1976:3) ao tratar da relação entre o Movimento Moderno e a arquitetura da *Ecole des Beaux-Arts*: como a escrita da história é feita pelos vitoriosos, a literatura do movimento moderno ajudou a perpetuar a confusão a respeito daquilo que foi perdido e, sobretudo, a respeito do que se tratava essa batalha travada.

Acerca do neocolonial, herdamos, em grande medida, uma interpretação confusa e reducionista.

\*\*\*

As discussões relativas ao caráter eclético-historicista da arquitetura neocolonial esbarram também em outro debate que envolve as noções de “estilo” e “movimento” na arquitetura. Isso porque, ao estudar a produção teórica que aborda o neocolonial, é comum encontrar o uso de forma aparentemente indiscriminada desses conceitos a caracterizar essa vertente arquitetônica. Cabe refletir brevemente sobre a articulação dos referidos conceitos, principalmente porque as noções de “estilo”, amplamente vinculadas ao historicismo e ao ecletismo, são utilizadas, muitas vezes, também como forma de esvaziar o caráter ideológico da arquitetura neocolonial, em detrimento da ideia de “movimento”.

É importante enfatizar, porém, que essas discussões por si só poderiam configurar um trabalho de pesquisa a parte. Essas conceituações – sobretudo a de “estilo” – variam de forma bastante significativa de acordo com o teórico estudado. O que se pretende é, em linhas gerais, compreender a vinculação desses conceitos à historiografia relacionada à arquitetura neocolonial.

Antoine Picon, no livro *Ornament: The politics of architecture and subjectivity* (2013), discute a ideia de estilo sob uma perspectiva histórica, articulando-a inclusive em aproximação com as ideias de “ornamento” e “linguagem”. Ele aponta que, na visão tradicional do termo, todas as diversas interpretações da ideia de “estilo” têm em comum a necessidade de atribuir-lhe um papel de mediador entre diferentes ordens de realidade. Além de conectar a criatividade individual às escolhas estéticas coletivas, o estilo associava as determinações técnicas às disposições intelectuais e religiosas: “*From pottery to architecture, styles were rooted in a complex series of interactions between the natural and the spiritual, which defined the very essence of civilisation*” (PICON, 2013:116).

Nessa perspectiva, o historicismo teria complexificado a questão do estilo, uma vez que implicava no uso e na manipulação de elementos tectônicos e ornamentais que iam além do contexto que os teria formado (PICON, 2013:117). Nesse mesmo segmento, Picon aponta que o século XIX, a era industrial, teria sido uma época de ampla divisão política

e social, o que teria condenado ao fracasso qualquer tentativa de criação de um estilo novo e coerente. Segundo o autor, havia a crença de que, a partir do uso da linguagem histórica, os valores positivos vinculados àquela invenção em sua época poderiam ser parcialmente recapturados. Compreensão essa que se dava atrelada à virada historicista do século XIX: artistas, filósofos e até cientistas acreditavam firmemente que o futuro seria possível dada a presença do passado no presente.

*“History and historical materials did not only provide a measure of progress; like coal for a locomotive, they appeared as the fuel burnt by the engine that pulled the industrial society towards the future” (PICON, 2013:118).*

Se no século XVIII a ideia de estilo poderia ser entendida como uma forma de linguagem na qual o artista ou arquiteto se expressaria, no século XIX, aponta Hvattum (2004:150), os artistas e arquitetos viam cada estilo como uma própria linguagem em si mesmos, um sistema autônomo de significados com suas respectivas lógicas (uma possível aproximação incipiente à ideia de movimento). Cada estilo histórico era concebido de uma forma diferente, mas em sistemas análogos, correspondendo a um conjunto de valores determinados, organizados de forma que não seriam apenas retornos do passado, mas uma ferramenta didática para a formação do presente.

*“In the nineteenth century, style had come to be seen as the relative character of a particular civilization, formed by specific cultural and material conditions. Through history, this character attained a moral significance, becoming a paradigm to be emulated and appropriated by the present. The choice of style, thus, was not simply a matter of aesthetic preference. Rather, it was a vehicle for moral improvement (...). However, if style was not conceived as an aesthetic choice, it was nevertheless seen as a matter of choice, and history was considered raw material for the self-invention of the present” (HVATTUM, 2004:155)*

Ao início do século XX, Antoine Picon (2013:122) aponta que, ao destituir-se de seus ornamentos, a arquitetura (moderna, sobretudo) não foi capaz de alcançar os mesmos paradigmas de legibilidade e de clareza institucional, da mesma forma que teriam, por exemplo, as colunatas em *revivals* da arquitetura grega, e as igrejas neogóticas frente a instituição religiosa. Ainda segundo o autor, a arquitetura do século XIX tinha em seu

ponto forte justamente a legibilidade, em grande medida baseada na interpretação linguística de estilo e ornamento.

Em contrapartida, segundo pontua Patetta (1977:160,163), seria através da popularização do ecletismo poliestilístico e sua “grosera utilización de la historia de la arquitectura, este vulgar saqueo de la herencia del pasado”, o indício do fim dessa arquitetura de estilos e, por conseguinte, a crise do historicismo. O que, segundo o autor, justificaria o anti-historicismo do Movimento Moderno. Aliás, é sobretudo com a Arquitetura Moderna, no século XX, e com as discussões que a circundam, que a noção de *estilo* começa a ser tida por viés negativo. É também a partir desse momento que a discussão em torno de “movimento”, mais vinculada aos referenciais de estudo da arte moderna, entra em voga na arquitetura. Adolf Loos, no livro *Ornamento e crime* (1910), aponta para o desejo pelo ornamento como um sintoma da falta de cultivo sublimatório, o que denota uma mudança de paradigma, uma vez que, até então, era justamente o ornamento que colocava a arquitetura no rol das belas artes (MASHECK, 2019:120).

Nesse sentido, a definição de *movimento* atrelada ao moderno, trazendo novamente para a arquitetura um referencial que é próprio das artes, se dá em linha com a ideia de “vanguarda artística”. Em suma, *vanguardia* descreve, segundo Tom Porter no volume *Archispeak: An Illustrated Guide to Architectural Terms* (2005:9), um grupo, em geral composto por artistas, escritores, arquitetos, intelectuais, considerado à frente de seu tempo, preeminente na aplicação de novas técnicas em um campo específico, que desafia os valores culturais em voga.

O que se compreende a partir dessa alusão, somando-a à leitura do grupo de trabalhos a discutir o neocolonial, é a noção de que o uso de “estilo” na caracterização dessa arquitetura está mais vinculado a um referencial ornamental e visual por si só; enquanto o uso de “movimento”, faz referência também a esse viés ornamental, mas envolve e articula um ideário e uma filosofia em torno dessa mesma arquitetura. Este trabalho concorda com o que aponta Kessel (2008:245):

“A Arquitetura Neocolonial só pode ser compreendida se considerada simultaneamente como estilo e movimento, combinação de produção construída e produção textual,



manifestando-se não somente como um conjunto de textos, projetos e edificações imóveis e cristalizadas no tempo, mas como uma trajetória inserida na cultura brasileira da primeira metade do século passado” (KESSEL, 2008:245, grifo nosso).

Torna-se evidente, portanto, que o que era defendido por Ricardo Severo e José Marianno Filho se tratava de um movimento em arquitetura. Um movimento que envolvia, de fato, um aparato ornamental e, portanto, estilístico, que referenciava a “verdadeira arquitetura colonial” (MARIANNO FILHO, 1927:297), mas que correspondia a uma linguagem, uma filosofia norteadora, um conjunto de pensamentos e pressupostos que configurava um ideário maior de “arquitetura tradicional brasileira”. Conforme coloca Marianno Filho:

“Certo os partidarios da architectura tradicional não aceitam o estylo que se immobilizou na época colonial. Elles querem retomar o fio do passado; ajustar a architectura antiga ás necessidades prementes da hora actual. Numa palavra: elles querem a evolução da architectura brasileira. O argumento de que o estylo colonial não se presta á vida moderna é tão frágil que dispensaria contestação. (...) A primeira etapa da campanha, que foi a phase do reconhecimento do estylo, está vencida, respeitando a significação dos elementos ornamentaes e decorativos. Do estylo chamado colonial só nos interessam as fórmas e os detalhes typicos. A banalidade, os cachorros de louça, os azulejos estampados deverão ser banidos” (MARIANNO FILHO, 1927:297, sic.)

Nessa perspectiva, esse ideário englobava, inclusive, um manifesto: seja a conferência *A Arte Tradicional no Brasil*, de Ricardo Severo, seja o *Solar Monjope*, de Marianno Filho – essa representação estava colocada. Como aponta Atique (2011:177), a problemática neocolonial não se colocava apenas na construção, mas se tratava de “um projeto metodológico de cultura por meio do espaço construído, o que, obviamente, passava pela definição semântica da arquitetura”.

A partir da referida exposição, um juízo de valor não deveria ser atribuído aos conceitos de “estilo” e “movimento”. Porém, é possível correlacionar aqueles trabalhos que apresentam um olhar negativo sobre a arquitetura neocolonial à utilização de “estilo” para a sua classificação, em detrimento da ideia de “movimento”. O que pode, também, ser atribuído ao “triunfo” da narrativa modernista na historiografia da arquitetura brasileira, fazendo com que a noção de “estilo”, combatida pelos modernos, atrelada às ideias de “ornamento” e “historicismo”, sempre estivesse vinculada a algo de menor valor.

Essa visão consolidada do neocolonial como uma arquitetura eclético-historicista, vinculada à narrativa historiográfica modernista, foi compartilhada por uma série de trabalhos e autores importantes a refletir a história e a historiografia da arquitetura e se mantém em voga, em alguma medida, até o presente momento. Essa perspectiva começa a ser transposta, lentamente, segundo nossa análise, justamente a partir do surgimento dos programas de pós-graduação e da consolidação da historiografia de arquitetura enquanto tema de pesquisa no Brasil. Ainda que de forma muito incipiente, pesquisadores como Willian Bittar (1988), no Rio de Janeiro, começaram a trazer luz à discussão envolvendo a arquitetura neocolonial. Porém, é somente em 1994 que o tema ganha maior visibilidade e se torna o centro de uma discussão historiográfica mais aprofundada, com a publicação da antologia *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos* (1994) organizada por Aracy Abreu Amaral. Ainda que vinculado em grande medida à paradigmas da historiografia modernista, sobretudo no que concerne à discussão envolvendo o Brasil, a publicação busca compreender a fundo o fenômeno da arquitetura neocolonial sob um viés transnacional, englobando o continente americano em sua totalidade. A leitura interna e externa da publicação nos revela detalhes importantes sobre como era compreendida a arquitetura neocolonial até aquele contexto, e nos permite identificar uma nova dualidade, própria desse caráter transicional que o livro representa: o entendimento da importância de se discutir o neocolonial, acompanhado de uma certa dificuldade em reconhecer seus méritos – a carga Moderna sobre a discussão ainda nos parece pesada naquele momento. Era necessário, porém, um ponto de virada – e é notável que o livro cumpre eximamente este propósito.

## **2.1. O LIVRO *ARQUITECTURA NEOCOLONIAL: AMÉRICA LATINA, CARIBE, ESTADOS UNIDOS* (1994): UM MARCO INICIAL PARA O ESTUDO DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL**

Identificado pela presente pesquisa como um marco no estudo historiográfico do neocolonial, o livro *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos* (1994) organizado por Aracy Amaral não se concentra no neocolonial brasileiro somente. Aliás, a publicação adquire uma relevância ainda mais significativa quando compreendida como um documento de viés transnacional ao estudo da temática, isto é, que ultrapassa limites territoriais e busca uma leitura mais ampla desta arquitetura como um fenômeno comum no continente americano. Portanto, ainda que nossas discussões sejam voltadas ao cenário brasileiro em específico, reforçamos a importância da análise deste documento em sua integridade, entendendo, ainda, que a leitura transnacional nos permite, por comparação, aprofundar o conhecimento e a leitura das particularidades do cenário brasileiro frente a uma rede de relações diferenciais.

O livro configura uma referência basilar ao tema, a primeira referência de fôlego a discutir amplamente o neocolonial como enfoque central<sup>45</sup> de uma pesquisa de caráter historiográfico. Os trabalhos reunidos são oriundos do seminário *El neocolonial en América Latina*, coordenado também por Aracy Amaral com apoio da *Fundação Memorial da América Latina*, que objetivava compreender o tema enquanto um “denominador comum” na arquitetura dos países que compõem o continente (AMARAL, 1994, orelha do livro). O seminário reuniu textos de alguns dos mais importantes historiadores e críticos de arte e arquitetura a estudar a América Latina: Marina Waisman, Ramón Gutiérrez, Enrique Xavier de Anda Alanís, Roberto Segre, Alberto Petrina, Margarita Gutman, Germán Téllez, Jorge Alberto Manrique, Rita Eder, para citar alguns. É válido mencionar o caráter de mapeamento desta publicação, tendo em vista que não se tratava essencialmente da apresentação de um estudo consolidado, mas a reflexão sobre uma arquitetura a que se propunha compreender melhor, inclusive através dessa rede relacional de pesquisadores.

Os esforços de Amaral, seja com relação ao Seminário ou à publicação do livro, aproximam-se amplamente do viés transnacional. É possível estabelecer uma relação a

---

<sup>45</sup> Cf. Nota de rodapé 21 e 22, p. 33-34

partir da proximidade temporal entre a data de publicação do livro (1994) e o momento em que os debates acerca da perspectiva transnacional entraram em maior voga, nos anos de 1990. Barbara Weinstein (2013, p.16) aponta que é complexa a definição do momento em que se inicia o chamado “viés transnacional”, mas enfatiza que o lançamento dos livros *Activists beyond borders: advocacy networks in international politics* (1998), de Margaret Keck e Kathryn Sikkink, e *Close encounters of empire: writing the cultural history of US-Latin America relations* (1998), organizado por Gilberto Joseph, Catherine LeGrand e Ricardo Salvatore, podem ser tidos como um “bom momento fundacional”. Ainda que esses livros apontados por Weinstein sejam posteriores à publicação de Amaral, as discussões que culminaram em suas publicações já aconteciam ao longo dos anos de 1990. Mais importante que a aproximação temporal, são as características do próprio trabalho, que estão em linha com o que Weinstein (2013, p. 20) aponta como a maior vertente de estudos transnacionais: “relações hemisféricas, com uma ênfase nos intercâmbios e colaborações dos cientistas sociais e outros *experts* que influenciaram as políticas governamentais, mas que circulam fora do contexto do oficialismo”.

De forma a compreender o que levaria Aracy Amaral a conduzir tal abordagem e discussão, em proporções continentais acerca do tema da Arquitetura Neocolonial, é válido que se compreenda, ainda que brevemente, alguns pontos em sua trajetória. Ao mesmo tempo, é válido mencionar que estudar o neocolonial, naquele contexto, envolvia refletir sobre a problemática da busca do passado e da identidade nacional em “países novos”, fenômeno que aconteceu de maneira significativamente sincrônica nesses países de cultura mestiça (AMARAL, 1994, quarta capa). Envolvia também, indo além, a compreensão da transição do eixo de influência da Europa para os Estados Unidos<sup>46</sup>, como coloca Amaral no texto de abertura do livro (AMARAL, 1994a, p. 15).

Aracy Amaral atua junto dos temas de arte e cultura em linha com as discussões de América Latina desde os anos de 1970, é uma pesquisadora de referência nesses campos (COSTA JR, 2018). Segundo coloca Renata Ribeiro dos Santos (2020, p. 201), é amplamente reconhecido o fato de que Aracy Amaral, juntamente com outros nomes importantes, como Marta Traba, Damián Bayón, Juan Acha e Nelly Richard, compõem o

---

<sup>46</sup> Essas relações envolvendo uma referência nos Estados Unidos por parte do contexto latino-americano, com ênfases no neocolonial, sobretudo na variante *mission style*, são discutidas amplamente no trabalho *Arquitetando a “Boa Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945*, autoria de Fernando Atique (2007).

grupo a lançar as pautas ao processo de “*elaboração, sistematização, reconhecimento e escritura de uma historiografia da arte da América Latina que, ao presente, se entende como uma categoria consolidada*” (tradução nossa)<sup>47</sup>. Nessa perspectiva, Amaral esteve envolvida com as discussões em torno da elaboração do livro *América Latina en sus Artes* (1974) coordenado por Damián Bayón, encomendado pela UNESCO como parte da série *América Latina en su Cultura*. Ainda segundo Santos (2020), teria seu nome sugerido para a colaboração na obra, recomendado a Bayón por Mário Pedrosa. Amaral declina o convite inicial, deixando patente que

*si bien hubiera una voluntad de una elaboración de un cuerpo teórico conjunto sobre la producción estética de la región, este no podría estar supeditado a una voluntad homogeneizadora y sin matices locales* (SANTOS, 2020, p. 205)

Essas informações ao redor da atuação de Aracy Amaral, bem como de sua relação com a publicação *América Latina en sus Artes*, faz com que se levante a hipótese de uma referência no projeto de Bayón para a realização de *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe e Estados Unidos*. Tal hipótese pode ser validada em parte pelas similaridades entre a organização dos projetos, bem como pelo envolvimento de um grupo similar de colaboradores (muitos historiadores e críticos atuaram em ambos os projetos). Tudo isso explicita que havia de fato uma rede de diálogos estabelecida entre os diversos contextos latino-americanos e seus intelectuais, a trabalharem de forma colaborativa. Hipóteses essas que foram confirmadas em entrevista concedida a este autor pela pesquisadora Aracy Amaral, em 2021<sup>48</sup>.

Discutir uma manifestação arquitetônica comum a contextos diversos, com suas próprias histórias e trajetórias nacionais, requer atenção frente às generalizações, uma vez que mesmo entre as similaridades existem nuances diversas. Os textos (e os autores) reunidos no livro exploram as perspectivas do neocolonial na América Latina compreendendo-as em suas particularidades, ao passo que também debatem as características próprias de

---

<sup>47</sup> No original: “*Aracy Abreu Amaral (São Paulo, 1930) juntamente con otros importantes nombres de la historia, crítica y teoría del arte – como por ejemplo el argentino Damián Bayón, el peruano Juan Acha, la argentino-colombiana Marta Traba o la franco-chilena Nelly Richard – sentaron las pautas para el proceso de elaboración, sistematización, reconocimiento y escritura de una historiografía del arte de América Latina que, al día de hoy se entiende como una categoría consolidada.*” (SANTOS, 2020, p. 201)

<sup>48</sup> Entrevista concedida por Aracy Amaral ao autor em 06 de dezembro de 2021, por telefone. Transcrição como Apêndice 1, pp. 136.

cada território em diálogo com os demais. O que aponta, como coloca Santos (2020, p. 205) para um caráter emancipatório e homogeneizante, direção em que os Estudos Latino-americanos caminharam ao início da década de 1990 – e que tem relação direta com o viés transnacional.

Tal abordagem nos remonta a Castro-Gomez (2017), ao discutir “*la imposibilidad del particularismo de las identidades*”. Discutir a arquitetura neocolonial através dos matizes locais latino-americanos, com autores que vivem (e atuam) inseridos em seus respectivos contextos, permite que se compreenda esse mesmo tema sob uma rede de relações e diferenças, tendo em vista, como aponta Castro-Gomez (2017, p. 252), que nenhuma prática tem sentido por si mesma, com independência frente a uma rede de relações diferenciais. Ainda que a compreensão acerca do que configura a arquitetura neocolonial seja similar na América Latina, muito se discute, dentro do livro inclusive, sobre *o que é* essa manifestação em cada contexto específico. Ciro Perichi (1994) e Marina Waisman (1994), em suas respectivas contribuições à antologia, reiteram que sob a mesma designação de “neocolonial”, compreendem-se arquiteturas cujas especificidades variam de acordo com o contexto sócio-político-cultural em que se situam.

Tomemos, por exemplo, o caráter de arquitetura nacionalista assumido pelo neocolonial em alguns desses contextos ao início do século XX. Países como México, Argentina e Brasil tiveram no neocolonial um movimento inicial com forte peso ideológico. As discussões a ele relacionadas, nesses países, se aproximavam daquelas de grandes movimentos artísticos do âmbito latino-americano, discutidos por Manrique (1974) no artigo *¿Identidad o modernidad?* presente no volume *América Latina en sus Artes* (1974):

*Las dos caras que presentan son quizá el resultado de una actitud ambigua inherente a lo que pudiéramos llamar el espíritu iberoamericano. Los movimientos que agruparon a los artistas tienen, aunque en proporciones diversas, un denominador común, consistente en ser, simultáneamente, un despertar a la modernidad, abrir los ojos hacia lo que Europa hacía de revolucionario en ese momento y abrir las manos a la infinidad de formas que allá ofrecían en las dos décadas primeras del siglo; y al mismo tiempo un abrir también los ojos del arte a la conciencia de la propia realidad social, en busca de algo capaz*

*de definirnos e identificarnos como diferentes frente a Europa*  
(MANRIQUE, 1974, p. 19)

Analisando o caso do México em específico, Jorge Alberto Manrique, em 1994, coloca que o neocolonial mexicano foi uma resposta a atitudes culturais, coincidentes com aquelas que se ascenderam por toda a América Latina. O nacionalismo que instigou a arquitetura neocolonial se alinhava à visão revolucionária de nação e a nova busca pela identidade nacional nas próprias tradições mexicanas. Esse pensamento teria se estruturado principalmente na parte final do regime de Porfirio Díaz, momento em que teve sua primeira aderência teórica com Jesús T. Acevedo e Federico Mariscal<sup>49</sup>. Posteriormente, na revolução armada de 1910, o neocolonial teria tido um novo destaque, com a gestão de José Vasconcelos na secretaria de Educação Pública, em 1920. Ainda segundo o autor, o grande espaço que a arquitetura neocolonial ocupou no México do século XX confirma o fato de que essa arquitetura respondia às necessidades anímicas, culturais e de classe daquele contexto. Diversos arquitetos prestigiados e outros menos conhecidos teriam realizado essa arquitetura “*moderna por su función, que aprovechara las posibilidades de las nuevas técnicas constructivas y que se inspiraba libremente en la tradición mexicana*” (MANRIQUE, 1994, p. 42).

A leitura do México se aproxima com a forma que o neocolonial se desenrola no Brasil, conforme discussão desenvolvida ao início deste capítulo. Essa leitura no contexto brasileiro, sobretudo no que concerne ao neocolonial como manifestação importante e pioneira de reconhecimento da identidade nacional brasileira, porém, é de uma identificação posterior a esta publicação organizada por Amaral (1994), e está relacionada, de forma inicial, principalmente com as pesquisas de Kessel (2002) e Pinheiro (2005) – pauta do capítulo 3 desta dissertação.

No livro coordenado por Aracy Amaral, as perspectivas acerca do Brasil são debatidas por Carlos Lemos, Augusto da Silva Telles e Ricardo Marques de Azevedo. Todos os autores são arquitetos e figuras proeminentes na pesquisa e na docência em arquitetura e urbanismo, com ênfase em história da arquitetura – e da arte, no caso de Azevedo. As discussões que abordam o neocolonial no Brasil, naquele momento, surgem sob um tom mais reprobatório frente a outras análises presentes no próprio livro, o que configura um

---

<sup>49</sup> Jesús T. Acevedo e Federico Mariscal foram intelectuais proeminentes no México. Arquitetos, escritores e catedráticos.

reflexo do que é discutido no tópico 1.1. *A historiografia (modernista) de arquitetura no Brasil e o neocolonial*<sup>50</sup>, em função da consolidação hegemônica da Arquitetura Moderna no Brasil, que se estende às narrativas da história da arquitetura brasileira. Ainda assim, esses autores reconhecem contribuições oriundas dessa arquitetura, para além das críticas e de todos os diversos problemas apontados. Carlos Lemos, por exemplo, aponta que a arquitetura neocolonial configura uma tendência amplamente aceita e popularizada, além de constituir uma solução “moderna” para o período: “*no se trataba de una idea elitista, sino de una tipología ‘moderna’ que hacía olvidar las tristes casas de antes de la guerra*” (LEMOS, 1994, p.160)

Na leitura de Lemos (1994, p.149), porém, essa arquitetura de viés nacionalista no Brasil, teria despontado quase que exclusivamente como uma resposta à arquitetura dos imigrantes, isto é, à arquitetura eclética. O autor coloca que o referencial nacionalista teria surgido “*no por amor a las antiguas soluciones estilísticas, sino por la necesidad de un gesto de afirmación nacionalista por parte del dueño de la casa que se oponía al inmigrante lleno de novedades (...)*”. O neocolonial entendido como uma resposta “nacional” frente à arquitetura eclética também é uma perspectiva que se repete em outros contextos da América Latina, ainda que, segundo a análise de Lemos (1994), seja uma tendência mais significativa no Brasil.

Toda essa discussão empreendida, porém, não pode ser aplicada a todos os contextos latino-americanos. Em muitos locais o neocolonial, enquanto manifestação pautada por um pensamento nacionalista, não chegou de fato a representar um conjunto. As razões pelas quais isso teria se dado são diversas. Há casos como o do Paraguai, em que a produção neocolonial foi tardia por consequência da crise estrutural do país, e absorvida, principalmente, como um estilo de moda. Em contraponto, há o caso do Uruguai, cujo desenvolvimento e aprovação da arquitetura racionalista se deram de forma muito antecipada, limitando as possibilidades de expansão do neocolonial como alternativa ao academicismo. (GUTIÉRREZ, 1994)

Tais diferenças acontecem porque os contextos, ainda que coexistindo em uma mesma linha de relações, aglutinados sob a denominação de América Latina, têm suas particularidades históricas e culturais frente ao grupo. As referências são absorvidas de

---

<sup>50</sup> Cf. p. 24

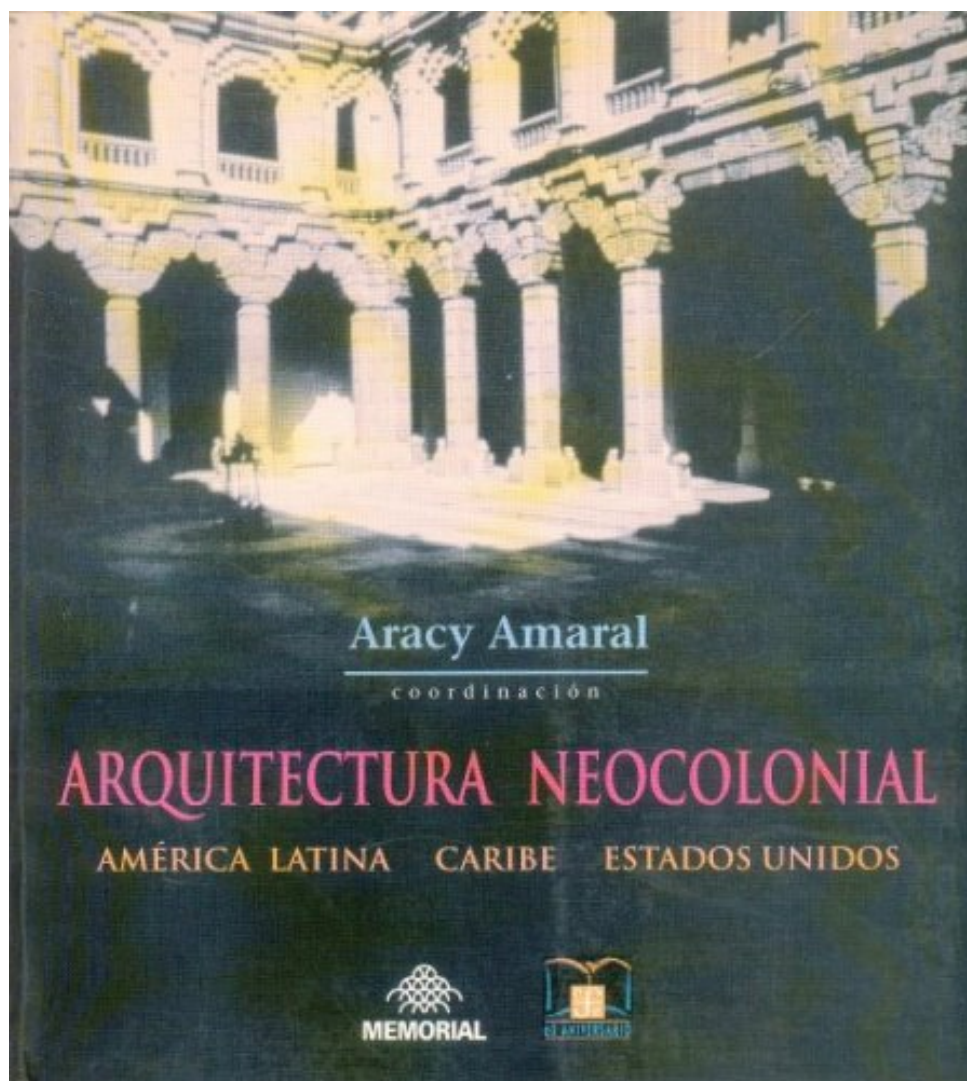


diferentes formas através de grupos distintos e o ponto de partida de determinadas motivações também pode ser diferente. Nessa perspectiva, tomando por analogia o que coloca Castro-Gomez (2017) sobre as universalidades, entende-se que a compreensão do neocolonial na América Latina deve ser realizada por intermédio de uma *universalidade concreta*, isto é, que se constrói a partir das particularidades de cada contexto, sempre levando-as em consideração – a antologia coordenada por Aracy Amaral consegue, em linhas gerais, fazê-lo.

Manrique (1974, p.24) coloca que “*las nuevas repúblicas [en América Latina] surgen desligadas del vínculo político, pero quizá más atadas que antes a un vínculo cultural*”, e é natural que, ao se aproximarem os centenários da independência naquele contexto de início do século XX, se queira buscar uma identidade nacional, olhar ao passado, conseguir a independência cultural. Essa é uma perspectiva apontada por Amaral (1994a) a justificar a emergência do neocolonial como denominador comum na América Latina. Outra perspectiva, não excludente, também debatida por Amaral e, sobretudo, por Ramón Gutierrez (1994, p.61) é a influência dos Estados Unidos sobre a América Latina, por meio justamente dos produtos da indústria cultural: filmes, principalmente, mas também revistas e livros.

Nessa perspectiva, mesmo que o livro ainda esteja vinculado a uma leitura historiográfica de viés modernista – e acabe perpetuando essa visão historiográfica na compreensão do neocolonial, por se tratar de uma primeira referência notável ao estudo do tema –, é importante reconhecer que, de uma forma geral, a publicação elenca uma série de contribuições oriundas do surgimento e da popularização da arquitetura neocolonial. Fenômeno comum a cenários americanos tão diversos, o neocolonial trouxe consigo reflexões que também se tornaram comuns aos contextos pelos quais emergiu, em maior ou menor grau. O olhar e o reconhecimento da importância do passado colonial é uma herança importante do neocolonial na América Latina. A partir desse olhar, em países como o México e o Peru, desponta a consciência e o respeito pelos povos originários (AMARAL, 1994a), há também o incentivo à valorização da arte e da arquitetura colonial em geral, que por vezes era menosprezada, apagada ou simplesmente desconhecida. O impulso ao pensamento preservacionista que perpassa toda América Latina é outro fator amplamente apontado (AMARAL, 1994a; FERRARI, 1994; WAISMAN, 1994), que configura um dos mais importantes legados dessa arquitetura.

Desde a publicação de *Arquitectura Neocolonial...* (1994) muito se avançou acerca da compreensão sobre o neocolonial enquanto um movimento de arquitetura. Com o avanço da pesquisa no tema, o tom negativo que por vezes aparece ao discutir o assunto, até mesmo neste livro, cujo enfoque reside nessa arquitetura em específico, tem sido superado. Esse avanço se deve em parte a essa publicação, que atua como uma espécie de ponto de virada para o estudo do neocolonial como mote de pesquisa. A partir dessa leitura, despontam uma série de outras investigações que estudam o tema a fundo, que colaboram amplamente para um aprofundamento crítico acerca da temática, a conformar uma mudança no paradigma historiográfico – discussão que se estende como enfoque do Capítulo 3.



**Figura 17:** Capa do livro *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*.  
Fonte: AMARAL, 1994, capa.

### **CAPÍTULO 3. ARQUITETURA NEOCOLONIAL COMO IDEÁRIO: UMA MUDANÇA NO PARADIGMA HISTORIOGRÁFICO**

Diante da perspectiva construída nos capítulos 1 e 2 a respeito da historiografia de arquitetura no Brasil em linha com o assunto “neocolonial”, alcançamos, neste capítulo que se segue, a transformação no paradigma historiográfico envolvendo a arquitetura nacional e a leitura do neocolonial. É notável que, apesar de todos os esforços contrários, entre hiatos e reconhecimentos, a arquitetura neocolonial, enquanto objeto de estudo e reflexão, tem galgado uma trajetória ascendente. “Tem galgado”, é importante mencionar, porque conforme aponta a análise concreta das pesquisas no campo, ainda é um tópico ao qual cabe, em grande medida, a pesquisa e o aprofundamento da discussão. Ainda assim, essa transformação de paradigma se dá de forma notável, e se deve justamente à trajetória e ao avanço nas pesquisas, conforme identificado no capítulo 1, e é reforçado a partir da publicação de trabalhos-chave que atuam como motores para a legitimação do neocolonial como objeto de pesquisa no debate historiográfico brasileiro – algo que antes, à luz da historiografia modernista, seria quase impensável.

Uma ampla leitura dos trabalhos publicados que envolvem a temática neocolonial na historiografia mais recente da arquitetura nos direciona a um cenário otimista quando comparado com as primeiras publicações que abordaram o tema. Isso porque, possivelmente, estabelece-se um distanciamento maior frente a historiografia de viés modernista, por muito tempo “dominante”, cuja influência recaía (e muitas vezes ainda recai) até mesmo sobre os trabalhos que pretendem discutir o neocolonial em profundidade. Uma série de “verdades cristalizadas”, tanto no cenário cultural quanto na história da arquitetura brasileira, é transposta, o que propicia um conhecimento mais aprofundado, não somente da história da arquitetura neste período correspondente ao final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, mas também acerca do campo cultural brasileiro de forma mais ampla.

O ponto de virada para a leitura envolvendo o neocolonial, conforme mencionado e segundo nossa análise, seria a publicação de *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos* em 1994. O livro organizado por Amaral, para além das aproximações transnacionais discutidas no capítulo anterior, surge em linha com uma produção historiográfica de arquitetura que se inicia nos anos de 1980 e 1990, marcada

pela abertura à arquitetura anônima, “menor”, frente à “arquitetura de autor”, geralmente priorizada pela historiografia de viés modernista (MASCARO, 2008). É oriundo desse contexto, também, o trabalho *Alvenaria Burguesa* (1985), de Carlos Lemos, que discute a arquitetura neocolonial, especialmente aquela que o autor chama de “neocolonial simplificado”<sup>51</sup>, nas cidades brasileiras. Sabemos, perante o que vem sendo discutido neste trabalho, que, mesmo com essa abertura, a arquitetura neocolonial ainda não configuraria uma pauta importante às discussões historiográficas naquele momento, e, quando contemplada, costumava ser lida sob uma ótica reducionista.

O envolvimento de Aracy Amaral com a arquitetura neocolonial teria surgido, segundo a própria autora<sup>52</sup>, da necessidade de material bibliográfico para discutir, no contexto do ensino, um fenômeno que, independe de sua natureza, era importante porque marcava a paisagem das cidades na América Latina como um todo. O livro, enquanto mapeamento inicial do estado da arte, cumpre a função essencial de referência bibliográfica para um tópico de discussão cujo material era escasso e desfavorável – cumprindo com êxito os objetivos de sua organizadora. É um ponto de partida. Ainda que identifiquemos, hoje, que o livro *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos* (1994) tenha tido uma repercussão limitada, cujos resultados práticos envolvendo o conhecimento acerca da arquitetura neocolonial não tenham sido os mais expressivos, é importante ressaltar que, sobretudo ao promover o engajamento de importantes pesquisadores com a arquitetura neocolonial, levou à criação de um ambiente propício a novas pesquisas, trazendo luz e despertando interesse a um tema que, até então, valia-se de um interesse mínimo à pesquisa em história da arquitetura.

Contudo, conforme discutido no tópico 2.1.<sup>53</sup>, a abordagem empreendida na antologia organizada por Amaral é emblemática por seu caráter de mapeamento. A caracterização do neocolonial, naquele momento, ainda se dá em linha com uma leitura de viés amplamente modernista e é consideravelmente limitada quando analisada na perspectiva de estudos mais recentes. A autora entende a arquitetura neocolonial como uma expressão

---

<sup>51</sup> O “neocolonial simplificado”, segundo nossa leitura do termo cunhado por Lemos (1985), configuraria a produção arquitetônica neocolonial de autoria anônima, possivelmente realizado por mestres de obras, a se popularizar pela ampla extensão do território nacional.

<sup>52</sup> Conforme coloca na entrevista concedida a este autor, em 06 de dezembro de 2021, por telefone. Transcrição nos Apêndices, pp. 136

<sup>53</sup> Cf. Pp. 71

de “moda”, e atribui a ascensão dessa arquitetura, na América Latina como um todo, principalmente ao cenário de comemoração dos centenários de independência e, ao mesmo tempo, pela crescente influência dos Estados Unidos nos “modismos arquitetônicos” (AMARAL, 1994:12-13). Segundo a autora, as comemorações da independência estimulariam a renovação do interesse pelo “estilo colonial” das diversas regiões, manifestada pelo resgate dos motivos decorativos da arquitetura religiosa e pré-colombiana (AMARAL, 1994:12). Amaral aborda ainda a influência dos imigrantes, os quais teriam sido responsáveis por uma alteração nos comportamentos locais, a fazer com que muitos conservadores aderissem aos estilos *neohispânicos* como forma de reafirmar sua identidade ibérica. No caso de São Paulo, Ricardo Severo teria buscado, segundo expressa a autora, na reafirmação dessa identidade a superação do ecletismo, “*aunque [la identidad] sea desvirtuada, inventada o idealizada*”. (AMARAL: 1994:12).

A partir dos anos 2000, no contexto brasileiro sobretudo, conforme discutido no Capítulo 1, a leitura historiográfica marca um contexto em que há a expansão das pesquisas em linha com o aumento significativo dos programas de pós-graduação e a difusão da pesquisa em história da arquitetura no cenário nacional. É natural que com essa expansão se pluralizassem também os objetos de estudo e as formas de abordagem. É justamente vinculado a esse contexto que despontam pesquisas e pesquisadores que estabelecem contribuições importantes ao campo da história da arquitetura brasileira, transformando visões há muito consolidadas e consagradas, reformulando problemáticas e trazendo novas perspectivas para problemas historiográficos anteriores, à luz de descobertas documentais importantes e revisões historiográficas. É a partir dessas pesquisas que se consolida o reconhecimento da arquitetura neocolonial como um ideário de arquitetura, reconhecendo suas contribuições ao cenário cultural e arquitetônico brasileiro e se legitima a arquitetura neocolonial como objeto de pesquisa no debate historiográfico. Isso configura, de fato, uma transformação no paradigma historiográfico do país operado até então, e propicia uma renovação mais ampla e gradual da historiografia de arquitetura – por meio de novos trabalhos, seja como referencial bibliográfico e documental à pesquisa, ou por orientação de novos pesquisadores.

A partir dessas novas pesquisas, a arquitetura neocolonial brasileira passa a ser compreendida como um movimento importante inserido na história da arquitetura brasileira ao contexto do início do século XX. Extrapolando visões reducionistas e

aprofundando compreensões presentes, inclusive, no livro organizado por Amaral (1994): de que se tratava de uma arquitetura de moda, puramente de uma “influência norte-americana”, de uma reação à presença de imigrantes e sua arquitetura... Essa leitura hodierna do neocolonial nos fornece pistas e instrumentos para compreender tal manifestação arquitetônica em maior profundidade, bem como as particularidades de nosso campo cultural e arquitetônico, do início do século XX até o presente, envolvendo, inclusive, um aprofundamento nas leituras da história da arquitetura e até de questões a respeito do próprio modernismo brasileiro.

Posterior à publicação organizada por Amaral (1994), a tese de doutorado de Carlos Kessel, defendida em 2002 e publicada como livro em 2008, surge como um primeiro expoente a discutir a temática em profundidade como objeto de pesquisa na pós-graduação. Nesse trabalho, Kessel confronta a noção do neocolonial como uma arquitetura “historicista” ou “revivalista”, amparado por uma leitura feita acerca da própria natureza dos referidos conceitos na arquitetura e na arte, através, sobretudo, das leituras de Argan (1977) e Patetta (1977). Kessel (2008:57) pontua que a ideia de *revival* simbolizaria “uma evasão da história e uma tentativa de apropriar-se dela; uma estratégia para eludir a passagem do tempo, para colocar-se à margem das transformações, opondo-se à ideia de progresso” – algo que, segundo a discussão que se desenvolve neste trabalho, vai de encontro à lógica empreendida pelo neocolonial. Para Patetta (1977), por sua vez, a história da arquitetura poderia ser compreendida como uma ampla sucessão de *revivals*, cuja crise final, por acaso, seria atribuída ao ecletismo historicista. “O esgotamento da ‘arquitetura de estilos’ historicista do século XIX teria propiciado o surgimento da reação modernista, expressamente anti-historicista” (KESSEL, 2008, p. 58). A discussão sobre o *revival* poderia se estender muito além. Carlos Kessel sintetiza a discussão reiterando o diferencial do neocolonial frente a arquitetura puramente historicista ou de *revival*, neste caso:

“o neocolonial não se propôs a ‘empezar otra vez desde cero’ e sim a empreender um olhar para o passado da arquitetura brasileira, o que desde logo se estabelece como uma ruptura de caráter nativista em relação ao fazer arquitetônico então vigente, por estabelecer um critério de validação baseado na ideia do *nacional*. Entretanto, está desde logo clara a distinção em relação às vanguardas arquitetônicas dos anos 20, que miravam o futuro e buscavam a sincronia com a velocidade das inovações nas técnicas e nos movimentos iconoclastas das artes plásticas; no caso de Ricardo Severo e José Marianno, as opções

estéticas e construtivas eram coerentes com uma concepção que privilegiava a busca da identidade nacional” (KESSEL, 2008, p. 59).

Refletir sobre a arquitetura neocolonial como uma manifestação identitária brasileira, patriótica, aliás, inaugura um amplo leque de possibilidades para interpretações e abordagens na leitura e na crítica dessa manifestação arquitetônica e suas contribuições culturais. Essa abordagem é aprofundada por Pinheiro (2011), quando reconhece o neocolonial como uma manifestação que se aproxima do Romantismo, dentro do qual, justamente, se emerge essa reflexão identitária nacionalista. Identificando que

“um dos traços característicos do romantismo na arquitetura é sua busca pelas manifestações arquitetônicas próprias a cada país, consideradas intrinsecamente adequadas às condições físicas e sociais específicas de cada região, e até mesmo de cada pedaço de terreno (...)” (PINHEIRO, 2011, p.18)

Ainda segundo Pinheiro (2011), o neocolonial constituiria uma primeira manifestação nacionalista a irromper amplamente os meios acadêmicos e alcançar uma mobilização simbólica na sociedade brasileira. É fato que existiram manifestações anteriores de cunho nacionalista e identitário, na literatura principalmente, mas que não alcançaram essa mesma mobilização do público externo aos seus círculos. O neocolonial pode ser colocado como um dos movimentos de mais ampla difusão entre aqueles de viés identitário-nacionalista no Brasil. Tratando-se de uma proposta em arquitetura, que demanda tempo e um alto investimento de recursos, configura um grande feito (PINHEIRO, 2011, p. 61).

Nessa perspectiva, a autora ressalta, inclusive, aproximações entre proposições de Ricardo Severo e John Ruskin (PINHEIRO, 2011, p. 37). As vastas contribuições de Ruskin, sobretudo à arte e à arquitetura, vinculam-se ao Romantismo e lançam as bases para o movimento *Arts & Crafts*, marco na materialização desse ideário na arquitetura e, aliás, um marco fundador da arquitetura moderna, conforme pontua Leonardo Benévolo (BENÉVOLO, 1974, p.7 apud PINHEIRO, 2011, p.20). Essa raiz romântica, além de tudo, seria um ponto chave na compreensão das relações entre tradição e modernidade que perpassam amplamente as tensões entre a arquitetura neocolonial e a moderna, reiterando que, ao invés de mutuamente antagonistas, estão cada vez mais entrelaçadas. Pinheiro (2011:288) pontua, ademais, que para além de uma linguagem análoga ao

ecletismo na forma de conceber os projetos e os edifícios, no neocolonial ressoaria justamente a proposta do movimento *Arts & Crafts*, que “também inspirando-se no passado, busca uma íntima afinidade entre a moradia, seus habitantes e o meio ambiente, privilegiando relações de empatia e de informalidade”.

A partir da referida leitura, compreendendo o Romantismo (e o neocolonial) em aproximação com o Modernismo, e somando-se a uma leitura ampla do cenário cultural em que desponta o ideário neocolonial, a tese de livre docência de Pinheiro (2005) alarga e aprofunda extensivamente a compreensão que se tinha até então dessa arquitetura. Ainda que uma série de trabalhos colabore para esse aprofundamento, a iniciativa de Pinheiro (2005, 2011) configura realmente um marco no estudo da arquitetura neocolonial no Brasil, através de uma leitura que, além de inédita, investiga fontes, documentos e debates, alguns amplamente reconhecidos e outros trazidos à luz pela própria pesquisadora, sob uma ótica diferente daquela que vinha sendo empregada pela historiografia da arquitetura: é natural que sua contribuição seja, também, diferenciada. É notável que uma leitura que coloque em perspectiva o neocolonial e o modernismo em simetria resulte em avanços tão expressivos a essa historiografia, especialmente porque essas leituras foram por tanto tempo apartadas. A adaptação e a publicação do trabalho de livre-docência de Maria Lucia Bressan Pinheiro como livro, em 2011, pela editora Edusp, é um corolário ao estudo da arquitetura neocolonial no Brasil. O neocolonial, segundo a autora, “configura-se como uma corrente tradicionalista que, longe de significar uma postura passadista ou imobilizante, não só admite como preconiza a constante transformação – porém, de forma modulada e gradual” (PINHEIRO, 2011:244).

A tese de Luciana Mascaro (2008:185), que investiga a difusão da arquitetura neocolonial no interior paulista, reitera a ideia de que o neocolonial não poderia ser compreendido sem a consideração de seu aspecto romântico. A autora, com o intuito de investigar as origens e a ascendência dessa arquitetura tradicionalista, remonta a Portugal, ao movimento Tradicionalista Português, à Raul Lino<sup>54</sup> e às discussões em torno da Casa Portuguesa. Identifica, através desses estudos, que o apelo ao passado era latente também

---

<sup>54</sup> Ainda que não apareça de forma ostensiva nesta dissertação, a figura de Raul Lino, arquiteto de atuação profícua em Portugal e no movimento da Casa Portuguesa, acaba pairando sobre os estudos envolvendo a arquitetura neocolonial no Brasil. Para mais informações sobre o arquiteto, ver: MASCARO, 2009 e 2011; ANDRÉ, 2018.



em Portugal, manifestado no interesse “pela etnia, pela arqueologia, pela identidade, pela tradição”, de grande influência sobre as classes intelectuais e artísticas, especialmente durante o século XIX e início do XX. “Assim, podemos afirmar que, embora muito motivado pela influência norte-americana, através do cinema e outros meios de comunicação, (...) o movimento neocolonial teve sua ascendência no ambiente cultural em que esteve inserido Portugal naquele período” (MASCARO, 2008:185).

Seguindo essas tendências de reflexão, envolvendo o Romantismo e a ascendência portuguesa, bem como as transformações na pesquisa historiográfica de arquitetura, as figuras de Ricardo Severo, tomado como o precursor da arquitetura neocolonial no Brasil, e José Marianno Filho, grande propulsor do neocolonial e das ideias do primeiro, também passam a ser relevantes à análise. Trabalhos como as pesquisas de Joana Mello de Carvalho e Silva (2005, 2007, 2019), investigando a obra discursiva e projetual do engenheiro português, e de Fernando Atique (2010, 2011, 2016), ao se debruçar sobre a atuação de José Marianno Filho, somado ainda a leituras envolvendo o neocolonial em um viés pan-americanista e o *mission style*, fazem com que haja, por consequência, um aprofundamento na compreensão das bases e da trajetória do ideário neocolonial no Brasil.

Ao investigar as figuras que articularam o ideário neocolonial, uma série de reflexões são suscitadas, sobretudo quando cruzamos referências. Identificamos, por exemplo, que a trajetória de Ricardo Severo era, de fato, marcada por uma aproximação com o pensamento romântico, além de uma ampla “combinação teórica”, conforme pontua Silva (2007, p. 92), que envolvia “o legado teórico do iluminismo, romantismo, positivismo, cientificismo, evolucionismo, naturalismo, determinismo biológico ou geográfico” e que remonta, certamente, à ascendência do neocolonial em relação ao Movimento Tradicionalista Português – conforme pontuamos, respaldados por Mascaro (2008). De atuação notadamente patriota, desde Portugal Severo atua em proximidade com influentes grupos nacionalistas cujo campo de atuação não se restringia à política, mas também à ciência, às letras, às artes, muito antes de culminar na chamada *Campanha da Arte Tradicional*, que lança as bases da arquitetura neocolonial no Brasil (SILVA, 2007). Entender Ricardo Severo em profundidade, tarefa árdua dada a complexidade de sua múltipla atuação no Brasil e em Portugal, nos possibilita compreender mais a fundo o

embrião da arquitetura neocolonial, sua relação com Portugal e uma série de particularidades de sua primeira articulação neste país. Em síntese,

“Não era o caso apenas de comprovar a grandeza original do povo português, mas de valorizar a sua empresa colonizadora e provar através da arquitetura a indissolubilidade dos laços de sangue que uniam seu povo e o brasileiro, e a partir disso engrandecer a nação brasileira e a sua matriz lusitana. (...) A construção da identidade nacional era central neste debate pautado pela recuperação de um passado original e redentor e pelas noções de raça, meio, povo e tradição.” (SILVA, 2007, p. 230)

Esse reconhecimento da figura de Severo complexifica as nuances da arquitetura neocolonial que, longe de ser puramente parte de um modismo, deriva, ao menos quando se trata de seu principal articulador e das bases de sua conceituação, de reflexões de toda uma vivência voltada a pensar a cultura e a nacionalidade, de Portugal ao Brasil. Outros trabalhos cujo enfoque reside em “personagens” dessa história, como José Marianno Filho, Victor Dubugras, Alexandre Albuquerque e tantos outros arquitetos e intelectuais, que começam a ser pauta de novas pesquisas, certamente, colaborarão para um aprofundamento cada vez maior do conhecimento acerca da arquitetura neocolonial, seus atores, projetos e contribuições.

Outra perspectiva que colabora ao aprofundamento da compreensão acerca da arquitetura neocolonial seria aquela, vinculada sobretudo à pesquisa de Fernando Atique (2010), que estabelece uma leitura transnacional envolvendo a temática. Desde Amaral (1994), é amplamente reconhecido que o neocolonial é um fenômeno que não se restringe às fronteiras nacionais – Atique, por sua vez, investiga essa arquitetura à luz das relações culturais estabelecidas entre o Brasil e os Estados Unidos, a envolver, também, demais contextos do continente americano. Por meio desse estudo, Atique (2010) aprofunda a compreensão sobre do fenômeno neocolonial não só no Brasil, mas no continente, e fornece subsídios a uma leitura mais completa e complexa dessa manifestação arquitetônica, envolvendo também o chamado *mission style*. Segundo o qual,

“Apoiado em discursos localistas, cada país das Américas onde o ‘estilo tradicional’ floresceu não pretendia simplesmente transportar do passado para aquela época – saltando por sobre cinco ou seis décadas de produção arquitetônica –, os mesmos programas e técnicas construtivas encontrados anteriormente. Este movimento – de certa

forma, pan-americanista – postulava uma necessidade de atualização de imagens e das proporções verificadas na época colonial, em face dos avanços tecnológicos na área da construção civil e nos modos de vida” (ATIQUE, 2010, p. 205).

Sobre o *mission style* em específico e sua leitura como um ecletismo exótico, amplamente consolidada até mesmo entre trabalhos que já começavam a distinguir o neocolonial nessa abordagem, Atique (2010) reitera o pequeno reconhecimento e interesse da historiografia, até aquele momento, acerca do relacionamento cultural entre Brasil e Estados Unidos a incidir, por conseguinte, no desconhecimento das referências estadunidenses em nossa arquitetura. Segundo o pesquisador, “o *mission style* mostrava que muitos almejavam, no Brasil, e na América Latina, como um todo, uma vinculação com as cidades que gravitavam ao redor de Los Angeles, a cidade mais latina dos Estados Unidos” (ATIQUE, 2010, p.24).

Ao aprofundar-se no estudo do *mission style*, Fernando Atique confirma, mais uma vez, que há muito mais do que se pode supor com relação a essa manifestação arquitetônica, de grande popularidade por todo o continente, para além de uma leitura simplista de “ecletismo”<sup>55</sup>. Em suas palavras:

“Expressão arquitetônica de um fenômeno de origem hispânica, o *mission style* é, na verdade, apenas uma parcela de um processo maior de criação cultural transcorrido na América do Norte. Iniciado no período posterior à Guerra México – Estados Unidos (1846-1848), significou, num primeiro momento, a atribuição de novas interpretações aos presídios, aos ranchos e às missões da Califórnia, do Novo México e do Texas, mais afinados com os pressupostos político-sociais estadunidenses. (...) Isso, na prática, levou à produção de uma constelação de narrativas históricas que exaltaram os colonizadores franciscanos, colocando-os numa posição de destaque na formação da região e, conseqüentemente, transformando-os em espécies de embaixadores diretos da cultura espanhola nos Estados Unidos, repudiando, portando, o lastro mexicano plenamente visível (SAGARENA, 2002:432)” (ATIQUE, 2010, p. 213-214)

Toda essa compreensão reforça a ideia do neocolonial como um movimento de arquitetura que extrapola, inclusive, o território brasileiro, manifestando-se, conforme pontua Atique (2010), em praticamente todos os países das Américas, com exceção do

---

<sup>55</sup> Para uma leitura mais completa do *mission style*, ver ATIQUE, 2010, p. 213.

Canadá, e que articula, em seu processo de consolidação, variáveis que vão muito além das “batalhas ideológicas” travadas entre Lucio Costa e José Marianno Filho.

\*\*\*

Reconhecendo um consenso na visão da arquitetura neocolonial como “ideário” e do aprofundamento alçado pelo avanço das investigações desenvolvidas na pós-graduação no Brasil, além de uma leitura mais completa a respeito do tema, uma série de contribuições importantes oriundas dessa manifestação arquitetônica começa a ser reconhecida pela historiografia. O intento de constituir uma identidade nacional envolvendo a arquitetura, tendo como referência o passado colonial brasileiro, propicia amplamente o reconhecimento e a valorização da arquitetura colonial deste país – a nosso ver, a grande contribuição do neocolonial para a arquitetura brasileira. Anterior à voga neocolonial, conforme Kessel (1999) e Pinheiro (2011), havia uma recusa ao “primitivo passado colonial” em nome do progresso. Essa contribuição foi uma constante não só no Brasil, mas nos diversos contextos latino-americanos<sup>56</sup>.

Não só o neocolonial incentivaria a valorização da arquitetura colonial brasileira, como proporcionaria meios para que essa arquitetura fosse reconhecida. Ricardo Severo teria encomendado ao pintor José Wasth Rodrigues um levantamento sistemático a respeito dessa arquitetura, que viria a ser publicado como o livro *Documentário Arquitetônico* na década de 1940 (PINHEIRO, 2011:71). José Marianno Filho, por sua vez, enquanto diretor da Sociedade Brasileira de Belas Artes (SBBA), concedeu a arquitetos e estudantes de arquitetura uma série de bolsas de viagens para as cidades do ciclo do ouro em Minas Gerais – uma das quais, aliás, fora concedida a Lucio Costa. Marianno Filho reconhecia que a arquitetura colonial precisava ser estudada, fato atestado a partir dos concursos de projeto que lançou. Seria, inclusive, o desejo por estimular os estudos sobre a arquitetura colonial brasileira que o levaria a empreender o projeto e a construção do *Solar Monjope* no Rio de Janeiro, e até a empenhar-se para obter o cargo de diretor da Escola Nacional de Belas Artes (PINHEIRO, 2011:141; 145).

---

<sup>56</sup> No México, por exemplo, imperava a recusa à arquitetura barroca mexicana, um passado “*detestable que no quería recordarse*”, a ser superado a partir da voga neocolonial no país (MANRIQUE, 1994, p.36).

Por consequência dessa matriz ideológica e do próprio ideário neocolonial que se firmava, a historiografia, a partir sobretudo da tese de Pinheiro (2005, 2011), passa a reconhecer, também, sua relação com o surgimento de uma preocupação preservacionista no Brasil<sup>57</sup> e a absorção de parte de seus ideais na criação, em 1937, do então chamado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan). Inicialmente, o interesse pelo passado brasileiro na arte e na arquitetura não teria desencadeado qualquer motivação preservacionista pronunciada (PINHEIRO, 2011:249), ainda que o reconhecimento e a valorização desse passado, por si só, sejam simbólicos e fundamentais para a preservação do patrimônio. As primeiras iniciativas oficiais de preservação do patrimônio, a despontar nos anos 1920 no Brasil, foram as chamadas *Inspetorias Estaduais de Monumentos Nacionais*, primeiro na Bahia (08/08/1927) e depois em Pernambuco (24/08/1928). Junto da Inspetoria pernambucana, teria sido criado também um museu de arte retrospectiva (PINHEIRO, 2011:271). Essas iniciativas pernambucanas, aliás, teriam sido arrojadas por José Marianno Filho a sua influência com o governador (MARIANNO FILHO, 1943 apud PINHEIRO, 2011:271).

Essa aproximação com a preocupação preservacionista no Brasil, aliás, configura uma outra interface entre neocolonial e Moderno. Com relação à criação do Sphan em 1937, as interfaces com o ideário neocolonial ressoam, ironicamente, a partir da atuação de Lucio Costa no órgão – evidenciadas mediante vinculação direta aos valores da arquitetura colonial, em detrimento da arquitetura (ecléctica) do século XIX. Conforme pontua Pinheiro:

“(...) não se pode deixar de apontar a interiorização, no ideário do Sphan, de um dos motores da emergência do movimento Neocolonial: a reação ao excessivo eurocentrismo, beirando a xenofilia, da cultura brasileira – aspecto em relação ao qual não se mostraram imunes alguns intelectuais modernistas, como vimos. É assim que se pode entender a longevidade da ojeriza à arquitetura eclética da virada do século no âmbito do órgão em geral, e na postura de Lúcio Costa em particular – o que constitui mais um elo entre o arquiteto e José Mariano Filho, ambos inimigos confessos dessas manifestações, as quais Ricardo Severo encarava com muito mais condescendência” (PINHEIRO, 2011:291)

---

<sup>57</sup> Para um aprofundamento acerca do surgimento e da trajetória do pensamento preservacionista no Brasil, ver: (PINHEIRO, 2011, p. 249).

As aproximações entre neocolonial e moderno à luz da prática preservacionista no Brasil se tornam mais evidentes a partir da apresentação, por Pinheiro (2020), de carta escrita por Mário de Andrade, quando representante paulista do SPHAN, em 1936, a Rodrigo de Melo Franco de Andrade, então diretor do órgão. Na carta, Mário indica dois trabalhos de Ricardo Severo para o conhecimento acerca da arquitetura colonial<sup>58</sup> (PINHEIRO, 2020:69). Segundo Pinheiro (2020:69), “a indicação dos artigos de Ricardo Severo é evidência do respeito de Mário para com a sua contribuição, chancelando a validade dos estudos do engenheiro português como base para a atividade preservacionista do órgão”.

É interessante observar essas interfaces entre neocolonial e modernismo, que se destacam à luz de discussões como essa da preservação do patrimônio no Brasil. As relações entre *modernidade e tradição*, que atravessam amplamente a arquitetura neocolonial, são amplamente absorvidas nas discussões da arquitetura moderna brasileira, como enfatiza Pinheiro (2011, 2020) e, também, Wisnik (2007). Segundo aponta Wisnik (2007), a conexão entre esses conceitos está presente em Lucio Costa e Mario de Andrade – tema que volta a ser investigado por Pinheiro (2020), ao pesquisar a repercussão do ideário neocolonial no pensamento dos mesmos.

Para Wisnik (2007), Lucio Costa esboçaria esse referencial neocolonial, principalmente, nas publicações “Razões da nova arquitetura” e “Documentação necessária”, entre 1936 e 1938. Pinheiro (2020:80) reconhece, também, desdobramentos dos pensamentos de Severo em textos como o artigo a respeito de seu projeto vencedor do concurso para a Embaixada Argentina no Rio de Janeiro (1929), em que enfatiza a importância do meio físico e social para a obra arquitetônica, premissa amplamente colocada por Ricardo Severo e José Marianno Filho à época; e “O Aleijadinho e a arquitetura tradicional” (1929), através do entendimento da arquitetura como fenômeno coletivo, outro marco teórico presente nas discussões de Severo.

Mario de Andrade, por sua vez, firmaria essa conexão em publicações de 1928, em que propõe “uma analogia clara entre o antiindividualismo uniforme e estandardizado da arquitetura moderna e o caráter anônimo e coletivo da arte popular” (WISNIK, 2007, p. 176). Segundo Wisnik (2007), a conexão modernidade-tradição operada por Lucio Costa

---

<sup>58</sup> *A Arte Tradicional no Brasil e A Arte Tradicional no Brasil, A Casa e o Templo* (Carta de 22/07/1936, in Andrade, 1981, p. 78 apud PINHEIRO, 2020).

se pautaria justamente nessa referida percepção esboçada por Mário de Andrade. A chegada ao modernismo através da tradição – o que poderia reforçar, mais uma vez, a leitura do neocolonial como uma “etapa necessária” ao Moderno – contudo, não estaria isenta de contradições. Wisnik (2007) já reconhece que a visão de “tradição” exercida tanto por Lucio Costa quanto Mário de Andrade, que elogia o desalinho popular da origem latina como uma expressão de autenticidade, é o mesmo fundamento da “cruzada de arte e patriotismo” de Ricardo Severo e do neocolonial – discussão que é reiterada e aprofundada, também, por Pinheiro (2020).

“Temos assim, em ambos os casos, uma tradicionalização do passado brasileiro como forma de se dar um ‘salto por cima do posição interregno burguês’. Não por acaso, tanto Lucio como Mário elegeram a referida fonte popular, rural, coletiva e anônima como referência a ser resgatada e interpretada pela vanguarda moderna brasileira. Assim, parece ser a partir das indicações de Mário e das intuições de Lúcio – sob a base de uma visão de ‘tradição’ neocolonial – que os elementos dessa equação vieram a se encaixar. (WISNIK, 2007, p. 177)

Conforme o critério desta reflexão, Pinheiro (2020) sintetiza as ressonâncias neocoloniais em Mario de Andrade, Lucio Costa e, por conseguinte, na criação do SPHAN:

“(…) uma das primeiras constatações possíveis é a de que, em ambos [Lucio e Mário], as ressonâncias neocoloniais vão se transmutar num forte – e até então insuspeitado – interesse pela arquitetura colonial brasileira e sua preservação, que emergirá no contexto de criação do SPHAN, no qual tanto Mário de Andrade como Lúcio Costa assumirão papéis-chave.

Assim, a importância conferida a temas como as técnicas e saberes construtivos da arquitetura popular, seu caráter coletivo e sua adequação ao meio ambiente, que constituirá um viés muito inovador dos estudos e pesquisas elaborados pelo SPHAN para embasar suas atividades de tutela do patrimônio brasileiro, pode ser atribuída à repercussão, em Mário e Lucio, da abordagem arqueológica advogada por Ricardo Severo, à qual somou-se a contribuição – muitas vezes polêmica – de José Mariano Filho. Da mesma forma, também será incorporada pelo órgão a primazia conferida ao estilo barroco, especialmente aquele associado ao Aleijadinho, assim como a profunda aversão à produção arquitetônica do século XIX, por seu caráter importado e alheio às condições locais.” (PINHEIRO, 2020:85)

\*\*\*

Diante de toda essa revisão, a compreensão acerca do neocolonial e suas motivações passa a ganhar nuances, profundidade, contraste. Uma manifestação arquitetônica tão amplamente difundida e absorvida através do Brasil – e da América Latina, vale reforçar –, competindo pelo protagonismo em um cenário cultural emblemático à formação cultural brasileira contemporânea, certamente não poderia ser lida de forma simplista. A multiplicidade de pesquisas, informações e abordagens sobre o assunto confirma isso. A leitura do neocolonial como um ideário reitera não somente a sua complexidade enquanto movimento e estilo arquitetônico, mas reafirma a própria arquitetura, em seu todo, como um artefato cultural inserido na sociedade em seu devido tempo, espaço e relações – uma fonte importante para estudos históricos diversos, que pode fornecer pistas para compreensões a respeito de questões políticas, sociais, estéticas... que extrapolam, inclusive, a história da própria arquitetura.

### **3.1. A LEGITIMAÇÃO DO NEOCOLONIAL COMO OBJETO DE PESQUISA NO DEBATE HISTORIOGRÁFICO BRASILEIRO**

A leitura apresentada, que reconhece a arquitetura neocolonial como um ideário, surge amparada pela emergente pesquisa de pós-graduação no Brasil, a se destacar a partir dos anos 2000 e, sobretudo, dos anos de 2010. Alicerçado na atuação de uma série de pesquisadores que se dedicam a estudar o neocolonial em específico, ou temáticas que estão intrinsecamente imbricadas à arquitetura neocolonial, esse tema se firma, enfim, como um objeto de pesquisa importante no debate historiográfico brasileiro. Reconhecemos, aqui, a importância de trazer luz às investigações e aos seus autores, uma vez que estes trabalhos coadunam novas pesquisas, pesquisadores e reflexões no campo e nos permite, retomando a reflexão que se inicia no primeiro capítulo deste trabalho, compreender o avanço e a trajetória do debate historiográfico referente à arquitetura neocolonial no Brasil.

São cinco as publicações identificadas que podem ser tomadas como fundamentais à essa legitimação do neocolonial no debate historiográfico da arquitetura brasileira, segundo nossa leitura. Essas publicações, inclusive, abordam a temática sob uma perspectiva particular, mas também complementares entre si – e se destacam, inclusive, como o referencial teórico para a redação deste capítulo. A publicação mais antiga dessa relação



é, certamente, o livro *Arquitetura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*, organizado por Aracy Amaral e publicado em 1994, sobre o qual discutimos em profundidade no tópico 2.1<sup>59</sup> – e que, portanto, não será novamente abordado. As demais publicações que se seguem são trabalhos desenvolvidos no contexto de pós-graduação: mestrado, doutorado ou livre-docência, posteriormente publicados na forma de livro. A citar: a tese de doutorado de Carlos Kessel, *Entre o pastiche e a modernidade: arquitetura neocolonial no Brasil* (2002) posteriormente publicada como livro em 2008 pela editora Jauá; a dissertação de mestrado de Joana Mello de Carvalho e Silva, *Nacionalismo e arquitetura em Ricardo Severo: Porto 1869 – São Paulo 1940* (2005), adaptada como livro em 2007, publicado pela editora Annablume, em São Paulo, e pela editora Dafne<sup>60</sup>, no Porto; a tese de livre-docência da professora Maria Lucia Bressan Pinheiro, também de 2005, posteriormente publicada na forma de livro em 2011 pela Editora da Universidade de São Paulo (Edusp); e a tese de doutorado de Fernando Atique, *Arquitetando a “Boa Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945*, defendida em 2007, publicada como livro em 2010 por Pontes Editores em São Paulo.

Dentre essa seleção de referências, somente o trabalho de Carlos Kessel (2002) tem como objeto central da investigação, nomeadamente, a arquitetura neocolonial. Em *Entre o pastiche e a modernidade: Arquitetura Neocolonial no Brasil* (2002)<sup>61</sup>, Carlos Kessel, em sua pesquisa de doutorado, conduz a primeira iniciativa ampla de busca historiográfica centrada no neocolonial brasileiro *per se*. É natural que, possivelmente por seu caráter “inaugural”, Kessel tenha se lançado à tarefa de construir uma leitura panorâmica do assunto “arquitetura neocolonial”. Apesar da pertinência do estudo empreendido ao campo da história da arquitetura naquele momento, a empreitada, segundo nossa análise, acaba por direcionar o trabalho a um alcance mais restrito: o neocolonial ainda não era um tema que despertava tanto interesse.

---

<sup>59</sup> C.f. p. 71.

<sup>60</sup> Vale destacar que os livros publicados por Joana Mello de Carvalho e Silva, “Ricardo Severo: da Lusitânia ao Pirapitinga” (2007, Dafne editora) e “Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira” (2007, editora Annablume), são assinados somente como “Joana Mello”. Nesta dissertação, para evitar eventuais enganos, trataremos todas as publicações em referência à “SILVA”.

<sup>61</sup> No livro que adapta a tese publicado em 2008, o título é invertido: *Arquitetura Neocolonial no Brasil: Entre o pastiche e a modernidade*. Ao longo do capítulo, usa-se o título da tese.

O livro se concentra na arquitetura neocolonial, a partir de sua produção textual e construída, através do percurso envolvendo desde seu surgimento até seu eventual desuso. Centra o enfoque, também, em sua inserção social, cultural e política – leitura que consideramos fundamental dada a importância cultural desta manifestação arquitetônica no início do século XX, como passamos a reconhecer. Kessel se aprofunda nos embates ideológicos travados acerca de qual seria a arquitetura da modernidade no contexto da virada do século XX no Brasil. Ao tomar o neocolonial como um objeto de estudo, compreende não só episódios particulares da historiografia de arquitetura, mas da cultura brasileira de forma geral, em um contexto temporal cuja complexidade repercute nas pesquisas até a contemporaneidade. Vale mencionar que Carlos Kessel, formado arquiteto pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, desenvolve sua pesquisa na mesma universidade, mas na área de História Social – o que aponta para uma abordagem menos restrita ao campo da arquitetura e, mais importante, menos condescendente com certos paradigmas historiográficos envolvendo a história da arquitetura brasileira.



**Figura 18:** Capa do livro *Arquitetura Neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade*. Fonte: KESSEL, 2008:capa.

Uma breve análise do título, *Entre o pastiche e a modernidade*, poderia suscitar a ideia de que Kessel posiciona o neocolonial no Brasil como uma espécie de transição entre o pastiche eclético e a modernidade racionalista, uma visão que estaria em linha com aquelas de Paulo Santos e Yves Bruand, por exemplo<sup>62</sup>. Contudo, a partir da leitura do trabalho, distanciando-se de uma visão simplista, entendemos que se trata, na verdade, do contrário, conforme reitera Roberto Condoru (2009, s.p.) ao resenhar o volume:

“Longe do mundo da criação e após tantas revisões do ecletismo, desmistificações do movimento moderno, de suas teorias e histórias, Carlos Kessel toma o pastiche não como um equívoco da prática acadêmica, mas como um dado arquitetônico e cultural a ser problematizado historicamente. Na abertura semântica do título, é possível ler o pastiche e a modernidade como elementos intrínsecos ao neocolonial, como polos entre os quais se configura o movimento – o que leva a pensar em que medida o ecletismo e o modernismo arquitetônico também se delineiam entre esses polos. Move-o, portanto, uma atração pelo seu objeto e, ao mesmo tempo, um distanciamento crítico.” (CONDORU, 2009:s.p.)

Logo, desde o título, o trabalho de Carlos Kessel já configuraria uma iniciativa historiográfica diferente, construindo-se sob um viés que foge à hegemonia do método modernista. Tomar o “pastiche” como um dado arquitetônico-cultural configura, *per se*, uma quebra de paradigma. Essa é uma das noções que este trabalho compreende, também, como uma contribuição do estudo do neocolonial: os avanços dos estudos historiográficos em arquitetura, de modo geral, conferem legitimidade a uma série de formas de arquitetura que, antes, eram deslegitimadas – seja o próprio neocolonial, que é o enfoque neste caso, mas também o ecletismo, o *mission style* etc.

Kessel (2002) toma o neocolonial como uma iniciativa arquitetônica “moderna” para o momento, referindo-se a um conceito de modernidade mais abrangente, desvinculado da arquitetura do Movimento Moderno. Compreendendo-o como tal, faz uma ampla apresentação de seu ideário, de seus debates e de suas obras, que não se restringem aos meios da arquitetura somente, mas da cultura nacional, do ensino de arquitetura e da preservação do patrimônio. Sob essa égide, Kessel (2002) traça um panorama acerca dessa modernidade “dissidente”: seu ápice na Exposição do Centenário da Independência de 1922 no Rio de Janeiro, episódios como o IV Congresso Pan-americano de Arquitetura

---

<sup>62</sup> Perspectivas apresentadas neste trabalho. Cf. pp. 29-30.

e as disputas em relação à direção da Escola Nacional de Belas Artes, em 1930. O autor se embrenha no processo histórico que faz com que o neocolonial transite entre as definições de “estilo triunfante” aos seus contemporâneos, de “etapa necessária” entre o ecletismo e a modernidade de caráter racionalista, e de “equivoco passadista” para a crítica modernista. Ou seja: fornece instrumentos para um inicial desembaraçar dos novelos da historiografia que envolvem o neocolonial no Brasil.

A atuação de Carlos Kessel junto à temática da arquitetura neocolonial, porém, fica restrita à sua pesquisa de doutorado e aos artigos que publicou durante e a partir da mesma. Diferente dos demais pesquisadores a serem aqui abordados, Carlos Kessel não deu continuidade a sua atuação acadêmica *stricto sensu*, tendo se tornado diplomata em 2006, o que inviabiliza uma análise mais aprofundada envolvendo seu diálogo com outros pesquisadores, a orientação de novos trabalhos de pesquisa e demais atividades nessa natureza.

O mesmo desembaraçar de novelos assumido por Kessel é retomado em profundidade ainda maior por Maria Lucia Bressan Pinheiro em 2005, com a apresentação de seu trabalho de livre-docência *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil* na FAU-USP, instituição onde leciona e constrói sua trajetória acadêmica<sup>63</sup>. A autora centra o enfoque do trabalho nos diálogos estabelecidos entre as noções de *tradição* e *modernidade* que perpassaram o campo cultural brasileiro. Seu enfoque recai sobre a década de 1920, recorte temporal de crucial importância na formação e na compreensão da cultura brasileira, que reverbera até no presente – não por acaso estamos comemorando amplamente, em 2022, o centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo, ainda que já tenhamos discutido que sua repercussão teria sido diminuta a nível nacional, diferente do que foi consolidado pelas construções historiográficas. Os anos de 1920, ademais, marcam o ápice das discussões em torno da arquitetura neocolonial, essa que assume uma posição central nas investigações de Pinheiro, cujo grande diferencial, por sua vez, se dá na leitura que articula o neocolonial em proximidade com o Moderno, nesse contexto histórico específico de disputa pela identidade nacional, de encontro a uma perspectiva historiográfica que se fixa em contraposições e diferenças.

---

<sup>63</sup> Currículo Lattes de Maria Lucia Bressan Pinheiro <<http://lattes.cnpq.br/1675302486214397>> (Acesso em: 23/06/2020, às 11h48min)



**Figura 19:** Capa do livro *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos de 1920 no Brasil*. Fonte: PINHEIRO, 2011:capa.

De modo a explorar dinâmicas tão complexas e questionar as “clivagens consagradas” da historiografia da arquitetura brasileira, Pinheiro não se concentra nas oposições maniqueístas, mas se volta, na verdade, à construção de diálogos e interfaces (PRADO, 2011:11). A autora traça um panorama aprofundado a respeito desses debates culturais que envolvem a arquitetura neocolonial no Brasil: analisa as origens de tal pensamento, as figuras de proa a contribuir nesses debates, suas relações com o ensino de arquitetura no Brasil, o contexto histórico em que se inserem e seus desdobramentos – e, com isso, revela dados e documentos interessantes à historiografia da arquitetura brasileira em sua amplitude. Pinheiro (2011) estuda a arquitetura neocolonial de modo a compreendê-la a partir da cultura arquitetônica de sua própria época, e assume um distanciamento crítico, tão necessário quanto difícil, frente às disputas em análise.

Pinheiro (2011:16), logo na introdução, aponta que o neocolonial costumava ser menosprezado pelos historiadores da arquitetura “como uma manifestação eclética passageira”. Contudo, sob novo ponto de vista, essa arquitetura se coloca como uma primeira iniciativa de valorização da identidade nacional e das raízes do Brasil. O que,

por si só, já seria representativo de sua importância. A autora se volta ao romantismo para entender as origens deste pensamento nacionalista que emerge nos debates culturais brasileiros dos anos de 1920, que despontam, principalmente, na arquitetura neocolonial, mas também na Moderna. A perspectiva adotada por Pinheiro (2011:16) é de que o surgimento, na Europa, do pensamento moderno nos anos de 1920 advém de um processo extenso de transformação social. Essa transformação data do século XVIII e passa por todo o século XIX, manifestando tendências arquitetônicas formalmente diversificadas, mas baseadas no rompimento entre o racionalismo iluminista e o pensamento romântico. Tal relação denota a essencial imbricação que existe entre as tendências românticas e modernas.

Toda essa (re)construção historiográfica empreendida por Pinheiro na tese de livre-docência de 2002 e, por conseguinte, no livro publicado em 2011, são frutos de significativa maturidade acadêmica e docente, e advém de reflexões acerca da história da arquitetura brasileira suscitadas desde o mestrado, defendido em 1989, quando aborda a arquitetura eclética no Rio de Janeiro e em São Paulo, e, sobretudo, do doutorado, defendido em 1997, cujo enfoque recai sobre a história da arquitetura paulista – e a temática do neocolonial já começa a emergir. É certamente um trabalho que se destaca pela pertinência, mas também pela forma como as investigações são conduzidas e a seriedade com que as fontes são levantadas, relacionadas e discutidas. A publicação de Pinheiro (2005, 2011) e sua atuação, tanto na docência quanto na pesquisa, influenciam amplamente os trabalhos que se sucederam, inaugurando uma nova perspectiva interpretativa acerca da arquitetura neocolonial frente as visões tradicionais amplamente difundidas.

Diferente de Carlos Kessel, Maria Lucia Bressan Pinheiro continua sua trajetória acadêmica, atuando em linha com a arquitetura neocolonial<sup>64</sup>. A autora segue discutindo esse tema em suas produções, aprofundando, inclusive, discussões que despontam em sua tese de livre-docência (PINHEIRO, 2003; 2005; 2006; 2011; 2017; 2020). Além disso, orienta uma série de novas investigações e pesquisadores, nos mais diversos níveis de formação (iniciação científica, mestrado, doutorado) que, por sua vez, colaboram para

---

<sup>64</sup> Pinheiro tem uma ampla atuação junto a outras frentes de pesquisa para além do neocolonial, como a trajetória das ideias preservacionistas no Brasil, a história da arquitetura paulista e outras. Nesta dissertação, nos ateremos àquelas vinculadas à temática da arquitetura neocolonial.

construção de um horizonte historiográfico cada vez mais completo envolvendo o neocolonial (BOGHOSIAN, 2002; BRANDÃO; LI; CAIRES, 2013; TEIXEIRA, 2017; TREFT, 2021).

Em contrapartida, assim como o livro organizado por Aracy Amaral (1994) e a tese de Kessel (2002, 2008), o livro de Pinheiro (2011) enquanto objeto-documento em sua integridade não nos parece ter sido significativamente difundido para além dos recortes acadêmicos que buscam compreender a arquitetura neocolonial em específico e a história da arquitetura brasileira que extrapola o modernismo. Nas pesquisas sobre sua recepção e crítica, pouco material publicado foi encontrado, somente duas resenhas críticas mais expressivas foram identificadas: a primeira publicada por Marcelo Saldanha Sutil (2012) na *Revista Pós*, com o título de *1920 – Uma década em foco*, e outra publicada na *Revista Clio* por Marília de Azambuja Ribeiro e Angélica Cristina de Paula Botelho (2013). Essa é uma realidade que, lamentavelmente, parece tocar essas publicações aqui relacionadas, em maior ou menor grau, o que, evidentemente, não diminui sua relevância historiográfica. Por isso, esforços como este são importantes, de modo a reconhecer essas contribuições mais expressivas e trazer luz às suas discussões.

Ao refletir sobre a recepção desses trabalhos, cabe analisar comparativamente as contribuições de Kessel (2002, 2008) e Pinheiro (2005, 2011), que se aproximam sobretudo na leitura panorâmica acerca do neocolonial, porque diferenças importantes na forma de abordagem do tema recaem sobre a propagação e a assimilação desses trabalhos nos estudos historiográficos. A tese de Maria Lucia Bressan Pinheiro (2005) contempla o neocolonial a partir da problemática envolvendo os debates culturais dos anos 1920 no Brasil. É a partir da leitura do contexto (os debates culturais e os anos 1920) que essa arquitetura assume um enfoque central, sobre o qual traça uma leitura ampla e, ao mesmo tempo, panorâmica. Kessel (2002), por sua vez, parte da arquitetura neocolonial em específico, a partir da qual estabelece, também, uma leitura sobre o contexto em que essa arquitetura se insere. Ambas as abordagens são válidas e pertinentes ao estudo, não por acaso alcançam resultados importantes. Contudo, a natureza da abordagem de Pinheiro (2005) atrai uma atenção historiográfica maior: ao colocá-la em perspectiva com o contexto histórico, envolvendo inclusive a Arquitetura Moderna, propicia uma leitura historiográfica mais completa, que se destaca mesmo frente ao interesse restrito sobre a temática neocolonial na historiografia de arquitetura brasileira.

Diferente das abordagens empreendidas por Kessel (2002) e Pinheiro (2005), os trabalhos de Joana Mello de Carvalho e Silva (2005) e de Fernando Atique (2007) não centram o enfoque na arquitetura neocolonial em específico, mas, ao se aprofundarem em outras discussões, não só alcançam essa arquitetura – que acaba por galgar uma posição importante nesses estudos –, como aprofundam significativamente o conhecimento acerca desta manifestação sob outras perspectivas de análise complementares.

A dissertação de mestrado de Joana Mello de Carvalho e Silva, *Nacionalismo e arquitetura em Ricardo Severo: Porto 1869 – São Paulo 1940*, produzida na Escola de Engenharia de São Carlos (EESC-USP) e defendida em 2005, sob orientação do professor Dr. José Tavares Correia de Lira, surge como um expoente à abordagem aprofundada da figura de Ricardo Severo, engenheiro português e intelectual, que lança as bases da Arquitetura Neocolonial no Brasil. Anteriormente a sua contribuição, o lugar de Severo na historiografia da arquitetura brasileira também era de importância mais restrita<sup>65</sup>.



**Figura 20:** Capa do livro *Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira*. Fonte: SILVA, 2007:capa.

---

<sup>65</sup> Vale destacar que essa restrição está atrelada principalmente ao Brasil, uma vez que, segundo a própria pesquisadora, para seus biógrafos portugueses, Severo era tido como uma figura inovadora, de destaque em sua atuação patriótica (SILVA, 2007:17).



Ao direcionar seu olhar para Ricardo Severo e sua atuação, tanto em Portugal como no Brasil, Silva extrapola as noções que se atrelavam à figura de Severo até então, e contempla, em profundidade, a ideia da aproximação luso-brasileira que norteia sua atuação no Brasil sob o prisma da retomada da nacionalidade, da busca pela identidade nacional da colônia a partir de um referencial de origem portuguesa – este que é tomado como mote do neocolonial. Segundo Silva (2007:18), Severo ocupava na historiografia da arquitetura uma posição análoga àquela do neocolonial, “o seu principal mérito recairia no fato de ter aberto caminho para a retomada, o estudo e a preservação daquela arquitetura pretérita, que a partir dos anos 1930 seria ‘corretamente’ percorrido pelos arquitetos modernos cariocas”. De forma a compreender a figura de Ricardo Severo em sua integridade, o trabalho abrange sua atuação e suas ideias tomando como base seu contexto social, político e cultural e, assim, recompõe historicamente o cerne de seu nacionalismo e tradicionalismo (SILVA, 2007:20). É através da apuração do trabalho historiográfico, remontando à ampla trajetória de Severo em Portugal e no Brasil, que a referida pesquisa se fixa como um propulsor importante à compreensão não só de Severo, mas, por extensão, do neocolonial.

É notável como o trabalho esmiúça a figura de Ricardo Severo em toda a sua complexidade, algo que só poderia ser feito mediante grande empenho e trabalho sério de pesquisa. Silva, hoje docente no Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto na FAU-USP, tem atuação ampla na pesquisa, muito além das investigações acerca da figura de Ricardo Severo, que se vinculam sobretudo a sua pesquisa de mestrado. A pesquisadora se insere, inclusive, no debate sobre as particularidades do campo de pesquisa em história e historiografia da arquitetura no Brasil, através de contribuições destacadas, como o dossiê *Fazer história: o estatuto das fontes e o lugar dos acervos nas pesquisas de história da arquitetura e da cidade no Brasil* (2016), publicado em parceria com Ana Castro. Sua aproximação inicial, por sua vez, com a figura de Ricardo Severo e, por conseguinte, com o neocolonial, se daria, inicialmente, a partir da disciplina *História da Arquitetura Brasileira* na FAU-USP, disciplina descontinuada no currículo vigente, durante a graduação, ministrada pelo Prof. Dr. Benedito Lima de Toledo. Segundo nos relata a própria pesquisadora<sup>66</sup>, através dessa

---

<sup>66</sup> Informações sobre a trajetória acadêmica de Joana Mello de Carvalho e Silva foram coletadas no currículo lattes [disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8218706751901803> (acesso em 22/02/2022 às

disciplina, Silva teria se dado conta das discussões em torno da identidade nacional, e teria se aproximado da bibliografia envolvendo Lucio Costa e as discussões acerca do período colonial. Debates que perdurariam em suas reflexões, mesmo após um período de trabalho fora da academia, e viriam a ser retomados justamente no projeto de mestrado.

Ainda segundo a pesquisadora, chamava a sua atenção, já naquele momento, a noção de que tanto o neocolonial quanto o moderno partiam de um mesmo problema: seu projeto original de pesquisa para o mestrado envolvia estudar, em comparação, Ricardo Severo e Lucio Costa. A figura de Ricardo Severo viria a assumir a centralidade no trabalho justamente em decorrência da ausência de discussões empreendidas sobre essa figura em específico, frente a ampla abordagem prévia de Costa. Estudar Ricardo Severo e o neocolonial em São Carlos (onde desenvolve o mestrado, EESC-USP, que se vinculava amplamente à historiografia da arquitetura moderna), naquele momento, contrastaria com a visão consolidada de Carlos Martins, ante a revisão da trama historiográfica da arquitetura moderna, que norteava amplamente os estudos em São Carlos naquele momento específico. Seria somente a partir da publicação desses trabalhos aqui destacados, inclusive a dissertação de Silva (2005), que toda essa aproximação entre neocolonial e moderno começaria a ser revista e aceita.

Tal qual a investigação empreendida por Silva (2005, 2007), a leitura envolvendo o neocolonial a partir da investigação de figuras importantes (como intelectuais e arquitetos) ligadas a essa manifestação arquitetônica, aliás, revela um caminho profícuo da pesquisa em história da arquitetura e, sem dúvida, promove um aprofundamento significativo das análises por meio da diversificação das abordagens. Dos trabalhos identificados e reunidos nos Apêndices<sup>67</sup> a discutir a arquitetura neocolonial de forma direta ou indireta, 28 publicações compartilham desse enfoque em “personalidades”, e são publicadas, em sua maioria, a partir de 2005. Essa identificação nos leva a refletir sobre as expansões do escopo e as mudanças de enfoque dentro da historiografia da arquitetura em geral, conforme discutido no Capítulo 1<sup>68</sup>, que se volta à dimensão das humanidades presente na arquitetura e nas cidades, extrapolando dimensões técnicas e

---

19h50min)] e em diálogos com a própria pesquisadora, ao contexto, por exemplo, do Exame de Qualificação desta pesquisa e em disciplinas do ppgfau-usp.

<sup>67</sup> Apêndices 2 e 3. Cf. pp. 147; 152.

<sup>68</sup> Discussão que se desenvolve no Capítulo 1. Ver: p. 45.

disciplinares. Algo que, sem dúvida, recai também sobre a produção intelectual em relação à arquitetura neocolonial.

A completar o panorama de contribuições que legitimam o neocolonial enquanto tópico de discussão, há a tese de doutorado de Fernando Atique (2007), *Arquitetando a “Boa Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano*. Fernando Atique tem significativa produção na temática que envolve o neocolonial e a manifestação *mission style*, bem como incursões acerca da figura de José Marianno Filho na historiografia (ATIQUÉ, 2010; 2010a; 2011, 2015, 2016). O pesquisador parece alcançar a temática do neocolonial através das investigações empreendidas em sua tese de doutorado a respeito da relação de troca cultural envolvendo Brasil e Estados Unidos entre 1876 e 1945, abrangendo desde as articulações prévias e a posterior implementação oficial da *Política da Boa Vizinhança* no continente americano pelo governo de Franklin Delano Roosevelt (EUA, 1933-1945), em linha com a sua repercussão na arquitetura, no urbanismo e na sociedade brasileira. O neocolonial, *mission style* sobretudo, emerge como um reflexo dessas relações e trocas culturais.



**Figura 21:** Capa do livro *Arquitetando a “Boa Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945*. Fonte: ATIQUÉ, 2011:capa.

A trajetória acadêmica de Fernando Atique<sup>69</sup>, hoje professor na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), se dá vinculada ao contexto paulista, sendo graduado arquiteto e mestre em arquitetura pela Escola de Engenharia de São Carlos (EESC-USP), e doutor, por sua vez, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU-USP). Atique nos relata que seu primeiro contato com o neocolonial (e o estilo missões) se daria por meio das aulas de história da arquitetura brasileira na graduação, com a profa. Dra. Telma de Barros Correia – que viria se tornar sua orientadora de mestrado –, quando teve contato com o livro *Quatro séculos de Arquitetura no Brasil* de Paulo Santos. Posteriormente, retomaria esse contato ao estudar o Edifício Esther no município de Cosmópolis, onde identificara a igreja matriz em estilo missões. Ao término do mestrado e suscitado pelo referencial neocolonial em Cosmópolis, Atique buscava relacionar essa temática ao projeto de doutorado. Inicialmente teria dialogado com Carlos Kessel sobre sua recém-defendida tese de doutorado no tema, e, posteriormente, com Maria Lucia Bressan Pinheiro, já no contexto de redação do projeto de pesquisa acerca das relações entre Brasil e Estados Unidos que envolvem, por conseguinte, o neocolonial e o *mission style*. Atique pontua, inclusive, que naquele momento eram ainda mais escassas as discussões no assunto, destacando, inclusive, a presença importante dos trabalhos de Kessel (2002), Pinheiro (2005) e Silva (2005).

É importante mencionar brevemente essa trajetória de Fernando Atique junto ao tema porque nos suscita algumas reflexões importantes. Uma primeira reflexão seria quanto à trajetória dos estudos de pós-graduação, que se expandem e tomam caminhos muito diversos, retomando interesses e curiosidades que partem, muitas vezes, de contatos iniciais desenvolvidos durante a graduação – o que reitera a importância de discutirmos as diferentes manifestações arquitetônicas para além daquelas tomadas como “protagonistas”. Outra reflexão importante concerne à rede de troca que envolvia (e envolve) os pesquisadores que pesquisam determinados temas, como nesse caso o neocolonial, sobretudo quando os diálogos e as discussões se dão em círculos mais restritos, e a importância de trabalhos norteadores para a construção de novas investigações a respeito de determinada temática.

---

<sup>69</sup> Informações sobre a trajetória acadêmica de Fernando Atique foram coletadas no currículo lattes [disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8425420305118490> (acesso em 27/03/2021 às 23h07min)] e em diálogos com o próprio pesquisador, ao contexto, por exemplo, do Exame de Qualificação desta pesquisa.

A atuação do pesquisador no tema, a partir do doutorado defendido em 2007, é profícua: articula uma série de artigos publicados sob as mais diversas abordagens, expandindo, inclusive, discussões presentes em sua tese e livro. Atique também atua na orientação de novos pesquisadores, dentre os quais, sobre o neocolonial e o *mission style*, se destacam, por exemplo, os trabalhos de Wilson Ricardo Mingorance (2012, 2012a; 2013) sob sua orientação. Se envolveu, ainda, com outros projetos de pesquisa nessa temática, a exemplo de *Identificação e Documentação da Arquitetura Neocolonial e do Estilo Missões nas Regiões Bragantina e Jundiáense* (2009-2011).

Pela natureza da discussão e valendo-se de um resultado expressivo no estudo, *Arquitetando a “Boa Vizinhança”*... também configura uma nova perspectiva ao campo historiográfico brasileiro, somando-se às empreitadas de Kessel (2002), Pinheiro (2005) e Silva (2005). Ao investigar as relações culturais e referenciais estabelecidas entre Brasil e Estados Unidos, o autor se embrenha por estudos historiográficos que foram também deixados à margem da discussão hegemônica. Isso porque a referida historiografia privilegiava, conforme discutido no Capítulo 1<sup>70</sup>, um predomínio das narrativas que tem no referencial europeu (de inegável ação sobre o Brasil) a constituição de seu aspecto formal. O *mission style*, tomado como manifestação neocolonial e vinculado ao contexto referencial estadunidense, por sua vez, é duplamente preterido, o que resulta em a uma abordagem ainda menor.

Assim como os esforços de Aracy Amaral no contexto da publicação antológica de 1994, o trabalho de Fernando Atique pode ser lido como uma iniciativa de viés transnacional – assunto sobre o qual esse mesmo autor discutiu em profundidade no dossiê *A historiografia da arquitetura e das cidades, de fato, “importa”?* *Um balanço sobre algumas histórias transnacionais do espaço construído* (2020). Ainda que esta dissertação tenha como enfoque o cenário brasileiro, reconhecemos que uma leitura do neocolonial que extrapole fronteiras nacionais leva a uma compreensão mais ampla desta manifestação arquitetônica e, sobretudo, um aprofundamento significativo nas abordagens, propiciando inclusive uma compreensão mais aprofundada do *mission style* e das manifestações hispânicas em geral vinculadas ao neocolonial.

---

<sup>70</sup> Ver: Capítulo 1, p. 31

A referida perspectiva transnacional prioriza discussões que não tomam um país específico como o foco da interação, transcendendo as narrativas nacionais, em linha com o que coloca Barbara Weinstein (2013):

Diferente do conceito da globalização, um conceito que supõe o declínio da nação e que é, do meu ponto de vista, profundamente comprometido com o neoliberalismo, os estudos transnacionais geralmente reconhecem a persistência da nação como uma esfera principal da política, da economia e da cultura. De um lado, isso permite uma maior atenção aos processos, às redes e aos fenômenos de todo tipo que atravessam as fronteiras da nação sem implicar a homogeneização; de outro, o transnacional nos permite ir além da identificação de particularidades ou especificidades num contexto nacional (WEINSTEIN, 2013, p. 23).

Weinstein (2013) ressalta a importância da perspectiva transnacional sobretudo nos estudos relativos à América Latina, área que, para a autora, é a mais produtiva para estudos dessa natureza. Dialogando com Weinstein e com outras contribuições que refletem sobre essa perspectiva, Atique (2020) faz um balanço importante do viés transnacional de forma mais próxima da historiografia da arquitetura e das cidades. O autor aponta que a noção de “encontro transnacional”, em referência ao conceito articulado por David Thelan (1999), reitera um protagonismo mútuo nas análises, ao invés de uma compreensão estanque dessas realidades. Em diálogo específico com o que pontua Weinstein (2013), Atique coloca que

O caminho é encontrar os fluxos, os personagens e os arquivos que alimentam conjuntamente essa reflexão que extravasa as fronteiras geográficas, pois elas são, de fato, etéreas quando abordamos instituições, técnicas e práticas profissionais como as desenvolvidas por engenheiros e arquitetos, em especial depois da Segunda Revolução Industrial (ATIQUE, 2020, p. 67)

Caminho que parece profícuo para investigações posteriores acerca do neocolonial no continente americano como um todo – iniciativa que certamente levaria a um aprofundamento ainda maior e, certamente, à conformação de um horizonte historiográfico cada vez mais completo.

Outros trabalhos importantes ao campo de estudo despontaram amplamente através da pesquisa de pós-graduação e colaboram, sem dúvida, para o alargamento e o aprofundamento da compreensão com relação ao neocolonial na historiografia, além de

respaldarem as discussões desta dissertação. Seria impossível, dada a natureza e as limitações desta produção, analisarmos em profundidade todos os ensaios importantes, mas cabe a menção e o reconhecimento, certo de que figurarão em novos estudos e nos desdobramentos da pesquisa: as dissertações de Silveira (2002), Carvalho (2002), Al Assal (2009), e as teses de Sutil (2003), Mascaro (2008) e Natal (2013).

\*\*\*

À guisa de conclusão, a nossa investigação mais geral acerca da pesquisa sobre história da arquitetura neocolonial destaca essas referências supracitadas como fontes principais na articulação de novos trabalhos e concatenação de novas ideias. A recente pesquisa em história da arquitetura tem nesses trabalhos uma base referencial importante às suas discussões, relações que, inclusive, vão além somente do referencial bibliográfico: dialogam com esses pesquisadores em eventos acadêmicos, por vezes são seus alunos e até seus orientandos. Essa é uma trajetória virtuosa própria do campo da pesquisa acadêmica, que promove a troca e, por conseguinte, um aprofundamento mais amplo das discussões, fazendo com que, enfim, assuntos como a arquitetura neocolonial, anteriormente preteridos pelo debate, possam ser revistos, refletidos e reconhecidos como uma pauta importante à historiografia de arquitetura no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa teve início como uma investigação acerca da presença da arquitetura neocolonial no Triângulo Mineiro, em Minas Gerais, sobretudo vinculado à cidade de Uberaba, cujo acervo arquitetônico neocolonial se destaca com edifícios simbólicos à história da cidade (como o Parque Fernando Costa, por exemplo). Desde o início, porém, a pesquisa contemplava uma incursão historiográfica e a conformação do estado da arte envolvendo a bibliografia sobre o neocolonial na história da arquitetura brasileira – algo que, de imediato, revelou-se um caminho profícuo quando, em decorrência da pandemia de Covid-19, o enfoque central da pesquisa precisou ser deslocado. As questões relativas à marcada dicotomia presente na abordagem da arquitetura neocolonial nos debates historiográficos brasileiros sempre nos foi foco de questionamento e, assim, configurou-se como um tema oportuno à nova discussão que almejávamos construir.

Enquanto estudo historiográfico e pesquisa bibliográfico-documental, nosso intuito não seria o de “encerrar” a discussão, definir o que é essencialmente o neocolonial (tarefa que tem se revelado cada vez mais complexa), ou mesmo de apresentar respostas essencialmente conclusivas. Conforme desponta à interpretação de nosso título, o objetivo aqui seria o de nos aprofundar nos debates historiográficos no Brasil acerca da arquitetura neocolonial a partir dos anos de 1970 até 2020. Ao mesmo tempo, esperamos, com esta pesquisa, compor esse debate, participar dessa discussão que, sobretudo agora à luz das considerações finais, é cada vez menos apodítica e mais dialógica. É por isso, certamente, que tendemos a concordar de forma mais acentuada com a leitura historiográfica que expressa no neocolonial uma ideia de “movimento”, porque esse conceito pressupõe mobilidade, diálogo, discussão... ante a uma leitura que, ao classificar o neocolonial por “estilo”, simplesmente, encerra-se em si mesma, circunscreve uma manifestação arquitetônica de desdobramentos tão complexos em um espaço restritivo. O estudo mostrou, porém, que o debate historiográfico envolvendo o neocolonial extrapola essa discussão em torno das ideias de “estilo” e “movimento”, compreende, na verdade, uma série de variáveis distintas, como o viés romântico na arquitetura, a popularização, a difusão e a transformação dessa manifestação arquitetônica, e até o esvaziamento de seu caráter ideológico ante a sua ampla difusão no território nacional.



É certo que para compreendermos os debates historiográficos sobre o neocolonial, e entender de que forma essa arquitetura vinha sendo debatida e inserida junto à historiografia da arquitetura brasileira desde os anos 1970, foi preciso fazer uma ampla leitura das publicações que contemplavam o neocolonial dentro do referido campo no Brasil, buscando entender as origens de tais abordagens e interpretações. Essa leitura acaba por nos remontar às particularidades e às transformações na historiografia da arquitetura brasileira, à hegemonia do pensamento modernista nesse campo e uma série de outras questões que fica evidente na discussão que se desenvolve no Capítulo 1. Estudar o neocolonial à luz dos debates historiográficos nos leva a ampliar a compreensão geral acerca do contexto em que essa arquitetura desponta no Brasil (o início do século XX), as particularidades e transformações do campo historiográfico referente à arquitetura brasileira, a trajetória das pesquisas de pós-graduação neste país. Uma série de outros temas emerge diante do esmiuçar de nosso objeto central.

Para entender a trajetória do tema nas pesquisas, foi valiosa a varredura nos programas de pós-graduação, ao longo de todo o território nacional, conforme sugerido pela banca de qualificação. Essa varredura nos direcionou a um dado importante levantado por este trabalho: existem, de fato, novas pesquisas e pesquisadores voltados ao estudo do neocolonial espalhados pelo Brasil; mas a abordagem do neocolonial como objeto de estudo ainda é restrita quando comparado a outros assuntos. Além disso, o mapeamento e a leituras dos trabalhos identificados e apresentados ao longo do Capítulo 1 nos conduziu a uma série de novas reflexões e abordagens que se refletem nos capítulos subsequentes, nos quais buscamos identificar, de forma mais aprofundada, as duas leituras contrastantes que se destacam a respeito do neocolonial: uma visão amplamente consolidada, que tem nesse “estilo” uma manifestação eclético-historicista de arquitetura; e outra, que compreende essa mesma arquitetura como um “ideário” e, assim, transforma o paradigma historiográfico vigente até então. A leitura e o estudo de ambas as interpretações nos renderam uma série de aprofundamentos, dentre os quais se destaca, por improvável que possa soar, uma possível interface entre essas abordagens, ante a ideia de contraste que é tão presente nestas discussões. Carlos Kessel (2008) sintetiza em grande medida o que fica evidente a partir da leitura aqui empreendida, a repetir citação tão pertinente no momento:

“A Arquitetura Neocolonial só pode ser compreendida se considerada simultaneamente como estilo e movimento, combinação de produção construída e produção textual, manifestando-se não somente como um conjunto de textos, projetos e edificações imóveis e cristalizadas no tempo, mas como uma trajetória inserida na cultura brasileira da primeira metade do século passado” (KESSEL, 2008:245).

Sobre a proximidade com a noção de *revival*, que também despontou com certa frequência em trabalhos que tentaram classificar o neocolonial, vale refletir a respeito do que coloca Luciano Patetta (1977):

*“Se podría interpretar, por paradójico que parezca, toda la historia de la arquitectura como una ininterrumpida sucesión de revivals. Para tal interpretación, aunque deformante, se encontrarían suficientes argumentos justificativos con solo llevar a cabo un análisis de las características revivalistas manifiestas en todas las épocas de la historia (...)”* (PATETTA, 1977:129)

É evidente que cabe maior aprofundamento perante as discussões que se amalgamam ao redor da noção de *revival* na história da arquitetura – algo que, certamente, configura uma pauta em aberto para pesquisas posteriores. A reflexão amparada na citação de Luciano Patetta, porém, reforça um argumento já abordado: não há demérito em repensar e rearticular formas do passado, especialmente quando olhar ao passado acarreta contribuições importantes, como o reconhecimento e a valorização da arquitetura colonial de um país. Além disso, fica evidente, essa é uma atitude amplamente recorrente ao longo da história da arquitetura mundial.

A partir da leitura dos trabalhos mapeados, emergiram da nossa análise, principalmente através das referências bibliográficas e notas, aqueles trabalhos que figuram as discussões do Capítulo 3 e atuam de forma a legitimar o neocolonial como um objeto de pesquisa. Os trabalhos de Amaral (1994), Kessel (2002; 2008), Pinheiro (2005; 2011), Silva (2005; 2007) e Atique (2007; 2010) destacam-se como referência comum à significativa maioria das investigações de caráter historiográfico acerca do neocolonial, mesmo naqueles casos em que a abordagem se dá de forma mais indireta. Por isso, julgamos importante trazê-los à discussão em maior destaque, de forma a compreender também como se

desenvolvem esses trabalhos, quais são as contribuições galgadas por esses pesquisadores e por qual razão são tão importantes para o campo e o tema de estudo. Esse é outro ponto que julgamos relevante desta abordagem: debater os trabalhos importantes e trazer visibilidade às suas discussões.

Esta pesquisa demonstrou que há, de fato, um avanço significativo nas investigações, nas leituras e na compreensão da manifestação neocolonial na arquitetura brasileira em suas mais diversas particularidades e variações. Identificamos que a pesquisa a respeito do neocolonial se beneficia e se expande junto das transformações mais gerais no campo da historiografia de arquitetura, sobretudo a medida em que se distancia da hegemonia modernista em direção a uma historiografia mais plural ou, conforme pontua Rocha-Peixoto (2013), um modo *historiográfico-culturalista* de conceber os estudos. Um exemplo desse benefício seria sua maior difusão junto à expansão dos programas de pós-graduação ao longo do Brasil, e um aumento significativo da abordagem nos anos de 2010. Vale mencionar também a aproximação dos estudos com leituras vinculadas às demais ciências humanas, a aproximação com o estudo da história das mentalidades por exemplo, que perpassa a recente pesquisa historiográfica em arquitetura e se mostra como um caminho profícuo.

Toda essa leitura abre um leque de abordagens que não se encerra, certamente, neste trabalho. Debruçar-se sobre uma temática complexa como a arquitetura neocolonial; um recorte temporal extenso, 1970-2020; e um volume tão amplo de fontes e documentos, constituiu um grande desafio a este pesquisador. A escolha por discutir a fundo apenas alguns destes trabalhos foi uma alternativa para que conseguíssemos alcançar uma profundidade adequada nas discussões, visando contemplar aquilo que nos cabia diante de nossos objetivos gerais e específicos. Certamente cabe aprofundamento em uma série de tópicos e discussões aqui empreendidas – como a mencionada ideia de *revival* na arquitetura, as noções de “estilo” e “movimento”, o referencial romântico na arquitetura brasileira e tantos outros temas – que merecem estudos futuros. Muita reflexão ainda é pertinente acerca dos debates historiográficos no Brasil envolvendo a arquitetura neocolonial. Para uma pesquisa que se concentra nos “debates”, acreditamos que não seria tão pertinente um estudo conclusivo, fechado em si mesmo, portanto vemos essa limitação da pesquisa como uma oportunidade para novos e futuros desdobramentos e diálogos.

Dito isso, acreditamos que o presente trabalho cumpre aquilo que se propõe: dá profundidade às compreensões acerca da arquitetura neocolonial; identifica, documenta e sistematiza a abordagem dessa temática nas pesquisas de história e historiografia da arquitetura brasileira, e, enfim, colabora para a conformação de um horizonte historiográfico cada vez mais completo para a arquitetura brasileira, através do olhar a uma série de problemáticas que ainda não haviam sido amplamente tomadas em conta neste campo de estudo. Esperamos, enfim, que este trabalho possa incentivar a ampliação de novas abordagens interpretativas sobre a arquitetura neocolonial.

Vale retomar a ideia da epígrafe que inaugura esta dissertação, em referência a Marina Waisman (2013:XV), sob o pretexto de um encerramento momentâneo: “a história nunca é definitiva, reescreve-se continuamente a partir de cada presente, de cada circunstância cultural, a partir das convicções de cada historiador”.

## REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Clara Correia d'; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Manifestações da arquitetura residencial paulistana entre as Grandes Guerras*. 2004. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Tese de doutorado. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-03072014-164814/pt-br.php>

AL ASSAL, Mariana Ramos Boghosian. *Arquitetura como meio para construção identitária: O estilo Neocolonial nas escolas práticas de agricultura do estado de São Paulo*. Anais. IV Encontro de História da Arte. IFCH/Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura varguista – as Escolas Práticas de Agricultura do Estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAU-USP. São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. *Arquitetura, modernidade e identidade nacional: aspectos para a construção de uma história comparada entre Brasil e México*. I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, 29 de novembro a 03 de dezembro de 2010.

ALVES, Rogério Novakoski Ferreira. *Mudanças nos programas funcionais das residências da elite paulistana do século XVIII ao XX*. Dissertação (Mestrado), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitectura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial; México, D.F.: Fondo de Cultural Económica, 1994.

\_\_\_\_\_. *La invención de un pasado*. In: AMARAL, Aracy. *Arquitectura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial; México, D.F.: Fondo de Cultural Económica, 1994a.

ANDRADE, Mario de. *Crônica*. Ilustração Brasileira 6, fevereiro 1921.

ANDRÉ, Paula. (Org.). *Celebrando A Nossa Casa (1918-2018) de Raul Lino - Antologia de Ensaios*. 1ed. Lisboa, Portugal: ISCTE – IUL. Instituto Universitário de Lisboa, 2018, v. 1

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. *O Eclétismo em Minas Gerais: Belo Horizonte, 1894-1930*. In: FABRIS, Annateresa. (Org.). *Eclétismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel; EDUSP. p.105-145. 1987.

ARGAN, Giulio Carlo. *El pasado en el presente: el revival en las artes plásticas, la arquitectura, el cine y el teatro*. Barcelona, Gustavo Gili, 1977.

ATIQUE, Fernando. *Arquitetando a "Boa Vizinhança": a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945*. 2007. 470f. Tese (Doutorado: História e fundamentos da arquitetura e do urbanismo). Universidade de São Paulo (FAUUSP), São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. *Articulações profissionais: os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos e o amadurecimento de uma profissão no Brasil, 1920-1940*. In: GOMES, MAAF (org.). *Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960*. [online]. Salvador: EDUFBA, 2009.

\_\_\_\_\_. *Arquitetando a "Boa Vizinhança": arquitetura, cidade e cultura nas relações Brasil-Estados Unidos, 1876-1945*. 1. ed. Campinas: Pontes / FAPESP, 2010. v. 1. 325p.

\_\_\_\_\_. *Formas que (Não) Unem: As Visões de Ricardo Severo e José Marianno Filho sobre o Neocolonial e o Estilo Missões*. Texto apresentado no II Colóquio Sonho e Razão. São Paulo: Unifesp/Instituto Cervantes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Urdiduras Continentais no debate acerca do Mission Style. Notas sobre o Pan-Americanismo na Arquitetura Neocolonial*. Revista Eletrônica da ANPHLAC, v. n.10, p. 174-212, 2011.

\_\_\_\_\_. *Um Sotaque Disfarçado: A recepção de referências americanas no curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes*. Revista 19&20, 2015.

\_\_\_\_\_. *De “Casa Manifesto” a “Espaço de desafetos”*: os impactos culturais, políticos e urbanos verificados na trajetória do Solar do Monjope (Rio, anos 20 – Anos 70). In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 29, n. 57, p. 214-234, janeiro-abril, 2016.

\_\_\_\_\_. *A historiografia da arquitetura e das cidades, de fato, “importa”?* Um balanço sobre algumas histórias transnacionais do espaço construído. América revista da pós-graduação da escola da cidade, n. 2, 2020, p. 64-73.

AZEVEDO, Ricardo Marques de. *Las ideas de Ricardo Severo y la relación con el academicismo*. In: AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitectura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial; Fundo de Cultural Econômica, 1994.

AZEVEDO, Felipe Moreira de. *As residências neocoloniais no bairro de Nazaré: Estudo de suas representações e características a partir da etnografia de rua*. Anais do 7º Seminário Internacional em Memória e Patrimônio, UFPel. Pelotas, Brasil. 2013.

\_\_\_\_\_. *Preservação da “Arquitetura Patriótica Brasileira”*: estudo arquitetônico das residências neocoloniais em Belém do Pará. Dissertação (Mestrado) – UFPA. Belém, Pará. 2015.

BACELLAR, Carlos. *Os historiadores e as fontes de arquivo*. in: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153.

BAYÓN, Damián (org.). *América Latina en sus artes*. Siglo Veintiuno Editores: Unesco. 9ª ed. México, 1974.

BITTAR, William; VERÍSSIMO, Francisco. *Inventário Arquitetônico - Neocolonial - Município do Rio de Janeiro*. 01. ed. Rio de Janeiro: FAU-UFRJ, 1983. v. 01.

BERNARDI, Tiago Costa. *Arquitetura neocolonial e “as sábias lições” de José Marianno Filho*. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) –

Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2014.

BITTAR, William. *O movimento neocolonial na arquitetura do Brasil*. In: Cadernos de Arquitetura - FAAC-UNESP, v. ano 1, p. 23-36, 1996.

\_\_\_\_\_. *O movimento neocolonial*. In: Bittar, William Seba Mallmann; Luz, Maria de Lourdes. (Org.). *Ensaaios - imagens brasileiras*. 01ed. Rio de Janeiro: Papel & Virtual, 1999.

BOGHOSIAN, Marianna Ramos. *A arquitetura neocolonial paulista: caderno de projetos levantados*. Relatório Final de Pesquisa Pibic-CNPq, 2002, sob orientação da professora Maria Lúcia Bressan Pinheiro.

BORTOLUCCI, Maria Ângela Pereira de Castro e Silva. *Moradias urbanas construídas em São Carlos no período cafeeiro*. 2v. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

BRANDÃO, Marina Chagas. LI, Jonathan The. CAIRES, Raphaella Musco. *A Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, São Paulo (1931-1979)*. Iniciação Científica. (Graduando em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Maria Lucia Bressan Pinheiro. 2013.

BREITEMBACH, Silvia Becher. *A presença da arquitetura neocolonial na cidade de Salvador*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2005.

BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva. 1981.

BUZZAR, Miguel Antonio; CORDIDO, Maria Tereza Regina Leme de Barros; JUNQUEIRA, Mônica Camargo. *Modernidade e arquitetura neocolonial: o caso da Escola Prática de Agricultura do município de Pirassununga*. Anais. Porto Alegre:



Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - ANPARQ, 2016.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *¿Qué hacer con los universalismos occidentales? Observaciones en torno al giro decolonial*. In: *Analecta Politica*, vol. 7, no. 13, 2017, p. 249-272.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18566/apolit.v7n13.a02>

CARLOS, Cláudio Antônio Santos Lima. *Quando o Moderno era Neocolonial: A participação de Eugênio de Proença Sigaud no processo de construção do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*. 3º Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira. Universidade Federal da Bahia, UFBA. Salvador, Bahia (BA). Set. 2019.

CARVALHO, Edis Evandro Teixeira de. *A Arquitetura neocolonial: a arquitetura como afirmação de nacionalidade*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Arquitetura e Urbanismo, Salvador, 2002.

CASTRO, Ana Cláudia Veiga de. SILVA, Joana Mello de Carvalho e. *Dossiê Fazer História: o estatuto das fontes e o lugar dos acervos nas pesquisas de história da arquitetura e da cidade no Brasil*. Introdução. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. V.24. n.3. p.11-18, dez. 2016.

\_\_\_\_\_. *História e historiografia da arquitetura e da cidade*. In: IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre, jul. 2016.

CASTRO, Elizabeth Amorim de. *Arquitetura das escolas públicas do Paraná (1853-1955)*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, UFPR. Curitiba, Paraná. 2010.

CAVALCANTI, Lauro. *Modernistas na repartição*. Rio de Janeiro. Ed. URFJ; Paco Imperial; Tempo Brasileiro, 1993. 224 p.

\_\_\_\_\_. *Modernistas, arquitetura e patrimônio*. in: PANDOLFI, Dulce (org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro. Ed: Fundação Getúlio Vargas, 1995, 345p.

CAVALCANTI FILHO, Ivan; QUEIROZ, Camila Renata de Figueiroa. *Memória da arquitetura neocolonial luso-brasileira na cidade de João Pessoa*. In: ANPUH – XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento Histórico e Diálogo Social. Natal, RN. Jul. 2013.

CAVALCANTI FILHO, Ivan; QUEIROZ, Camila Renata; LUCENA, Emanuel Victor Patrício de. *A presença do neocolonial: a versão luso-brasileira e a variante hispano-americana*. In: Maria Berthilde Moura Filha; Marcio Cotrim; Ivan Cavalcanti Filho. (Org.). *Entre o rio e o mar: arquitetura residencial na cidade de João Pessoa*. 1ed. João Pessoa: F&A Gráfica e Editora Ltda., 2016, v. 2, p. 186-199.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger (coord.). *Práticas da leitura*. 5ª Edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

COHEN, Jean-Louis. *Da afirmação ideológica à história profissional*. In: *Desígnio: revista de história da arquitetura e do urbanismo*. São Paulo: Annablume; FAU-USP, 2011- n.11-12, mar. 2011.

CONDURU, Roberto. *Entre histórias e mitos. Uma revisão do neocolonial*. Resenhas Online, São Paulo, ano 08, n. 093.01, Vitruvius, set. 2009 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.093/3025>>.

CORREIA, Telma de Barros. *Arquitetura e ambiente: A noção de adaptabilidade ao meio no discurso modernista*. Revista Pós. V.16, n. 25, São Paulo, junho, 2009.

COSTA, Lucio. *Documentação necessária*. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n° 01, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937, pp 31-39.

\_\_\_\_\_. *Razões da nova arquitetura*. In: COSTA, Lucio. Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 2018.

\_\_\_\_\_. *Considerações sobre nosso gosto e estilo*. A Noite. Rio de Janeiro, 18/06/1924.

\_\_\_\_\_. Lucio Costa: Registro de uma vivência. Editora 34, Edições Sesc São Paulo, São Paulo, 2018. (1ª ed: 1995).

COSTA JR, Eustáquio Ornelas. *Ampliando territórios na arte: ensaios críticos de Marta Traba e Aracy Amaral sobre arte e cultura da América Latina (1970s)*. XI Congresso Internacional de Estética e História da Arte, n.11, São Paulo, 2018.

CZAJKOWSKI. *A Arquitetura racionalista e a tradição brasileira*. Revista Gávea – Revista de História da Arte e Arquitetura, Rio de Janeiro, n. 10, 1993.

CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Guia da Arquitetura Eclética no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – SMU / Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 2000.

DREXLER, Arthur. *The architecture of the école des beaux-arts*. The Museum of Modern Art, New York:1976.

FABRIS, Annateresa. (Org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel; EDUSP. 1987.

\_\_\_\_\_. *Arquitetura Eclética no Brasil: O cenário da modernização*. Anais do Museu Paulista Nova Série No 1. 1993.

FERRARI, Claudio. *Arquitetura neocolonial em Chile (1915-1945)*. In: AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial; Fundo de Cultural Econômica, 1994.

FERREIRA, Camila Corsi. *Difusão do neocolonial estilo missões em Espírito Santo do Pinhal SP. O Palacete Norma Barsotini*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 21, n. 242.01, Vitruvius, jul. 2020.

<<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.242/7808>>.

FIGUEIREDO, Maria Paula Fontana. MOREIRA, Ingrid Jaciellen. DOS ANJOS, Marcelo França. *A obra de Lucio Costa: Um preâmbulo da arquitetura moderna brasileira*. Anais. 5º Simpósio de sustentabilidade e contemporaneidade nas ciências sociais. Jun. 2017.

FREIRE, Adriana Leal de Almeida. *Recepção e difusão da arquitetura moderna brasileira: uma abordagem historiográfica*. Tese (Doutorado), Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP), São Carlos, 2015.

FILHO, Ivan Cavalcanti; QUEIROZ, Camila Renata de Figueiroa. *Memória da Arquitetura Neocolonial Luso-Brasileira na cidade de João Pessoa*. ANPUH - XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Natal, Rio Grande do Norte (RN). Jul. 2013.

GALVEZ, Marcia Furriel Ramos. *Dois pavilhões brasileiros em Exposições Internacionais do Século XX: Ideias para uma arquitetura nacional brasileira*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2012.

GEOFFROY, Norma Maria. *A morada carioca no contexto das zonas norte e sul nos anos 20*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

GONÇALVES, Ana Maria do Carmo Rossi. *A obra de Ricardo Severo*. Trabalho de Conclusão de Curso (Arquitetura e Urbanismo): FAU-USP. 1977.

GUERRA, Abilio (org.). *Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira - Parte 1*. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

GUERRA, Abilio. *A construção de um campo historiográfico*. in: GUERRA, Abilio (org.). *Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira - Parte 1*. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

\_\_\_\_\_. *A esfinge silenciosa*. Resenhas Online, São Paulo, ano 01, n. 001.14, Vitruvius, jan. 2002 <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/01.001/3265>

GUILLEN, Mauro F. *Modernism without modernity: The Rise of Modernist Architecture in Mexico, Brazil and Argentina (1890-1940)*. Latin America Research Review, 39 (2), p.6-34.

GUTIÉRREZ, Ramón. *Una entusiasta introspección: el neocolonial en el Río de la Plata*. In: AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitectura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial; Fundo de Cultural Econômica, 1994.

HVATTUM, Mari. *Gottfried Semper and the problem of historicism*. Cambridge University Press. New York: 2004.

JUNIOR, Rafael Alves Pinto. *Modernidade Impressa: o interesse das revistas pelo espaço arquitetônico e urbano no Rio de Janeiro (1902-1934)*. In: IV simpósio Internacional de História: cultura e Identidades, 2009, Goiânia. IV simpósio internacional de História: cultura e Identidades. Goiânia: ufg, 2009. v. 01. p. 12-12.

JÚNIOR, Rafael Alves Pinto. *Da arte como civilização e outras lições da Renascença Brasileira: Ricardo Severo e a arte tradicional no Brasil (1914)*. Hist.R., Goiânia, v. 16, n. 1, p. 211-229, jan./jun. 2011.

KESSEL, Carlos. *Arquitetura Neocolonial no Brasil: Entre o pastiche e a modernidade*. Rio de Janeiro: Jauá Editora. 2008.

\_\_\_\_\_. *Vanguarda Efêmera: Arquitetura neocolonial na Semana de Arte Moderna de 1922*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 30, 2003, p. 110-128.

\_\_\_\_\_. *Estilo, Discurso, Poder: Arquitetura Neocolonial no Brasil*. História Social (Campinas), Campinas, v. 6, n.1, p. 65-94, 1999.

LACAPRA, Dominick. *The intellectual history and its ways*. in: The American Historical Review, Vol. 97, No.2 (Apr. 1992), pp. 425-439

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *El Estilo que nunca existió*. In: AMARAL, Aracy. (coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial; Fondo de Cultural Econômica. p.147-164, 1994.

\_\_\_\_\_. *Alvenaria burguesa*. São Paulo, Nobel, 1985.

\_\_\_\_\_. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos. 1979.

LEVY, Ruth Vieira. *A Exposição do Centenário e o meio arquitetônico carioca do início dos anos 20*. Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, EBA – UFRJ. Rio de Janeiro: 2004.

LIRA, José Tavares Correia de. *Arquitetura, historiografia e história operativa nos anos 1960*. Cidade Moderna e Contemporânea: síntese e paradoxo das artes-trabalhos completos. Rio de Janeiro: Docomomo, 2009.

LIRA, José Tavares Correia de. *A história e o fazer da arquitetura*. In: *Desígnio: revista de história da arquitetura e do urbanismo*. São Paulo: Annablume; FAU-USP, 2011- n.11-12, mar. 2011.

LUCENA, Emanuel Victor Patrício de; CAVALCANTI FILHO, Ivan. O neocolonial Hispano-Americano como documento de uma arquitetura residencial pessoense no século XX. In: 3º Seminário Íbero-americano arquitetura e Documentação, 2013, Belo Horizonte. Anais do 3º Seminário Íbero-americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 2013. p. 1-13.

\_\_\_\_\_. *A Arquitetura Neocolonial como protagonista da paisagem urbana de João Pessoa no século XX*. In: Conceição Trigueiros. (Org.). *Arquiteturas do Mar, da Terra e do Ar: arquitetura e urbanismo na geografia e na cultura*. 1ªed.Charleston, SC, EUA: Academia de Escolas de Arquitetura e urbanismo de Língua Portuguesa, 2014, v. I, p. 177-185.

\_\_\_\_\_. *A diversidade morfológica da arquitetura neocolonial hispano-americana na cidade de João Pessoa no século XX*. In: XII Congresso internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado: a Dimensão do Cotidiano do Patrimônio e os desafios para sua preservação. Bauru: FAAC-Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação- UNESP, 2014a.

\_\_\_\_\_. *A diversidade morfológica da arquitetura neocolonial hispano-americana na cidade de João Pessoa entre 1940 e 1960*. In: Isac Almeida de Medeiros; Cláudia de Figueiredo Braga; Rogério Oliveira Barbosa. (Org.). *Série Iniciados: Trabalhos premiados nos Encontros de Iniciação Científica da UFPB b*. 1ed.João Pessoa: Editora da UFPB, 2018, v. 20, p. 216-232.

MANRIQUE, Jorge Alberto. *¿Identidad o modernidad?* In: *América Latina en sus Artes*, 19-33. Edited by Damián Bayón. Mexico: Siglo XXI Editores 1974.

\_\_\_\_\_. *México se quiere otra vez barroco*. In: AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial; Fundo de Cultural Econômica, 1994.

MARIANNO FILHO, José. *Carta à Gastão Bahiana sobre o Prêmio Heitor de Mello*. in: *Revista Architectura no Brasil*. Rio de Janeiro: A Corporação, 1921. p.38-39.

\_\_\_\_\_. *Entrevista [à Angyone Costa]*. In: *A inquietação das abelhas: inquéritos sobre a vida artística brasileira. O que pensam e o que dizem os nossos pintores, escultores, architectos e gravadores sobre as artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello e Cia., 1927.

\_\_\_\_\_. *As características do estilo arquitetônico nacional*, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 8 jul. 1931.

\_\_\_\_\_. *Right or wrong, it is my house*. *O Jornal*, Rio de Janeiro, jul. 1931, s.p.

\_\_\_\_\_. *Os dez mandamentos do estylo Neo-colonial*. In: Revista de Architectura, Rio de Janeiro, 1923, v.IV, p. 161

MARTINS, Carlos Alberto Ferreira. *Arquitetura e Estado no Brasil: elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil; a obra de Lucio Costa 1924/1952*. Dissertação (Mestrado). FFLCH-USP, São Paulo, 1987.

\_\_\_\_\_. *Identidade nacional e Estado no projeto modernista. Modernidade, Estado e tradição*. in: GUERRA, Abilio (org.). Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira - Parte 1. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

MARTINS, Maria Clara Amado. *Raul Lino. Um pensar arquitetônico que se irmana ao Brasil na poética da Casa*. In: Paula André. (Org.). Celebrando A Nossa Casa (1918-2018) de Raul Lino - Antologia de Ensaios. 1ed.Lisboa: ISCTE - IUL. Instituto universitário de Lisboa-Repositório, 2018, v. 1, p. 129-139.

MASCARO, Luciana Pelaes. *Difusão da arquitetura neocolonial no interior paulista, 1920-1950*. Tese (doutorado), Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Carlos, Brasil. 2008.

\_\_\_\_\_.; BORTOLUCCI, Maria Ângela Pereira de Castro e Silva. *Arquitetura e modo de vida no assentamento rural Bela Vista Chibarro*. 2003.Universidade de São Paulo, São Carlos, 2003.

\_\_\_\_\_. *Identidade e Modernidade na Produção Arquitetônica do Início do Século XX: Movimento Neocolonial e Regionalismo Crítico*. In: 1o. Fórum Brasileiro de Patrimônio Cultural, 2004, Belo Horizonte - MG. Anais do 1o. Fórum Brasileiro de Patrimônio Cultural, 2004.

\_\_\_\_\_.; BORTOLUCCI, M. A. P. C. E. S; LOURENÇO, M. J. B. B. *Raul Lino: Uma Leitura dos Projetos das Casas Portuguesas*. OCULUM ENSAIOS (PUCCAMP), v. 9-10, p. 53-62, 2009.



\_\_\_\_\_. *Escolas Práticas de Agricultura: Arquitetura Neocolonial no Estado de São Paulo*. In: 2º Seminário de Patrimônio Agroindustrial: Lugares de Memória, 2010, São Carlos. CD-ROM e site - 2º Seminário de Patrimônio Agroindustrial: Lugares de Memória - Digital e Online, 2010. v. 01. p. 01520.

MASHECK, Joseph. *Epilogue: 'Critique of Ornament'*. In: LOOS, Adolf. *Ornament and crime*. Penguin, 2019.

MINGORANCE, Ricardo. *O debate sobre a arte, a arquitetura e a cidade do século XIX em José Marianno Filho*. (Trabalho de conclusão de curso). Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo /Fundação de amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. *A apreciação de José Marianno Filho sobre a arte, a arquitetura e a cidade do século XIX*. (Relatório Final de Bolsa de Iniciação Científica FAPESP). Guarulhos: EFLCH/UNIFESP, 2011.

\_\_\_\_\_. *Leituras de José Marianno Filho sobre a arte, a arquitetura e a cidade do século XIX no Brasil*. 19&20, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/criticas/la\\_jmarianno.htm](http://www.dezenovevinte.net/criticas/la_jmarianno.htm)>.

MINISTÉRIO da Educação, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. PORTARIA n.013, de 15 de fevereiro de 2006. <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/portaria-013-2006-pdf>>

MIYOSHI, Alex. *Victor Dubugras, arquiteto dos caminhos*. Revista de História da Arte e Arqueologia, v. 12, p. 89-104, 2009.

NASCIMENTO COSTA, José Horácio de Almeida. *Sobre o Neocolonial*. Trabalho de Conclusão de Curso (Arquitetura e Urbanismo): FAU-USP. 1978.

NASLAVSKY, Guilah. *Modernidade arquitetônica no Recife: arte, técnica e arquitetura de 1920 a 1950*. Dissertação (mestrado), FAU-USP, São Paulo, Brasil. 1998.

NATAL, Caion Meneguello. *A retórica da tradição: tempos e espaços da arquitetura neocolonial no Brasil, 1914-1930*. In: Márcia Chuva; Antonio Gilberto Ramos Nogueira. (Org.). Patrimônio cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil. 1ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2012, p. 125-132. ([link](#))

\_\_\_\_\_. *Da casa de barro ao palácio de concreto: a invenção do patrimônio arquitetônico no Brasil (1914-1951)*. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s. n.], 2013.

\_\_\_\_\_. *A arquitetura neocolonial de Ricardo Severo e José Marianno*. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, v. 26, p. 86-123, 2019.

NOVAKOSKI, Rogério. *Entre o Ecletismo e o Modernismo: A racionalização da residência burguesa em São Paulo*. Tópos. FCT/UNESP. v.1, n.3, Presidente Prudente, set-dez 2017.

NOVO, Leonardo Faggion. *Entre arte e técnica: arquiteturas políticas na legitimação da profissão no Brasil [1920-1930]*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo. 2018.

OLIVEIRA, Ana Slade. *As experiências eclético-acadêmicas de Lucio Costa - uma lacuna na história da arquitetura no Brasil*. Cadernos do PROARQ (UFRJ), v. 1, p. 70, 2013.

PALAZZO, Pedro Paulo. *Patrimonialização e exemplaridade da arquitetura religiosa: paralelos entre o renascimento e o neocolonial*. In: Arquimemória 5, 2017, Salvador. O global, o nacional e o local na preservação do patrimônio. Salvador: IAB-BA: UFBA, 2017. v. 1. p. 69.

PATETTA, Luciano. *Considerações sobre o Ecletismo na Europa*. In: FABRIS, Annateresa. Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo, Nobel, 1987, pp. 8-27.

PATETTA, Luciano. *Los revivals en arquitectura*. In: ARGAN, Giulio Carlo. El pasado en el presente: el revival en las artes plásticas, la arquitectura, el cine y el teatro. Barcelona, Gustavo Gili, 1977.

PEREIRA, Margareth da Silva. *O rumor das narrativas: A história da arquitetura e do urbanismo do século XX no Brasil como problema historiográfico — notas para uma avaliação*. ReDObRa, v. 13, p. 201-247, 2014.

PICON, Antoine. *Ornament: The Politics of Architecture and Subjectivity*. John Wiley & Sons Ltd, The Atrium, Southern Gate, Chichester, West Sussex, PO19 8SQ, United Kingdom, 2013.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011. 312 p.

\_\_\_\_\_. *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. Tese (Livre Docência): Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Modernizada ou moderna? A arquitetura em São Paulo, 1938-45*. Tese (doutorado), FAU-USP, São Paulo, Brasil. 1997.

\_\_\_\_\_. *O Neocolonial e o Edifício da Faculdade de Direito de São Paulo*. In: 3o. ENCORE - Encontro sobre Conservação e Reabilitação de Edifícios, 2003, Lisboa, Portugal. Actas do 3o. ENCORE. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2003. v. 1. p. 165-173.

\_\_\_\_\_. *Mário de Andrade e o Neocolonial*. *Desígnio* (São Paulo), v. 4, p. 97-104, 2005.

\_\_\_\_\_. *A história da arquitetura brasileira e a preservação do patrimônio cultural*. *Revista CPC*, São Paulo, v.1, n.1, p. 41-74, abr. 2006.

\_\_\_\_\_. *Ricardo Severo e o Neocolonial: Tradição e Modernidade no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. INTELLECTUS (UERJ. ONLINE), v. X, p. 5, 2011a.

\_\_\_\_\_. *Arquitetura religiosa neocolonial em São Paulo: o debate dos anos 1920 e sua repercussão*. In: III Seminário Internacional Patrimônio Sacro, 2017, São Paulo. Caderno de Resumos do III Seminário Internacional Patrimônio Sacro. São Paulo: UNESP, 2017. v. 1. p. 43-43.

\_\_\_\_\_. *A Nossa Casa - repercussões no Brasil*. In: ANDRÉ, Paula. (Org.). *Celebrando A Nossa Casa (1918-2018) de Raul Lino - Antologia de Ensaios*. 1ed. Lisboa, Portugal: ISCTE Instituto Universitário de Lisboa, 2018, v. 1, p. 99-117.

\_\_\_\_\_. *Repercussão do ideário neocolonial na atuação preservacionista de Mário de Andrade e Lucio Costa*. Registros, vol. 16 (2), jul-dez. 2020.

PERICHI, Ciro Caraballo. *Venezuela: la arquitectura tras la quimera de la historia*. In: AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial; Fundo de Cultural Econômica, 1994.

PORTER, Tom. *Archispeak: An Illustrated Guide to Architectural Terms*. Routledge; Illustrated, junho 2004.

POTES, Francisco Ramírez; PAZ, Jaime Gutierrez; ARBOLEDA, Rodrigo Uribe. *Arquiteturas Neocoloniales: Cali 1920-1950*. Universidad del Vale Programa Editorial. Cali, Colombia. 2000.

PROUST, Antoine. *A História se escreve*. In: *Doze lições sobre a história*. 2ª ed.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

PUPPI, Marcelo. *Por uma história não moderna da arquitetura brasileira*. Campinas: Pontes, Associação dos Amigos da História da Arte; Centro de História da Arte e Arqueologia da UNICAMP. 1998.

\_\_\_\_\_. *Por uma história da arquitetura acadêmica no Brasil*. Semina: Ci. Exatas/Tecnológicas, vol. 16, n. 4, p. 558-562, dez. 1995.

QUEIROZ, Camila Renata de Figueiroa; CAVALCANTI FILHO, Ivan. *A Arquitetura neocolonial luso-brasileira na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil*. In: Primer Congreso del Mercosur - Patrimonio del siglo XX: Presente e Futuro, 2013, Mar del Plata, Argentina. Anais do Primer Congreso del Mercosur- Patrimonio del siglo XX. Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata, 2013. p. 106-123.

RAMALHO, Maria Lucia Bressan Pinheiro. *Da Beaux-Arts ao Bungalow*. Dissertação de Mestrado FAUUSP, 1989

RIBEIRO, Robson Orzari. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Textos de História da Arte engajados na política de preservação no Brasil. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP:[s.n.], 2013.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. *A estratégia da aranha*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

RODRIGUES, Eduardo de Jesus. *As fachadas na arquitetura paulistana: o estilo Missões*. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

RUBIM, Cláudia Mazarakis. *A preservação de um patrimônio edificado da saúde no Rio de Janeiro: o Hospital Universitário Gaffrée e Guinle*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2017.

SÁ, Maria Irene da Fonseca e. *Bibliotecas digitais: uma investigação sobre características e experiências de desenvolvimento*. Tese (Doutorado), IBICT, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

SANCHES, Maria Ligia Fortes. *Construções de Paulo Santos*. I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, dez. 2010.

SANGLARD, Gisele e COSTA, R. da Gama-Rosa. *Direções e traçados da assistência hospitalar no Rio de Janeiro (1923-31)*. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, vol. 11(1): 107-41, jan.-abr. 2004.

SANGLARD, Gisele. *Hospitais: Espaços de cura e lugares de memória da saúde*. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. V. 15, N.2, p. 257-289. Jul-dez. 2007.

SANT'ANA, Thais Rezende da Silva de. *A Exposição Internacional do Centenário da Independência: modernidade e política no Rio de Janeiro dos anos 1920*. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo. [s. n.], 2008.

SANTOS, Paulo. *Quatro séculos de arquitetura no Brasil*. Rio de Janeiro: IAB. 1981. (1ª ed. 1965).

SANTOS, Suelen Dayse Versiani dos. *A casa brasileira do século XIX e seus desdobramentos na produção residencial de Belo Horizonte*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Belo Horizonte, Brasil. 2011.

SANTOS, Renata Ribeiro dos. *El fondo Aracy Abreu Amaral y la historiografía del arte de América Latina*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n.75, p.200-210, abr. 2020.

SARQUIS, Giovanni Blanco. *Tradição e diversidade na arquitetura Neocolonial em Belém do Pará*. Traços, Belém, v.5, n.9, p. 31-38; jul. 2002.

SARQUIS, Giovanni Blanco. NETO, Candido Malta Campos. *A arquitetura como expressão da modernidade em Belém entre 1930 e 1964*. Caderno de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, v. 3, n. 1, p. 29-51; 2003.

SCHAFFER, Barbara. *Porto Alegre, arquitetura e estilo 1880-1930*. Dissertação (mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, Brasil. 2011.

SEIGEL, Micol. *Uneven Encounters: making race and nation in Brazil and the United States*. Durham: Duke University Press, 2009.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas nos Brasil 1900-1990*. São Paulo, EDUSP, 1997

SEMPER, Gottfried. *Style in the Technical and Tectonic Arts; or, Practical Aesthetics*. Trans. Harry F. Mallgrave. Santa Monica, 2004.

SEVERO, Ricardo. *A Arte Tradicional no Brasil*. Revista do Brasil, São Paulo, ano II, vol. 4, jan.-abr. 1917, p.394-424.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e. *Nacionalismo e arquitetura em Ricardo Severo: Porto 1869 - São Paulo 1940*. Universidade de São Paulo, São Carlos, 2005.

\_\_\_\_\_. *Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2007. v. 500. 261p.

\_\_\_\_\_. *A construção do nacional: Ricardo Severo e a Campanha de Arte Tradicional no Brasil (1910-1930)*. Varia hist., Belo Horizonte, v. 35, n. 68, p. 597-629, Aug. 2019. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-87752019000200597&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752019000200597&lng=en&nrm=iso)>. access on 13 Apr. 2020. Epub May 16, 2019.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e; CASTRO, Ana Claudia Veiga de. *Inventar o passado, construir o futuro: São Paulo entre nacionalismos e cosmopolitismos nas primeiras décadas do século 20*. Pós. Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo Da FAUUSP, 21(36), 24-53. 2015.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e; CASTRO, Ana Claudia Veiga de. *História e historiografia da arquitetura e da cidade*. IV Enanparq, Porto Alegre, 2016.

SILVEIRA, Marcelo da Rocha. *A arquitetura neocolonial e o pensamento nacionalista*; 2002; Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro; Orientador: Aquiles Cortes Guimaraes.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e Actualidade da Arquitectura Regional. Raul Lino, José Marianno e a arquitectura luso-brasileira*. In: ANDRÉ, Paula. (Org.). *Celebrando A Nossa Casa (1918-2018) de Raul Lino Antologia de Ensaios*. 1ed.Lisboa: ISCTE-IUL, 2018, v. 1, p. 83-98.

SILVEIRA, Marcele Cristiane da. *O azulejo na modernidade arquitetônica. 1930-1960*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAU-USP. São Paulo, 2008.

SIOLARI, Maristela. PORTUGAL, Josélia Godoy. *A revista Architectura do Brasil, o Neocolonial e a Exposição do Centenário de Independência*. Anais. Porto Alegre: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - ANPARQ, 2016.

SIMONE, Sérgio de. *A Faculdade de Direito do Largo de São Francisco – um paradigma do Neocolonial em São Paulo*. Trabalho apresentado para conclusão da disciplina “Tópicos Especiais em História da Arte e da Cultura III”. Campinas, UNICAMP, 2002.  
SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de Souza. *Memória de formação e o debate sobre a tradição brasileira na arquitetura (1920-1930)*. Revista Educação em Questão, Natal, v.25, n.11, p.127-156, jan.-abr., 2006.

SOUZA, Manuella Araújo de. *O concreto armado nas edificações de Salvador no período entre guerras (1919-1938)*. Tese (Doutorado) – UFBA. Salvador, BA. 2017.

SUTIL, Marcelo Saldanha. *Beirais e platibandas: A arquitetura de Curitiba na primeira metade do século 20*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Pós-graduação em história, Curitiba, 2003.

\_\_\_\_\_. *1920 – Uma década em foco*. Revista Pós. V. 19, n.32, Resenhas. São Paulo, dez. 2012. pp.261-263.

TEIXEIRA, Bruna Caroline. *A Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e sua nova sede*. Iniciação Científica. (Graduando em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de



Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Orientador: Maria Lucia Bressan Pinheiro. 2017.

TELLES, Augusto da Silva. *Neocolonial: la polémica de José Mariano*. In: AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial; Fundo de Cultural Econômica, 1994.

THELAN, David. *The nation and beyond: transnational perspectives on United States History*. *Journal of American History*, Bloomington, v.86, n.3, 1999.

TORRE, Susana. *En busca de una identidad regional: evolución de los estilos misioneros y neocolonial hispano en California entre 1880 e 1930*. In: AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial; Fundo de Cultural Econômica, 1994.

TREFT, Renan Alex. *Apropriações arquitetônicas: o neocolonial na Diocese de Limeira*. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). São Paulo, 2021.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Trad. De Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. 285 p.

WAISMAN, Marina. *Neocolonial y moderno: falacias y realidades*. In: AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial; Fundo de Cultural Econômica, 1994.

\_\_\_\_\_. *O interior da história: Historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos*. 1ª ed. Editora Perspectiva: São Paulo, 2013.

WEINSTEIN, Barbara. *Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional*. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 14, p.9-36, jan/jun, 2013. DOI: <https://doi.org/10.46752/anphlac.14.2013.2331>

WISNIK, Guilherme. *Plástica e anonimato: modernidade e tradição em Lucio Costa e Mário de Andrade*. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 79, p. 169-193, nov. 2007.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. *Jardim América: o primeiro bairro jardim de São Paulo e sua arquitetura*. São Paulo: EDUSP; FAPESP; Imprensa Oficial. 2001.

XAVIER, Alberto (Org.). *Depoimento de uma geração. Arquitetura moderna brasileira*. São Paulo, Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura, Fundação Vilanova Artigas, Pini, 1987.

ZANOTTO, Gizele. *História dos intelectuais e história intelectual: Contribuições da historiografia francesa*. In: Biblos, Rio Grande: 22 (1). 31-45. 2008.

ZAKIA, Silvia Amaral Palazzi. *Construção, Arquitetura configuração Urbana de Campinas nas décadas de 1930 e 1940. O papel de quatro engenheiros modernos*. Tese de Doutorado. FAU USP. São Paulo – 2012

## APÊNDICES

**Apêndice 1:** Entrevista com Aracy Amaral. Diálogos sobre a arquitetura neocolonial e a sua atuação junto ao tema à luz da publicação *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos* (1994).

O motivo do presente encontro e entrevista advém da minha pesquisa de mestrado, *Arquitectura Neocolonial no Brasil: Debates historiográficos (1970-2020)*, a discutir, em linhas gerais, o lugar da arquitetura neocolonial na historiografia da arquitetura brasileira. O livro organizado pela professora Aracy Amaral, *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*, publicado em 1994 pelo *Fondo de Cultura Economica* (FCE, México D.F.), é considerado um marco nas investigações acerca da arquitetura neocolonial, não somente por ser uma das primeiras iniciativas de fôlego a discutir essa temática, mas também por envolver a compreensão desse fenômeno em uma perspectiva transnacional, envolvendo os países da América Latina, do Caribe e os Estados Unidos.

**João Paulo Peixoto:** A primeira questão que gostaria de fazer é a mais geral, mas importante para dar início à entrevista. Como surgiu, inicialmente, o interesse em discutir o fenômeno da arquitetura neocolonial, em um contexto em que muito pouco se discutia a respeito dessa manifestação arquitetônica?

**Aracy Amaral:** Escute, então... Minha resposta para essa primeira questão é a seguinte... Eu não sei se você sabe... você estuda em que área da USP?

JP: Meu mestrado é em História da Arquitetura, na FAU-USP.

AA: Mas você é formado na FAU?

JP: Não, sou formado arquiteto na Universidade Federal de Uberlândia... agora o mestrado estou cursando na FAU.

AA: Então, eu era professora na FAU [USP] e respondia por uma disciplina chamada *História da Arte na América Latina*, era uma disciplina que existia naquela época... Não existia nenhuma disciplina além desta sobre a América Latina, e eu tinha inclusive que

usar livros meus como bibliografia... eu quis fazer esse curso porque nesse período, sobretudo década de 1960, 1970 e até começo de 1980, eu viajava muito pela América Latina por causa da pesquisa sobre a hispanidade em São Paulo, talvez você conheça...

JP: Sim, claro!

AA: E também... tendo em vista minha presença muito assídua nos *Congressos de Arte Latino-americana*, eu conhecia os arquitetos essenciais que participavam desses congressos. Arquitetos, críticos de arte... Havia uma articulação grande entre mim e o conjunto de arquitetos e historiadores da época. Como eu dava aula de *História da Arte na América Latina*, eu achei interessante colocar no currículo do meu curso a arte neocolonial, que era pouquíssimo discutida, quase nada mesmo. É por isso, também, que o Horácio do Nascimento Costa fez um trabalho sobre o neocolonial. Ele era um aluno do meu curso, e era um arquiteto, saindo da FAU, muito interessado nesses assuntos... Agora não sei se você conhece o percurso dele.

JP: É interessante comentar sobre isso porque, ao contexto da pesquisa documental para o mestrado, encontrei o trabalho de conclusão de curso de José Horácio de Almeida Nascimento Costa, datado de 1978, “Sobre o neocolonial” com orientação da professora. Mas, na verdade, não conheço o percurso dele, encontrei o registro do trabalho na própria biblioteca da FAU... Justamente porque é um dos primeiros trabalhos no meu recorte temporal a tratar do tema.

AA: Então, e foi uma pena porque depois que ele terminou a FAU, foi fazer um estágio no México... Acho que na época ele estava visando aprofundar alguma coisa sobre o neocolonial a partir da realidade mexicana, mas aconteceu um fenômeno... no México ele partiu para área de literatura. Ele já tinha uma tendência para a poesia, e se tornou um poeta... publicando livros, seja no México, seja no Brasil... e hoje acho que ele é professor de literatura na USP. Ele mudou completamente de área... foi realmente uma vocação que foi perdida, e eu lamentei muito... mas ele está feliz assim e esse é o caminho que ele está seguindo. Eu pensei que ele continuaria com isso [estudos envolvendo o neocolonial]. Mas no México ele se interessou pela poesia... ficou morando pelo México, já voltou totalmente poeta. Esse é o descaminho das pessoas que saem da FAU, como você sabe...

Um vira compositor musical, outro vira poeta, outro vira cineasta, enfim... São vários caminhos a partir de uma formação de arquiteto.

JP: Sim, é verdade [risos]. Então, a partir dessa primeira aproximação com o neocolonial, como surgiu a ideia de organizar o Seminário *El neocolonial en América Latina*, envolvendo contextos diversos do continente americano? A ideia de pensar o fenômeno sob esse viés transnacional foi algo projetado previamente? Pergunto por que, recentemente, escrevi um artigo que ainda está em avaliação, analisando o livro à luz dos estudos transnacionais, e essa é uma de minhas hipóteses. Uma outra hipótese que me surgiu seria a aproximação da ideia envolvendo o seminário e o livro sobre o neocolonial com o projeto, também de extrema importância, do livro *América Latina en sus artes* de 1974.

AA: Acontece que eu conhecia então historiadores da arquitetura através desses congressos de que eu participava, desses encontros... então eu tive uma ideia, tal qual como você menciona, com o Damian Bayón, esse historiador tão conhecido de arte e América Latina, ele tinha organizado... eu pensei em fazer um encontro prévio à seleção de textos, a procurar os textos... e eu tinha o nome dos arquitetos e os contatei. Como eles conheciam meu trabalho através de várias publicações minhas... eles aceitaram. Daí eu consegui o patrocínio do *Memorial da América Latina* para fazer esse encontro aqui em São Paulo... e foi muito interessante – interessantíssimo –, e foi logo depois que me aposentei da FAU. Organizei então esse encontro sobre o neocolonial na América Latina, com a presença de todos os que seriam participantes do livro, e houve um debate oral, uma troca de ideias, de poucos dias... três dias, eu acho. Mas que já deu a possibilidade de um contato entre todos, e... foi interessante porque pouca gente no Brasil se interessava... acho que até hoje, poucos se interessam pelo neocolonial.

JP: Sim, o interesse ainda é restrito. Um dos dados que minha pesquisa aponta é justamente esse pequeno interesse sobre o tema... Também por isso o desejo de conversar com a senhora, porque o livro [*Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*, 1994] demonstra um interesse muito antecipado sobre um assunto que ainda hoje não é amplamente debatido...

AA: Muito pequeno [interesse]! Como eu falei para você, até a Escola da Cidade, que é muito avançada, não possui esse meu livro... A biblioteca da Escola da Cidade.

JP: Isso foi uma surpresa para mim também. Porque, por acaso... à título de curiosidade, eu sou formado na Universidade Federal de Uberlândia, e lá eu tive contato com a publicação antes mesmo de começar a pesquisar sobre o neocolonial no mestrado, nas aulas de história da arquitetura brasileira.

AA: É mesmo?

JP: Tanto que foi uma surpresa quando, nas pesquisas, eu descobri que esse livro não era tão reconhecido... porque na UFU ele tem um certo destaque nas disciplinas.

AA: E você sabe que o *Fondo de Cultura Económica* quer publicar-lo, que é uma editora tão renomada no México, me deu também uma grande satisfação profissional, entende? Agora, como eu tenho um outro livro também publicado em espanhol que não foi traduzido... não sei se eu mencionei para você... que se chama *Arte y Arquitectura Del Modernismo Brasilenõ (1917-1930)*... publicado na Venezuela em 1978... Muita gente também pergunta “por que você não publica isso em português?”, daí que nem eu sei porque eu não publico... procurei até obter um outro exemplar, porque só tenho um, e... e disseram que está totalmente esgotado, e era uma referência dedicada a temas importantes da América Latina, organizada por Angel Rama, marido da Marta Traba, crítica de arte colombiana-argentina, e este é um livro que também ficou só em Espanhol... e não existe em português um livro como aquele, que tem todos os manifestos, sabe? São dois livros meus que ficaram em espanhol e não tiveram tradução em português.

JP: É uma pena... Gostaria que esses livros fossem publicados em português e fossem mais reconhecidos por aqui. Certamente o campo de estudo se beneficiaria bastante.

AA: Pois é, também creio. São livros de consulta, livros para estudantes de mestrado, doutorado... Esse livro *Arte y Arquitectura Del Modernismo Brasilenõ (1917-1930)* tem os manifestos sobre arquitetura, sobre literatura, sobre artes visuais, enfim... todas as áreas...

Mas voltando ao neocolonial. Eu acho que o neocolonial é tão importante nessa tendência de arquitetura... o estilo missões, o *mission style*, californiano, também tem muito também na Flórida, mas sobretudo na Califórnia que se expandiu para o resto da América Latina... existe no México, na Colômbia... em praticamente todos os países da América Latina, esse estilo de revivescência de uma época colonial. Carlos Lemos até o chamou de “o estilo que não existe”, algo assim, que considera justamente um estilo menor, sem importância... porque é uma coisa inventada. Muitas vezes existia uma grandiosidade, por exemplo, nos projetos de Victor Dubugras, na Serra do Mar... sabemos que na verdade não existia essa elaboração de casas de família na época colonial, que [naquela época] eram casas de taipa, de outro gênero de elaboração arquitetônica... ouve, de fato, a fabricação de um estilo... tanto que a Avenida Brasil, nas décadas de 1930 e 1940, tinha justamente “poços de água” e jardins com adornos, tinha, digamos assim, janelas trabalhadas... um tipo de ornamentação que, na verdade, não existia na época colonial. São uma fantasia dos arquitetos da década de 30, 40 e 50... mas é uma moda vigente nesse tempo. Foi como uma tendência – se você quiser, frívola –, de invenção de um passado grandioso, entre aspas, que não existiu.

JP: Esses são termos que aparecem muito no próprio livro organizado pela senhora... a questão da invenção do passado... a ideia de um jogo de espelhos, em que os países da América Latina se inspiram na arquitetura em curso na Califórnia... que, por sua vez, também foi “inspirado” em uma arquitetura do México, como coloca Manrique...

AA: O México como está mais próximo da Califórnia “copiava” com mais facilidade porque todo esse *mission style*... como a Califórnia tinha muitas missões franciscanas, sobretudo, que foram o passado da Califórnia no período colonial... a gente sabe que existia esse estilo que foi retomado no século XX, que foi retomado também no México, na Colômbia, na Venezuela, na Argentina, no Uruguai... e pelo Brasil inteiro. A gente viaja pelos países, e a gente fala “nossa, essa arcada é tipicamente neocolonial...” mas é um neocolonial inventado, copiado, inspirado via Estados Unidos. Então, os Estados Unidos exportaram essa arquitetura para toda a América do Sul, inclusive para o Brasil.

JP: São muito interessantes essas relações de troca entre esses contextos tão diversos... Isso é uma das pautas que tento explorar ao pensar o neocolonial sob uma perspectiva transnacional. Uma última questão nesse segmento seria se a professora poderia comentar

um pouco sobre como foi a organização do Seminário [*El neocolonial em América Latina*] e a posterior publicação do livro, envolvendo esses múltiplos autores e esses múltiplos contextos à época? Através das cartas<sup>71</sup>, é possível identificar o quão trabalhoso e desafiador pode ter sido, sobretudo em um momento em que a internet ainda não era consolidada por aqui.

AA: Você sabe que foi de uma abertura muito grande... Foi uma época em que todos eles, todos esses arquitetos, estavam ansiosos por dar publicação às suas pesquisas... então não houve nenhuma dificuldade de direitos autorais, eles enviaram as fotografias necessárias... havia uma historiadora argentina que morava nos Estados Unidos [Susana Torre] que também facilitou toda a chegada do material... enfim, houve uma conjunção de participação muito positiva, sabe? Não sei se hoje seria até mais complicado, naquela época foi uma coisa nova, inovadora... E quando o México se dispôs a fazer a publicação, no caso o *Fondo de Cultura Económica*, que é uma editora tão importante lá, eu fiquei profundamente feliz.

É uma pena que depois a publicação foi em espanhol e não houve nenhuma repercussão maior no Brasil... Nenhuma. É isso que me surpreendeu também pela falta de interesse. Mas como eu acho que a América Latina, em geral, também não interessa ao Brasil, por uma questão eu não sei se de língua, se é uma questão de o Brasil ser o único país que se tornou independente e permaneceu monárquico, entende? E quando todos os outros se tornaram repúblicas o Brasil se isolou da América Latina de uma forma muito intensa... E mesmo no começo do século XX, quando já havia esses movimentos novos de arquitetura, não existe uma retomada de interesse... como eu já falava espanhol, porque eu fiz o curso primário na Argentina, havia uma facilidade maior de estabelecimento de laços de amizade, com arquitetos e críticos da América Latina... em geral até hoje são raros os críticos de arte brasileiros que se articulam verdadeiramente com os críticos latino-americanos... eles ficam muito no Brasil, e no Brasil dialogando com os Estados Unidos e a Europa.

JP: Isso também é uma das questões que eu discuto nesse tópico em meu texto. Eu fiz uma disciplina no mestrado que se chama *Cultura, Arquitetura e Cidade na América Latina* cuja ideia é justamente aproximar esse diálogo entre reflexões do Brasil e os outros

---

<sup>71</sup> Disponibilizadas no Arquivo Aracy Abreu Amaral no IEB.



contextos latino-americanos. O primeiro artigo que escrevi sobre o livro da senhora foi como trabalho final dessa disciplina... entendendo como além de discutir o neocolonial de uma forma pioneira, o livro também aproxima esses contextos latino-americanos em um momento em que isso não acontecia de forma muito significativa na história da arquitetura.

AA: Pois é! Porque mesmo quando existem livros escritos por norte-americanos ou por ingleses sobre a arte na América Latina, eles tendem a focalizar a América Latina como um todo, e o Brasil é sempre um apêndice... eles colocam com uma força muito maior a contribuição mexicana, a contribuição argentina, peruana... e o Brasil mesmo ignora grandes artistas, nossos vizinhos, como foram a tríade de grandes artistas modernistas do Uruguai, como [Rafael] Barradas, [Joaquín] Torres-García e [Pedro] Figari. Entende? Que são gigantes do modernismo uruguaio e são pouco conhecidos por aqui... Fora, evidentemente, Torres-García que é um pouco mais conhecido.

JP: Em uma parte do meu trabalho, sobretudo nesta que concerne ao livro [*Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*, 1994] eu tenho tentado trazer uma leitura mais aproximada do neocolonial na América Latina... Mas existem outros trabalhos na FAU que estão dialogando com o contexto latino-americano, espero que essas relações possam aumentar gradativamente...

AA: Acho que uma forma seria justamente o Brasil adotar mais o espanhol como língua também...

JP: A questão da língua realmente é um entrave muito grande, principalmente para o diálogo...

AA: É um entrave muito grande porque eles não falam português, eles não entendem português... E embora o brasileiro entenda espanhol, a comunicação, de um ponto de vista de conversação, é falha também. É incrível, mas é verdade.

JP: Nós, enquanto brasileiros, até conseguimos entender um pouco melhor o espanhol, mas a comunicação realmente fica falha.

AA: Eu tenho uma pessoa ligada à minha família que é chilena e ela não entende nada de português, nada... e não existe um esforço mútuo de melhorar essa compreensão. E como o Brasil é muito mais inclinado para a Europa e os Estados Unidos, também não se preocupa... Se preocupa mais em falar inglês do que espanhol.

JP: Isso é uma falha, na minha opinião...

AA: É uma falha cultural nossa.

\*\*\*

JP: Um dos esforços que tenho feito na pesquisa é o de entender a recepção e a crítica desses documentos que estou utilizando no momento em que eles foram publicados... por acaso, sobre esse livro eu tenho encontrado muito pouca coisa...

AA: Pois é...

JP: Tem uma resenha reunida no arquivo do IEB, realizada à época...

AA: Eu tenho uma resenha aqui, publicada fora do Brasil, que estampa justamente a capa do livro e se intitula “*Arquitectura Neocolonial ¿Una máscara de identidad?*”, é em uma revista mexicana... mas te mando depois.

JP: Vai ser muito bom, porque esse mapeamento da recepção e da crítica tem sido difícil...

AA: Tem também uma resenha de Lisboa, uma pequena resenha, escrita por José Augusto Campos... são da época da publicação do livro. Vou fotografar e te enviar. Saiu uma resenha no suplemento do Estadão, por Teixeira Coelho, o professor que foi diretor até do Museu de Arte Contemporânea, é uma matéria de uma página e meia do Estadão...

JP: Que ótimo! Eu até tenho acesso ao arquivo do Estadão, às vezes eu consigo encontrar por lá.

AA: O texto é de 18 de junho de 1994. E acho que é só... que tenho aqui. Eu guardo todas essas matérias dentro do próprio livro, por isso encontrei agora... Quem escreveu sobre,

também, foi Hugo Segawa, meu ex-orientando. Ele fez uma matéria chamada “*A identidade neocolonial*”... eu nem me lembro sobre o que ele fala, não tenho ideia... Ele faz uma resenha do livro.

JP: Mas está ótimo! Porque eu tive uma certa dificuldade de encontrar matérias da época sobre o livro... especialmente agora na pandemia, essas buscas mais específicas se tornaram complicadas.

AA: Eu encontrei tudo isso dentro do meu livro, do meu exemplar... eu pego as notas guardo todas dentro do livro, então vou fotografar e envio para você.

JP: Aproveito para perguntar também se há o interesse por uma publicação em português do livro, caso fosse possível...

AA: Eu acharia maravilhoso!

JP: Eu, inclusive, adoraria colaborar com isso... se fosse preciso traduzir os textos, enfim, eu posso ajudar!

AA: Sei que há uma das colaboradoras, a Susana Torre, já falecida, e um dos historiadores de arquitetura presentes no livro já estão falecidos... os outros não tenho ideia, viu. Mas o mexicano Enrique Xavier de Anda, seria crucial, com certeza ele daria todo o suporte que precisasse, mas precisaria localizar o endereço dele.

JP: Sim, precisaríamos ir mapeando o interesse de cada um, mas acho que seria muito interessante tentar trazer esse livro para o português... principalmente porque há uma escassez significativa de trabalhos abrangentes sobre o estudo do neocolonial em específico. Eu tenho visto isso na prática porque tenho tentado mapear todos os trabalhos... é um número restrito.

AA: Sobre a produção dos Estados Unidos sei que existem mais... sobretudo na Califórnia.

JP: Minha pesquisa na verdade é focada no Brasil, mas a América Latina aparece justamente pela importância de compreender esse fenômeno como algo comum a esses contextos... Sobre a América Latina, em geral, ao que parece, também existe mais bibliografia que no Brasil em específico.

AA: É verdade. Aqui [no Brasil] existe um preconceito, porque como na famosa frase de Mário Pedrosa, “O Brasil é condenado ao Moderno”, eles acham que justamente não se pode estudar o passado e nem se pode estudar o passado mais recente... e o neocolonial é justamente o passado mais recente. Porque, por exemplo, Lucio Costa... quando eu comuniquei meu livro *Artes plásticas na Semana de 1922*, eu fui falar com ele e ele ficou irritado por eu ter incluído imagens das obras dele que eram neocoloniais... Mas eu lhe disse: “mas doutor Lucio, é seu trabalho na década de 20” – porque Lúcio Costa só se torna moderno depois que conhece o Warchavchik –, e ele falou algo como “Não, mas isso é muito ruim e não faz parte da minha obra”... Ou seja, ele não assumia seus trabalhos neocoloniais, entende? E eu até lhe disse depois, “mas veja, grandes arquitetos, o maior arquiteto justamente, [Carlos Raúl] Villanueva, da Venezuela, que depois fez a cidade universitária de Caracas, foram neocoloniais também, antes de aderir ao moderno...

JP: O próprio Luís Barragán também...

AA: Sim, Barragán também fez neocolonial. Mas havia o preconceito, como dizendo “esse estilo é maldito”. Costa não queria assumir sua própria trajetória, entendeu? O que eu considero uma tolice. Como um poeta maduro dizer aos 50 anos que não assume poemas que escreveu quando tinha 20, por serem muito verdes. Mas acontece que isso faz parte da trajetória, do crescimento da pessoa. Mas enfim, essa é a história. Vou tirar fotografia de todas essas coisas e encaminhá-la para você depois.

JP: Fugindo um pouco do neocolonial, para encerrar, e entrando rapidamente na questão dos arquivos, que também é um assunto indireto à minha pesquisa... Especialmente agora, que a discussão dos arquivos está em voga, com a saída dos arquivos de Paulo Mendes da Rocha e Lucio Costa para Portugal... gostaria de perguntar a respeito do arquivo da professora, que se encontra disponibilizado no IEB, que inclusive ajudou bastante a minha pesquisa. Nosso primeiro contato surgiu quando solicitei a autorização para a citação das cartas e trazê-las em meu trabalho. Gostaria de perguntar como se deu esse

armazenamento de documentos, dos registros, se isso sempre foi uma preocupação... tendo em vista que existem, só dentro da documentação relativa ao neocolonial, mais de 600 documentos cadastrados. Houve uma preocupação em produzir e organizar o arquivo?

AA: Eu fiz questão de doar o arquivo ao IEB porque, embora o IEB dificulte um pouco o acesso, é um arquivo que sei que estará bem catalogado e aberto à visitação e à pesquisa de estudiosos diversos. Agora, por exemplo, estou encontrando essas notas dentro desse meu exemplar, devo passar tudo para o IEB, agora que eles estão reabrindo, porque eu sei que isso deve se unir àquele trabalho sobre o neocolonial. Isso cabe estar lá, e não ficar comigo aqui.

\*\*\*

JP: Então é isso, professora! Peço desculpas por nossos desencontros anteriores e agradeço imensamente pela conversa.

AA: Não, tudo bem! Eu queria ter essa conversa, porque achei tão raro o interesse por esse trabalho e tão devido, porque tenho certeza de que daqui a alguns anos ele será mais pesquisado... eu achei muito interessante dar um retorno a você.

JP: Tenho um artigo já aceito para publicação, em que analiso a publicação do livro, também com a ajuda dos documentos presentes no IEB. Assim que sair, que é um processo um pouco demorado, encaminho tudo para a senhora. E uma vez que minha dissertação for concluída, também encaminho à senhora com os devidos agradecimentos. Porque, de fato, a possibilidade de acessar o arquivo no IEB... e agora a nossa conversa também... tudo isso é importante para a minha pesquisa.

AA: Um abraço então!

JP: Um abraço e muito obrigado!

**Apêndice 2:** Relatório de teses e dissertações que abordam a arquitetura neocolonial de forma direta ou indireta no recorte temporal 1970-2020

<b>Ano</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>	<b>Instituição pós-graduação</b>	<b>Tipo de material</b>	<b>Local</b>	<b>Enfoque</b>	<b>Orientador</b>	<b>Aproximação com o neocolonial</b>
1985	Eduardo de Jesus Rodrigues	As fachadas na arquitetura paulistana: o estilo Missões	FAU-USP	Dissertação	São Paulo	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Élide Monzeglio	Direta
1991	Maria Ângela Pereira Bortolucci	Moradias urbanas construídas em São Carlos no período cafeeiro	FAU-USP	Tese	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Indireta
1998	Guilah Naslavsky	Modernidade arquitetônica no Recife: arte, técnica e arquitetura de 1920 a 1950	FAU-USP	Dissertação	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Indireta
2002	Carlos Kessel	Entre o pastiche e a modernidade: arquitetura neocolonial no Brasil	UFRJ	Tese	Rio de Janeiro	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Afonso Carlos Marques dos Santos	Direta
2002	Giovanni Blanco Sarquis	A Arquitetura como expressão da modernidade em Belém entre 1930 e 1964	Mackenzie	Dissertação	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Candido Malta Neto	Direta
2002	Marcelo da Rocha Silveira	A arquitetura neocolonial e o pensamento nacionalista	UFRJ	Dissertação	Rio de Janeiro	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Aquiles Cortes Guimarães	Direta
2002	Edis Evandro Teixeira de Carvalho	A arquitetura neocolonial: a arquitetura como afirmação da nacionalidade	UFBA	Dissertação	Salvador	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Paulo Ormindo David de Azevedo	Direta

<b>2003</b>	Marcelho Saldanha Sutil	Beirais e platibandas: A arquitetura de Curitiba na primeira metade do século 20	UFPR	Tese	Curitiba	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Etelvina Maria de Castro Trindade	Indireta
<b>2003</b>	Luciana Pelaes Mascaro	Arquitetura e Modo de vida no assentamento rural Bela Vista Chibarro	EESC-USP (IAU-USP)	Dissertação	São Carlos	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Maria Ângela Bortolucci	Indireta
<b>2004</b>	Maria de Lourdes Rumbelsperger	A arquitetura neocolonial e sua poética: das origens do movimento ao projeto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	UFF (IACS)	Dissertação	Rio de Janeiro	Teoria, história e historiografia da arquitetura	José Maurício Saldanha Álvarez	Direta
<b>2004</b>	Clara Correia d'Alambert	Manifestações da arquitetura residencial paulistana entre as Grandes Guerras	FAU-USP	Tese	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Indireta
<b>2004</b>	Nora Maria Geoffroy	A morada carioca no contexto das zonas norte e sul nos anos 20	FAU-USP	Tese	São Paulo	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Indireta
<b>2004</b>	André Henrique Quintanilha Ronzani	O discurso de Ricardo Severo e o Neocolonial Brasileiro	Mackenzie	Dissertação	São Paulo	Arquitetos e figuras importantes	Candido Malta Neto	Direta
<b>2005</b>	Maria Lucia Bressan Pinheiro	Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil	FAU-USP	Tese (livre-docência)	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura		Direta
<b>2005</b>	Renato Guimarães Pereira	Documentário Necessário: Contribuição de José Wasth Rodrigues para a Arquitetura Brasileira entre 1914 e 1944	Mackenzie	Dissertação	São Paulo	Arquitetos e figuras importantes	Carlos Guilherme S. Serôa da Mota	Indireta

<b>2005</b>	Marcele Linhaes Viana	Mobiliário Neocolonial: A busca pela tradição na modernidade nacional (1920-1940)	UFRJ (Artes Visuais)	Dissertação	Rio de Janeiro	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Angela Ancora da Luz	Direta
<b>2005</b>	Joana Mello de Carvalho e Silva	Nacionalismo e arquitetura em Ricardo Severo: Porto 1969-São Paulo 1940	EESC-USP (IAU-USP)	Dissertação	São Carlos	Arquitetos e figuras importantes	José Tavares Correia de Lira	Direta
<b>2005</b>	Silvia Becher Breitenbach	A presença da arquitetura neocolonial na cidade de Salvador	UFBA	Dissertação	Salvador	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Odete Dourado	Direta
<b>2007</b>	Fernando Atique	Arquitetando a "Boa Vizinhança": a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1976-1945	FAU-USP	Tese	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Maria Lucia Caira Gitahy	Direta
<b>2007</b>	Ana Slade Oliveira	Arquitetura moderna brasileira e as experiências de Lucio Costa na década de 1920	UFRJ (Artes Visuais)	Dissertação	Rio de Janeiro	Arquitetos e figuras importantes	Sonia Gomes Pereira	Indireta
<b>2008</b>	Thais Rezende da Silva de Sant'Ana	A Exposição Internacional do Centenário da Independência: modernidade e política no Rio de Janeiro dos anos 1920	Unicamp	Dissertação	Campinas	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Edgar Salvadori De Decca	Indireta
<b>2008</b>	Luciana Pelaes Mascaro	Difusão da Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista: 1920-1950	IAU-USP	Tese	São Carlos	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Maria Ângela Bortolucci	Direta
<b>2008</b>	Marcele Cristiane da Silveira	O azulejo na modernidade arquitetônica, 1930-1960	FAU-USP	Dissertação	São Paulo	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Miguel Alves Pereira	Indireta



<b>2009</b>	Marianna Ramos Boghosian Al Assal	Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura varguista: as Escolas Práticas de Agricultura do Estado de São Paulo	FAU-USP	Dissertação	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Ana Lucia Duarte Lanna	Direta
<b>2010</b>	Elizabeth Amorim de Castro	Arquitetura das Escolas Públicas do Paraná (1853-1955)	UFPR	Tese	Curitiba	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Magnus Roberto de Mello Pereira	Indireta
<b>2011</b>	Barbara Schaffer	Porto Alegre, arquitetura e estilo 1880-1930	UFRGS	Dissertação	Porto Alegre	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Claudio Calovi Pereira	Indireta
<b>2011</b>	Suellen Dayse Versiani dos Santos	A casa brasileira do século XIX e seus desdobramentos na produção residencial de Belo Horizonte	UFMG	Dissertação	Belo Horizonte	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	André Guilherme Dornelles Dangelo	Indireta
<b>2012</b>	Silvia Amaral Palazzi Zakia	Construção, arquitetura e configuração urbana em Campinas nas décadas de 1930 e 1940. O papel de quatro engenheiros modernos.	FAU-USP	Tese	São Paulo	Arquitetos e figuras importantes	Mario Henrique Simão D'Agostino	Indireta
<b>2012</b>	Maria Furriel Ramos Galvez	Dois pavilhões brasileiros em Exposições Internacionais do Século XX: Ideias para uma arquitetura nacional brasileira	PUC-Rio (história)	Dissertação	Rio de Janeiro	Teoria, história e historiografia da arquitetura	João Masao Kamita	Direta
<b>2013</b>	Caion Meneguello Natal	Da casa de barro ao palácio e concreto: a invenção do patrimônio arquitetônico no Brasil (1914-1951)	Unicamp (história)	Tese	Campinas	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Silvana Rubino	Indireta

<b>2013</b>	Cristiano Zluhan Pereira	Entre textos e projetos: O arquiteto João Antônio Monteiro Neto em Porto Alegre	UFRGS	Dissertação	Porto Alegre	Arquitetos e figuras importantes	Claudio Calovi Pereira	Indireta
<b>2015</b>	Felipe Moreira de Azevedo	Preservação da "Arquitetura Patriótica Brasileira": estudo arquitetônico das residências neocoloniais em Belém do Pará	UFPA	Dissertação	Belém	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Cybelle Salvador Miranda	Direta
<b>2015</b>	Rogério Novakoski Ferreira Alves	Mudanças nos programas funcionais das residências da elite paulistana do século XVIII e XX	Mackenzie	Dissertação	São Paulo	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Roberto Righi	Indireta
<b>2017</b>	Manuella Araújo de Souza	O concreto armado nas edificações de Salvador no período entre guerras (1919-1938)	UFBA	Tese	Salvador	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Cybéle Celestino Santiago	Indireta
<b>2017</b>	Claudia Mazarakis Rubim	A preservação de um patrimônio edificado da saúde no Rio de Janeiro: O Hospital Universitário Gaffrée e Guinle	UFRJ	Dissertação	Rio de Janeiro	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Cláudia Nóbrega	Indireta
<b>2018</b>	Rosely Mayse Seno	São José do Rio Preto e o patrimônio edificado: Urbanismo, arquitetura e fisionomia da cidade	PUC Campinas	Dissertação	Campinas	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Maria Cristina da Silva Schicchi	Indireta
<b>2018</b>	Leonardo Faggion Novo	Entre arte e técnica: arquiteturas políticas na legitimação da profissão no Brasil (1920-1930)	Unicamp	Dissertação	Campinas	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Josianne Francia Cerasoli	Indireta

**Apêndice 3:** Relatório de livros, artigos, capítulos de livro e outros (relatórios, monografias, resumos...) que abordam a arquitetura neocolonial de forma direta ou indireta, publicados no recorte temporal 1970-2020.

<b>Ano</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>	<b>Tipo de material</b>	<b>Local da publicação</b>	<b>Enfoque</b>	<b>Aproximação</b>
1977	Ana Maria do Carmo Rossi Gonçalves	A obra de Ricardo Severo	Outros (Monografia)	São Paulo	Arquitetos e figuras importantes	Direta
1978	José Horácio de Almeida Nascimento Costa	Sobre o Neocolonial	Outros (Monografia)	São Paulo	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Direta
1979	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Arquitetura Brasileira	Livro	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
1981	Yves Bruand	Arquitetura Contemporânea no Brasil	Livro	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
1981	Paulo F. Santos	Quatro séculos de arquitetura no Brasil (2a ed)	Livro	Rio de Janeiro	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
1983	William Bittar Francisco Salvador Veríssimo	Inventário Arquitetônico: O neocolonial no município do Rio de Janeiro	Livro	Rio de Janeiro	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Direta
1985	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Alvenaria Burguesa	Livro	São Paulo	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Indireta
1987	Annateresa Fabris	Ecletismo na Arquitetura Brasileira	Livro	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
1993	Annateresa Fabris	Arquitetura Eclética no Brasil: o cenário da modernização	Artigo (periódico)	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
1993	Jorge Czajkowski	A Arquitetura Racionalista e a tradição brasileira	Artigo (periódico)	Rio de Janeiro	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
1994	Aracy Amaral	Arquitetura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos	Livro	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
1994	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	El estilo que nunca existió	Capítulo de livro	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta

<b>1994</b>	Ricardo Marques de Azevedo	Las ideas de Ricardo Severo y la relación con el academicismo	Capítulo de livro	São Paulo	Arquitetos e figuras importantes	Direta
<b>1994</b>	Augusto da Silva Telles	Neocolonial: La polémica de José Mariano	Capítulo de livro	São Paulo	Arquitetos e figuras importantes	Direta
<b>1994</b>	Aracy Amaral	La invención de um pasado	Capítulo de livro	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>1998</b>	Marcelo Puppi	Por uma história não moderna da arquitetura brasileira	Livro	Campinas	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
<b>1998</b>	Hugo Segawa	Arquiteturas no Brasil 1900-1990	Livro	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
<b>1999</b>	Carlos Kessel	Estilo, discurso, poder: Arquitetura Neocolonial no Brasil	Artigo (periódico)	Campinas	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>1999</b>	William Bittar	O Movimento Neocolonial	Capítulo de livro	Rio de Janeiro	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2000</b>	Jorge Czajkowski	Guia de Arquitetura Eclética no Rio de Janeiro	Livro	Rio de Janeiro	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Indireta
<b>2001</b>	Silvia Ferreira Santos Wolff	Jardim América: o primeiro bairro jardim de São Paulo	Livro	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
<b>2002</b>	Sérgio de Simone	A faculdade de direito do Largo de São Francisco: Um paradigma neocolonial em São Paulo	Artigo (outros)	Campinas	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2002</b>	Giovanni Blanco Sarquis	Tradição e diversidade na arquitetura Neocolonial em Belém do Pará	Artigo (periódico)	Belém	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2002</b>	Marianna Ramos Boghosian	A arquitetura neocolonial paulista: Caderno de projetos levantados	Outros (Monografia)	São Paulo	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Direta
<b>2003</b>	Carlos Kessel	Vanguarda Efêmera: Arquitetura Neocolonial na Semana de Arte Moderna de 1922	Artigo (periódico)	Rio de Janeiro	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta

<b>2003</b>	Maria Lucia Bressan Pinheiro	O Neocolonial e o edifício da Faculdade de Direito de São Paulo	Artigo (evento)	São Paulo	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Direta
<b>2004</b>	Maria de Lourdes Rumbelsperger	Forma ambígua que pode ser interpretada à luz de códigos diferentes: O neocolonial brasileiro, entre a representação simbólica e a semiótica	Artigo (periódico)	Rio de Janeiro	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Direta
<b>2004</b>	Maria de Lourdes Rumbelsperger	Arquitetura Neocolonial 1a ed.	Livro	Rio de Janeiro	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2004</b>	Luciana Pelaes Mascaro	Identidade e Modernidade na produção arquitetônica do início do século XX: Movimento Neocolonial e Regionalismo crítico	Artigo (evento)	Belo Horizonte	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2004</b>	Gisele Sanglard Renato da Gama-Rosa Costa	Direções e traçados da assistência hospitalar no Rio de Janeiro (1923-31)	Artigo (periódico)	Rio de Janeiro	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Indireta
<b>2004</b>	Ruth Vieira Levy	A Exposição do Centenário e o meio arquitetônico carioca do início dos anos 20	Artigo (periódico)	Rio de Janeiro	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
<b>2005</b>	Maria Lucia Bressan Pinheiro	Mário de Andrade e o Neocolonial	Artigo (periódico)	São Paulo	Arquitetos e figuras importantes	Direta
<b>2006</b>	Maria Cecília Cortez de Souza	Memórias de formação e o debate sobre a tradição brasileira na arquitetura (1920-1930)	Artigo (periódico)	Natal	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
<b>2006</b>	Mauro F. Guillen	Modernism without modernity: The rise of modernist architecture in Mexico, Brazil and Argentina (1890-1940)	Artigo (periódico)	Pittsburgh	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
<b>2006</b>	Maria Lucia Bressan Pinheiro	A história da arquitetura brasileira e a preservação do patrimônio cultural	Artigo (periódico)	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
<b>2007</b>	Guilherme Wisnik	Plástica e anonimato: modernidade e tradição em	Artigo (periódico)	São Paulo	Arquitetos e figuras importantes	Indireta

		Lucio costa e Mário de Andrade				
<b>2007</b>	Joana Mello de Carvalho e Silva	Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira	Livro	São Paulo	Arquitetos e figuras importantes	Direta
<b>2007</b>	Gisele Sanglard	Hospitais: Espaços de cura e lugares de memória da saúde	Artigo (periódico)	São Paulo	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Indireta
<b>2008</b>	Marianna Ramos Boghosian Al Assal	Arquitetura como meio para construção identitária: O estilo Neocolonial nas escolas práticas de agricultura do estado de São Paulo	Artigo (evento)	Campinas	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2008</b>	Carlos Kessel	Arquitetura Neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade	Livro	Rio de Janeiro	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2009</b>	Rafael Alves Pinto Júnior	Modernidade Impressa: o interesse das revistas pelo espaço arquitetônico e urbano no Rio de Janeiro	Artigo (evento)	Goiânia	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
<b>2009</b>	Luciana Pelaes Mascaro Maria Ângela Pereira Bortolucci	Raul Lino: Uma leitura dos projetos das casas portuguesas	Artigo (periódico)	Campinas	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Indireta
<b>2009</b>	Alex Miyoshi	Victor Dubugras, arquiteto dos caminhos	Artigo (periódico)	Campinas	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Indireta
<b>2009</b>	Roberto Conduru	Entre histórias e mitos, uma revisão do neocolonial	Artigo (periódico)	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2009</b>	Telma de Barros Correia	Arquitetura e ambiente: A noção de adaptabilidade ao meio no discurso modernista	Artigo (periódico)	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
<b>2010</b>	Fernando Atique	Arquitetando a "Boa Vizinhança": arquitetura, cidade e cultura nas relações Brasil-Estados Unidos	Livro	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta

2010	Fernando Atique	Formas que (Não) Unem: As visões de Ricardo Severo e José Marianno filho sobre o Neocolonial e o Estilo Missões	Artigo (evento)	São Paulo	Arquitetos e figuras importantes	Direta
2010	Marianna Ramos Boghosian Al Assal	Arquitetura, modernidade e identidade nacional: aspectos para a construção de uma história comparada entre México e Brasil	Artigo (evento)	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
2010	Fernando Atique Simone Aparecida Montanhez	The "Gouvêa e Cunha" Office: an important place for the construction of modern Campinas (1924-1936).	Artigo (evento)	Istambul	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
2010	Simone Aparecida Montanhez	A atuação profissional do engenheiro-arquiteto Lix da Cunha, em Campinas, 1924-1936	Outros (Relatório IC)	Itatiba	Arquitetos e figuras importantes	Indireta
2010	Luciana Pelaes Mascaro	Escolas Práticas de Agricultura: Arquitetura Neocolonial no Estado de São Paulo	Artigo (evento)	São Carlos	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Direta
2011	Maria Lucia Bressan Pinheiro	Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil	Livro	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
2011	Fernando Atique	Urdiduras continentais no debate acerca do Mission Style. Notas sobre o pan-americanismo na arquitetura neocolonial	Artigo (periódico)	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
2011	Rafael Alves Pinto Júnior	Da arte como civilização e outras lições da Renascença Portuguesa: Ricardo Severo e a arte tradicional no Brasil	Artigo (periódico)	Goiânia	Arquitetos e figuras importantes	Direta
2011	Maria Lucia Bressan Pinheiro	Ricardo Severo e o Neocolonial: Tradição e modernidade no debate	Artigo (periódico)	São Paulo	Arquitetos e figuras importantes	Direta

		cultural dos anos 1920 no Brasil.				
<b>2011</b>	Felipe Moreira de Azevedo	As residências em Belém do Colonial ao Neocolonial: o estudo de suas representações e características	Outros (Resumo)	Porto Alegre	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Direta
<b>2011</b>	Luciana Pelaes Mascaro Maria Ângela Pereira Bortolucci Julia Maria Lourenço	Ricardo Severo, Raul Lino e os movimentos tradicionalistas	Artigo (periódico)	Rio de Janeiro	Arquitetos e figuras importantes	Direta
<b>2012</b>	Caion Meneguello Natal	A retórica da tradição: tempos e espaços da arquitetura neocolonial no Brasil, 1914-1930	Capítulo de livro	Rio de Janeiro	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2012</b>	Wilson Ricardo Mingorance	O debate sobre a arte, a arquitetura e a cidade do século XIX em José Marianno Filho	Outros (Monografia)	São Paulo	Arquitetos e figuras importantes	Direta
<b>2012</b>	Wilson Ricardo Mingorance	A apreciação de José Marianno Filho sobre a arte, a arquitetura e a cidade do século XIX	Outros (Relatório IC)	São Paulo	Arquitetos e figuras importantes	Direta
<b>2012</b>	Marcelo Saldanha Sutil	1920 - Uma década em foco	Artigo (Resenha em periódico)	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2013</b>	Felipe Moreira de Azevedo	As residências neocoloniais do bairro de Nazaré: Estudo de suas representações e características a partir da etnografia de rua	Artigo (evento)	Pelotas	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Direta
<b>2013</b>	Ana Slade Oliveira	As experiências eclético-acadêmicas de Lucio Costa - Uma lacuna na história da arquitetura no Brasil	Artigo (periódico)	Rio de Janeiro	Arquitetos e figuras importantes	Indireta



<b>2013</b>	Ivan Cavalcanti Filho Camila Renata de Figueiroa Queiroz	Memória da Arquitetura Neocolonial Luso-Brasileira na cidade de João Pessoa	Artigo (evento)	Natal	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2013</b>	Ivan Cavalcanti Filho Emanoel Victor Patrício de Lucena	A Arquitetura neocolonial luso-brasileira na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil	Artigo (evento)	Mar del Plata	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2013</b>	Ivan Cavalcanti Filho Emanoel Victor Patrício de Lucena	O neocolonial hispano-americano como documento de uma arquitetura residencial pessoense no século XX	Artigo (evento)	Belo Horizonte	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Direta
<b>2013</b>	Wilson Ricardo Mingorance	Leituras de José Marianno Filho sobre a arte, a arquitetura e a cidade do século XIX no Brasil	Artigo (periódico)	Rio de Janeiro	Arquitetos e figuras importantes	Direta
<b>2014</b>	Ivan Cavalcanti Filho Emanoel Victor Patrício de Lucena	A arquitetura neocolonial como protagonista da paisagem urbana de João Pessoa no século XX	Capítulo de livro	Charleston	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Direta
<b>2014</b>	Ivan Cavalcanti Filho Emanoel Victor Patrício de Lucena	A diversidade morfológica da arquitetura neocolonial hispano-americana na cidade de João Pessoa no século XX	Artigo (evento)	Bauru	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2014</b>	Tiago Costa Bernardi	Arquitetura Neocolonial e "as sábias lições" e José Marianno Filho	Outros (Monografia)	Rio de Janeiro	Arquitetos e figuras importantes	Direta
<b>2015</b>	Fernando Atique	Um sotaque disfarçado: A recepção de referências americanas no curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes	Artigo (periódico)	Rio de Janeiro	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
<b>2015</b>	Joana Mello de Carvalho e Silva	Inventar o passado, construir o futuro: São Paulo entre nacionalismos e cosmopolitismos nas primeiras décadas do século 20	Artigo (periódico)	São Paulo	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
<b>2016</b>	Miguel Antonio Buzzar	Modernidade e arquitetura neocolonial: o caso da Escola	Artigo (evento)	Porto Alegre	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta

	Maria Tereza Regina Cordido Mônica Camargo Junqueira	Prática de Agricultura do município de Pirassununga				
<b>2016</b>	Ivan Cavalcanti Filho Camila Renata Queiroz Emanoel Victor Patrício de Lucena	A presença do neocolonial: a versão luso-brasileira e a variante hispano-americana (João Pessoa)	Capítulo de livro	João Pessoa	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Direta
<b>2016</b>	Maristela Siolari da Silva Josélia Godoy Portugal	A revista Architectura no Brasil, o Neocolonial e a Exposição do Centenário da Independência	Artigo (evento)	Porto Alegre	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2016</b>	Fernando Atique	De "Casa Manifesto" a "Espaço de desafetos": os impactos culturais, políticos e urbanos verificados na trajetória do Solar do Monjope (Rio, anos 20 - anos 70)	Artigo (periódico)	Rio de Janeiro	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2017</b>	Maria Lucia Bressan Pinheiro	Arquitetura religiosa neocolonial em São Paulo: o debate dos anos 1920 e sua repercussão	Artigo (evento)	Bauru	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2017</b>	Rogério Novakoski Ferreira Alves	Entre o ecletismo e o modernismo: A racionalização da residência burguesa em São Paulo	Artigo (periódico)	Presidente Prudente	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Indireta
<b>2017</b>	Pedro Paulo Palazzo	Patrimonialização e exemplaridade da arquitetura religiosa: paralelos entre o renascimento e o neocolonial	Artigo (evento)	Salvador	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2018</b>	Marcelo da Rocha Silveira	Modernidade e actualidade da Arquitetura Regional. Raul Lino, José Marianno e a arquitectura luso-brasileira	Capítulo de livro	Lisboa	Arquitetos e figuras importantes	Direta
<b>2018</b>	Maria Lucia Bressan Pinheiro	A Nossa Casa - Repercussões no Brasil	Capítulo de livro	Lisboa	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta

<b>2018</b>	Maria Clada Amado	Raul Lino. Um pensar arquitetônico que se irmana ao Brasil na poética da Casa	Capítulo de livro	Lisboa	Arquitetos e figuras importantes	Indireta
<b>2018</b>	Ivan Cavalcanti Filho Emanoel Victor Patrício de Lucena	A diversidade morfológica da arquitetura neocolonial hispano-americana na cidade de João Pessoa entre 1940 e 1960	Capítulo de livro	João Pessoa	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Direta
<b>2018</b>	Paula André (org)	Celebrando a Nossa Casa (1918-2018) de Raul Lino - Antologia de Ensaio	Livro	Lisboa	Teoria, história e historiografia da arquitetura	Indireta
<b>2019</b>	Joana Mello de Carvalho e Silva	A construção do nacional: Ricardo Severo e a Campanha da Arte Tradicional no Brasil	Artigo (periódico)	Belo Horizonte	Arquitetos e figuras importantes	Direta
<b>2019</b>	Claudio Antônio Santos Lima Carlos	Quando o moderno era neocolonial: a participação de Eugênio de Proença Sigaud no processo de construção do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Artigo (evento)	Salvador	Arquitetos e figuras importantes	Direta
<b>2019</b>	Caion Meneguello Natal	A arquitetura neocolonial de Ricardo Severo e José Marianno	Artigo (periódico)	Belo Horizonte	Arquitetos e figuras importantes	Direta
<b>2020</b>	Camila Corsi Ferreira	Difusão do neocolonial estilo missões em Espírito Santo do Pinhal SP	Artigo (periódico)	São Paulo	Linguagem arquitetônica, análise de projetos e composições	Direta
<b>2020</b>	Maria Lucia Bressan Pinheiro	Repercussão do ideário neocolonial na atuação preservacionista de Mário de Andrade e Lucio Costa	Artigo (periódico)	Mar del Plata	Arquitetos e figuras importantes	Direta

